

OBRAS COMPLETAS DE PIETRO UBALDI - VOL. 3

***PIETRO UBALDI***

**AS NOÚRES**  
**Técnica e Recepção**  
**das**  
**Correntes de Pensamento**

*"Não sabemos senão em razão da nossa faculdade de recepção".*

*PITÁGORAS*

TRADUÇÃO DE

CLÓVIS TAVARES

Fundação Pietro Ubaldi - FUNDÁPU  
DEPARTAMENTO EDITORIAL

Avenida Rui Barbosa, 1.061

28.100 - CAMPOS, RJ.

## ÍNDICE

- Prefácio para a Edição Brasileira**  
**Relatório da Comissão Julgadora**
- I — Premissas**
- II — O Fenômeno**
- III — O Sujeito**
- IV — Os Grandes Inspirados**
- V — Técnica das Noúres**  
**(Fotografias radioscópicas)**
- VI— Conclusões**

## PREFÁCIO

## PARA A EDIÇÃO BRASILEIRA

O anexo Relatório da Comissão Julgadora é mais que suficiente como apresentação do Autor e do livro e como explicação do significado deste.

"As Noúres" representam o 3º volume da 1ª Trilogia ubaldiana e se propõem a estudar o fenômeno inspirativo através do qual Ubaldi conseguiu registrar "A Grande Síntese".

No presente volume, ele, como instrumento, se faz observador do seu caso, usando o método objetivo, qual o da ciência moderna, aventurando-se num terreno por esta ainda não explorado, procurando compreender o que com ele mesmo aconteceu. Isso não impede que a própria inspiração haja continuado a guiá-lo, especialmente em face de problemas insolúveis para a razão e o conhecimento atual isolados.

A primeira edição italiana desta obra foi impressa por U. Hoepli, em 1937, após ter sido premiada num concurso organizado pelo Prof. Gino Trespioli para sua "Coleção de Biosofia". Morto Trespioli e interrompida a "Coleção" o Autor foi declarado livre para reimprimir o seu "As Noúres", que vem assim a fazer parte de sua obra de 24 volumes, como se vê no plano geral.

Esperamos, desse modo, oferecer uma contribuição útil ao conhecimento de alguns especiais e elevados aspectos do problema espiritual, que é um dos maiores em torno do qual trabalha a mente humana.

## RELATÓRIO DA COMISSÃO JULGADORA

O primeiro tema que conquistou o prêmio destinado aos Autores de Monografias e Ensaios que deverão constituir a "Coleção de Biosofia" se refere às "Noúres", hipótese das "correntes espirituais", emitidas por forças invisíveis, por Essências que um dia animaram seres humanos ou que nunca se incorporaram a organismos físicos, vivendo e agindo no infinito do tempo e do espaço e que influem, muito freqüentemente sobre a nossa Terra.

Um único concorrente, respeitando as normas do concurso, fez chegar oportunamente o

próprio trabalho, unido a um sobrescrito assinalado com o número VI e o moto: "In hoc signo vinces".

Após o julgamento, unanimemente favorável, foi aberta a sobrecarta: Dr. Prof. Pietro Ubaldi, Gubbio (Perusa)

Agradabilíssima surpresa, embora o valor literário, eminentemente biosófico, e as referências à produção ultrafânica, que nesta obra são freqüentes, já tivessem feito nascer a esperança de que o autor fosse precisamente Pietro Ubaldi.

Se nos fosse lícito falar de "sorte", deveríamos exclamar ser uma grande sorte a "Coleção de Biosofia" iniciar-se com a monografia de um hipersensitivo, dotado de faculdades tão particulares que não se podem confundir com as dos mais poderosos e experimentados ultrafanos. Não podemos, porém, jamais falar de "sorte", mais ou menos cega; sabemos que nossas obras são ordenadas e dirigidas por uma Força superior, que mede, estabelece, escolhe os instrumentos, guiando-os, e por meio deles realiza o que deve ser realizado.

Não pareça supérfluo determo-nos nesse assunto, pois o episódio é imensamente belo e eloqüente e não pode permanecer ignorado.

O relator que subscreve estas páginas teve um dia uma idéia, ou melhor, um desejo: que uma grande casa editora publicasse uma série de monografias sobre os problemas mais torturantes e mais ocultos da vida do homem e do cosmos. Sonho! Não havia surgido, não havia brilhado com todo o encantamento de sua beleza e grandiosidade, que desaparecia ante a inesperada visão de todas as impossibilidades, uma casa editora que, justamente no período mais atroz da crise moral, social e econômica, consumira somas ingentes para publicar uma coleção de livros biosóficos? Quem os leria? E, sobretudo, quem os escreveria?

"Poucos dias" depois, porém, um Sócio Emérito da Sociedade de Biopsíquica, que vive distante da Itália, dirigiu a quem escreve estas linhas, uma carta que dizia mais ou menos o seguinte: "Tenho pensado que seria útil e justo que os problemas biosóficos fossem objeto de outras tantas monografias; examina o assunto, toma as devidas informações e, sob os auspícios de nossa Sociedade, sejam feitos tantos concursos anuais quantos sejam os temas. Já se encontra em disponibilidade todo o necessário para premiar os dignos e para a difusão das monografias, sem determinação de número".

Quem havia recebido tal inesperada comissão imediatamente interrogou o Espírito-Guia (O Mestre) da ultrafana Bice Valbonesi; eis a resposta: "Tudo isso é determinação superior; fui eu quem ligou teu pensamento à mente do teu Irmão distante, que, doutro modo, não se aliaria ao teu desejo; ele e tu cumprireis simplesmente um dever. Obedecei e trabalhai".

Eis, agora e aqui, escolhido Pietro Ubaldi com o primeiro dos trabalhos e justamente

com um trabalho que se refere ao principal argumento, fundamental, da ultrafania; Pietro Ubaldi, que é dotado de uma hipersensibilidade excepcional, não confundível com a dos maiores ultrafanos. Sócrates ouvia, também, a "Sua Voz", mas talvez não tivesse sabido falar — pelas condições do seu tempo, do ambiente, do grau evolutivo de então, do estado da ciência de sua época — como Pietro Ubaldi, usando um método científico, sobre o fenômeno do qual é instrumento, mas instrumento consciente do valor da produção que através de si mesmo se manifesta.

Ultrafano no verdadeiro e mais amplo sentido da palavra, na forma e na substância de sua obra perfeita, o autor de "As Noúres" pode falar sobre as correntes espirituais o que nenhum pensador, embora genial, poderia jamais dizer, porque Ubaldi "viveu" sua obra, abandonando o próprio Eu às ordens de uma Entidade de superlativa inteligência, que ele denomina "Sua Voz" e que lhe vem do Mistério. Ele obedeceu, recolhendo e repetindo aos homens as palavras profundas que ele não pensou, mas ouviu. E pôde, ao mesmo tempo, com as próprias faculdades cerebrais, seguir, indagar, entender (o que era justamente nosso desejo) a técnica, por assim dizer, desse importantíssimo fato espiritual que é a radiação emitida pelas Essências vivas, de uma vida exterior aos estreitos limites da nossa existência.

A "Coleção de Biosofia" tem seu início, pois, com o trabalho de um autor que, aos dotes naturais da mente, à cultura profunda do imenso problema, reúne faculdades supranormais dum grau tão elevado que talvez não se possam confrontar se não remontarmos aos grandes Místicos.

Pietro Ubaldi é, pois, um **assinalado**, um dos que são **enviados** e para nós, crentes na realidade duma vida além do túmulo, é impossível deixar de reconhecer que tudo que aqui se expõe é uma demonstração a mais de que uma Lei superior impera e dirige nossos esforços, por Ela regulados e desejados.

\* \* \*

O relatório de uma comissão deve ser conciso. No caso presente, entretanto, importa atender menos ao hábito: seja porque o trabalho premiado é, em parte pelo menos, obra ultrafânica, e o Autor deve, assim, ser apresentado aos leitores como um sujeito digno de particular exame; seja porque o presente trabalho repete e completa e, de algum modo, se refere a um anterior trabalho seu sobre o assunto.

Após o êxito do concurso, a Comissão julgou conveniente conhecer mais de perto o sujeito. Pietro Ubaldi (nascido em Foligno, em 1886) nos disse: "Tinha por instinto o Evangelho no coração; nasci para amar". Estudou unicamente para ser promovido nos exames, pois, diz ele

"Não cria no que me ensinavam, que eu sentia incompleto, inútil, sem bases substanciais. A verdade estava em mim, eu a procurava dentro de mim. Lançava-me, rebelde a qualquer guia, ao conhecimento humano, ao acaso, procurando secretamente minha verdade. Contemplava o mundo e as coisas, do interior, Cm suas causas e princípios e não nos seus efeitos e utilização prática. Do mesmo modo que os volitivos e os práticos podem considerar-me um incompetente com relação ao gozo utilitário da vida, eu posso considerá-los incompetentes com respeito à solução dos problemas do conhecimento".

Isso não o impediu de obter, com honra, o diploma de doutor em Direito, de haver aprendido diversas línguas, de ser versado em música, de fazer longas viagens e, finalmente, de conquistar, em poucos meses, uma cátedra nas Escolas Médias. Estudava, observava, meditava. Sobretudo meditava; e "o turbilhão das exigências exteriores golpeava-me sem trégua, impondo-se à atenção de meu espírito, que queria viver sua vida. Acumulavam-se as experiências humanas, quase todas amaríssimas. A dor martelava minha alma sob seus golpes. A maturação se precipitava. Um dia, à beira-mar, em Falconara, contemplando a beleza da criação, senti, de um modo evidente, a revelação, rápida como o raio: que o Todo não podia ser mais que Matéria, Energia e Conceito ou Espírito: (M = E = C) = S (S significa Substância)".

Desde esse luminoso instante se inicia o esforço de Ubaldi. Em "**Ultra**", de Roma (1928-29), em "**Constancia**", de Buenos Aires (1932) etc., surgem as primeiras tentativas e em seguida prepara "A Grande Síntese", através de uma maturação, não realizada por estudos sérios, mas precipitada do mistério de sua alma. Certamente, Ubaldi é culto, por estudos, por leituras, por viagens através da Europa e da América, mas ele nega que sua obra (exceto os primeiros manuscritos incompletos e caóticos), e que em nosso campo consiste nas "**Mensagens I**" e em "**A Grande Síntese**", seja fruto de estudos e de leituras Acrescenta: "Suportado o processo de maturação, depois de um ano de pausa, meu pensamento recomeçou tudo, desde o início, seguindo um seu fio interior e não outro. E "**A Grande Síntese**" está a demonstrar a verdadeira natureza da minha mediunidade inspirativa intelectual. Mediunidade a princípio rudimentar, intermitente, jaculatória, mas progressiva, até tornar-se em mim uma qualidade estável, uma segunda natureza".

Essa progressividade é uma característica fundamental, lógica, correspondente aos princípios da ascensão espiritual das religiões e aos da evolução biológica darwiniana. Essa aproximação do fato evolutivo — na espiritualidade e na biologia — é o prosseguimento da concepção de Russel Wallace, mas em Ubaldi não é limitada, de ordem exclusivamente racional, antes, é a conquista de uma verdade superior; dir-se-ia que Ubaldi haja antecipado essa evolução psíquica que deverá ser alcançada pela humanidade, que se conserva ainda num ciclo inferior de seu tornar-se.

De fato, para Ubaldi a mediunidade é, como ele sente e declara, "o estado normal de um futuro psiquismo mais sutilizado, de uma percepção anímica supersensória mais refinada; é uma

superior fase de consciência e dimensão conceptual perfeitamente normal na evolução, excepcional hoje na Terra pelo estado relativamente envolvido da raça humana. Nada, pois, de anormal, de extraordinário, de miraculoso: é questão de caminho percorrido. Assim eu situo o problema, porque assim o vivi e solucionei”.

A dor teve em Ubaldo uma parte importantíssima: foi a dor que purifica. Não há aqui, entretanto, lugar para uma biografia, mas, sim, para um exame sintético do íntimo de um sujeito que, embora não possuindo nada de miraculoso, como ele afirma, é todavia excepcional, como excepcionais são o Herói, o Gênio, o Santo.

É excepcional como todos os sujeitos hipersensitivos, mas ainda mais pela nítida consciência que Ubaldo tem das próprias faculdades, do próprio trabalho. Quando em sua Assis, na noite de Natal de 1931., escreveu sua primeira Mensagem, obedeceu a uma Voz que lhe dizia: "**Não temas, escreve!**" Ele tremia, aniquilado; em seguida ergueu-se, transfigurado; uma força nova se infundira nele: tinha de obedecer; daí surgiu aquela magnífica página de profunda bondade, que trazia uma assinatura: "Sua Voz".

"Sua Voz": fonte de pensamento, de afeto, de ação e de bondade. A ele dizia: "Não perguntes meu nome, não procures individuar-me. Não poderias, ninguém o poderia; não tentes uma inútil hipótese".

Desde então, Pietro Ubaldo, soldado obediente de uma Força superior, lançando suas **Mensagens**, encontrou acolhida e admiração. As revistas, dos mais diversos idiomas, e inúmeros admiradores andavam à porfia, a fim de que o novíssimo pensador lhes doasse as jóias que por seu intermédio vinham do Mistério. Todos aqueles que o ouviam dele recebiam conforto. E a mesma sorte e mais clamorosa teve "**A Grande Síntese**", pois a revista milanese "Ali del Pensiero" lhe iniciou a publicação em fascículos em 1933. A tradução surgiu, baseada nesse texto, no grande diário "**Correio da Manhã**", do Rio de Janeiro, na revista "**Constancia**", de Buenos Aires, na revista "**Reformador**" etc., em toda parte suscitando um coro de verdadeira admiração. E muito mais digno de admiração deve ser o "fenômeno" desse trabalho, sabendo-se que Ubaldo o escrevia aos poucos; enquanto se publicava uma parte, ele o continuava, seguro de si como nenhum outro autor jamais o ousaria.

Qualquer autor, antes de publicar seu trabalho cuida de lê-lo, relê-lo, retocá-lo, corrigi-lo. Ubaldo não tinha necessidade de correções; nunca surgiam arrependimentos; tudo se desenvolvia com uma rapidez fulmínea, naquelas noites predestinadas em que "Sua Voz" lhe fala.

Após o Sujeito, sua obra. Não se poderia apreciar "**As Noúres**" sem antes se deter em "**A Grande Síntese**" que em breve estará completa e publicada em volume, em diversas línguas, — porque "As Noúres", repetimos, constituem seu complemento, o comentário, pelo menos, do principal fenômeno, o das correntes inspirativas.

O conhecimento dessa obra é indispensável para bem penetrar o que no presente volume Ualdi expõe, especialmente nos três últimos capítulos. Resumir, porém, "A Grande Síntese" não é fácil, pelo seu estilo extremamente conceituoso. A doutrina nela desenvolvida não é somente uma síntese do atual conhecimento humano, que é bem reduzido em face dos problemas substanciais, mas constitui uma síntese da fenomenologia universal, isto é, a coordenação num organismo único dos fenômenos existentes que o concebível humano pode apreender e ainda além. E por fenomenologia se entende não apenas o que pode recolher-se no campo da ciência atual, mas também no da filosofia, das ciências econômico-sociais, da ética, das religiões, etc. A fusão de todos os efeitos reconduzidos à causa central, a visão do absoluto através das infinitas formas do relativo, conduzem espontaneamente o leitor ao contacto com o princípio único que tudo rege. Unidade, pois, absoluto monismo, é o conceito central desta doutrina: monismo que, na evolução do pensamento humano sucede às precedentes afirmações. Politeísmo, em seguida monoteísmo, finalmente monismo — são as etapas do pensamento humano.

A obra pode apresentar um aspecto humano, que se mostrará aos não iniciados como uma tentativa, plenamente vitoriosa, de dominar, numa síntese única e universal, todo o conhecimento, de organizá-lo respondendo a todos os problemas que à mente humana possam apresentar-se. Neste seu menor aspecto, a obra corresponde a uma impelente necessidade para a evolução do pensamento no instante atual, reconduz à unidade a ciência ameaçada de dispersar-se na especialização, sacia a alma humana oferecendo soluções que a ciência se mostrou impotente para dar.

Para quem saiba ler na profundidade, porém, logo nasce, por um "sabor" todo seu que a obra possui, a sensação de que ela não poderia ser concebida de um plano mental humano, mas necessariamente de um ponto de vista elevado, numa dimensão superconceptual. Pois só assim poderiam ter sido resolvidos, como o foram, todos os problemas que a filosofia e a ciência, operando com métodos puramente racionais, não haviam solucionado até agora. A obra é, pois, transcendental, ultrafânica, isto é, o autor concebeu e escreveu sem estudos preliminares, confiando acima de tudo em seus recursos super-rationais, seguindo um método novíssimo de pesquisa por intuição, abandonando-se, nas passagens mais complexas e sem precedentes conhecidos, exclusivamente à sua inspiração. Inspiração, entretanto, exata e científica.

A obra, portanto, pode ser lida com várias mentalidades e em diversas profundezas e falará diferentemente conforme a potência intelectual do leitor. Muitos considerarão a obra como um único sistema, embora genial, em que a ciência dispersa é finalmente reunificada num monismo absoluto. Já é muito; mas, para nós, que o sentimos, existe o aspecto ultrafânico, que dá ao escritor o valor da visão direta da Lei que anima o universo e representa uma nova ascensão do homem na concepção da Divindade.

Escrito ultrafânico, soube manter, porém, um perfeito equilíbrio com a racionalidade.



Em geral, os **Ênteles3** revelam distância na concepção e no modo de exprimir-se, oriunda da diferente altitude de plano evolutivo e das dimensões supertemporal e superespacial em que se movem. E isso dá, talvez, ao escrito um sentido vago, nebuloso, inalcançável que é repellido como antiobjetivo e anticientífico. Operou-se nesta obra uma transmissão muito mais complexa que na comum regisração ultrafânica inconsciente, pois o sujeito sentiu e controlou todo o processo e pôde, com sua intervenção consciente e ativa, reduzir com fidelidade a concepção entélica sobre-humana aos termos da mais segura terminologia e técnica de pensamento científico. Pela primeira vez, assim, a ultrafania oferece um produto rigorosamente orgânico e racional, de modo a coincidir com a ciência moderna, a enxertar-se em seu momento e conduzi-lo mais alto com objetivos de bem, lançando em terreno bem preparado a semente, que se desenvolverá, de uma nova civilização, que o esforço do pensamento do homem tem de saber hoje preparar e criar. Assim foi que um pensamento superior pôde ser lançado ao mundo de um modo perfeito, o que não é fácil diante da posição do pensamento moderno. Aqui, a voz do Céu, através dessa tradução, pôde ser elevada da Terra ao Céu. E a ciência, em linguagem humana, a própria ciência materialista foi conduzida até o espírito, alcançando a dignidade de filosofia e de fé. Terra e Céu se tocam nessa obra. E no presente volume se explica e se confessa todo o "como", com objetividade de observador desapiedado, com a fé de um mártir que se dá a si mesmo por uma idéia.

A própria realidade desmaterializada, que por todos os Ênteles concordemente nos é descrita em formas que o nosso materialismo considera fantásticas, é nessa obra atingida através da própria psicologia materialista, tomada como ponto de partida; atingida através da própria racionalidade, que é a forma indispensável à compreensão de nosso tempo e que pelo Êntele transmissor é adotada como forma-pensamento em sua projeção de conceitos. Os céticos poderão sorrir, as filosofias discutir, a ciência negar, as religiões condenar, mas ninguém negará achar-se em face de uma esmagante massa de pensamento, de uma vertiginosa visão do universo, qual jamais foi concebida até hoje. E nem as filosofias, nem as escolas, nem as religiões poderão negar sem abjurar de si mesmas, porque em "**A Grande Síntese**" São todas elas, inclusive as inimigas, finalmente irmanadas num só pensamento.

E na verdade a obra se desenvolve num sentido de visão. Sobre o fundo da sucessão evolutiva dos universos (figura 1) surge, isolado, o universo trifásico do concebível humano; trifásico, porque constituído por três planos de existência, que são Matéria, Energia e Espírito. Estes três planos existem nas relativas dimensões de espaço, tempo e consciência. Esta trindade, tridimensional e trifásica, é simultaneamente reduzida a uma unidade de substância em que se fundem, desaparecendo as aparências da forma, relativa, em evolução. Além dos limites dessa unidade trina o concebível humano não pode atualmente chegar está, presentemente, fechado em seu universo que, entretanto, superará. As formas, porém, são infinitas, progredindo desde as fases submateriais até as fases físicas, dinâmicas e psíquicas de nosso universo e indo até às superconceptuais que o superam.

O homem, em seu psiquismo, se encontra na escada ascensional. E a grande viagem começa da matéria, que é tomada para exame como produto de desfazimento involutivo de universos evolutivamente precedentes<sup>4</sup> — a evolução procede por dobramentos e retornos periódicos (veja figuras. 1 e 2) e é estudada na série estequiogenética (**stechiogenesi** = gênese dos corpos), por peso atômico e outras características fundamentais até traçar uma árvore genealógica das espécies químicas. Assim, a evolução da matéria é acompanhada desde o hidrogênio das nebulosas até o urânio, isto é, dos pesos atômicos mínimos aos máximos, em que se inicia a desagregação radioativa, que representa a gênese das formas dinâmicas. E desse modo, num determinado momento, a matéria morre como matéria e renasce como energia. Muda-se a forma do relativo, mas intacta permanece a substância divina do todo.

São examinadas todas as formas de energia. Antes, porém, de descer a este segundo plano, a visão contempla o universo não só sob este seu aspecto estático, em que ele, por comodidade de estudo, é isolado em sua forma e concebido em imobilidade. Também existe um aspecto dinâmico. E então, não mais observamos uma sucessão de formas, mas assistimos ao seu íntimo tornar-se, que as transforma umas noutras. Tudo se move, se agita; tudo palpita e tem vida. E sobe, sobe numa grandiosa sinfonia de impulsos, de desenvolvimentos, de equilíbrios que gritam: Deus!

E existe um terceiro aspecto: conceptual. Três aspectos, portanto: o universo a si mesmo se contempla com três grandes olhos que são uma só luz: Deus.

No aspecto conceptual, a visão se abre às leis que guiam o processo evolutivo do cosmos, ao pensamento que rege Os desenvolvimentos fenomênicos, ao princípio abstrato, à idéia que se exterioriza em todo esse tornar-se, modelando-o à sua imagem. Assim é definida a trajetória típica dos movimentos fenomênicos (fig. 1) e traçada a teoria da evolução das dimensões. E vemos nascerem e morrerem por superação o espaço e o tempo. E a lei de Deus aparece, integral, inclusive nos seus aspectos menores, no universo inferior da matéria, até refulgir, sempre mais límpida, no universo superior do espírito.

Nasce então, a segunda forma: a energia. Nasce o tempo, nasce a protoforça típica do universo: a gravitação. O gesto possante de Deus vira as páginas ciclópicas da criação e a inspiração gigantesca da gênese mosaica retorna à luz, verdadeira, com palavras de ciência. E à série evolutiva das espécies químicas se segue, “por continuidade”, a série evolutiva das espécies dinâmicas: 1º) gravitação; 2º) radioatividade; 3º) radiações químicas (espectro invisível do ultravioleta); 4º) luz (espectro visível); 5º) calor (radiações caloríficas obscuras, espectro invisível do infravermelho); 6º) eletricidade (ondas hertzianas, curtas, médias e longas); 7º) Som.

Nesse momento da evolução, a energia atinge o máximo de seu limite de degradação, isto é, de desvanecimento cinético ou diminuição de velocidade de vibrações e de aumento de amplitude no comprimento de onda. E como a matéria morreu por desagregação atômica, a energia morre

por degradação dinâmica. O fenômeno é assinalado na sua íntima estrutura cinética e, na teoria dos movimentos vorticosos, é estudado profundamente, solucionando-se o grande problema da gênese da vida, que é gênese de psiquismo, a terceira fase do universo. A química inorgânica novamente se plasma para chegar à química orgânica. Nasce a vida e abre-se a visão do mundo biológico. O universo não apenas pulsa, esplende, canta, mas também vive, ama, sofre, pensa.

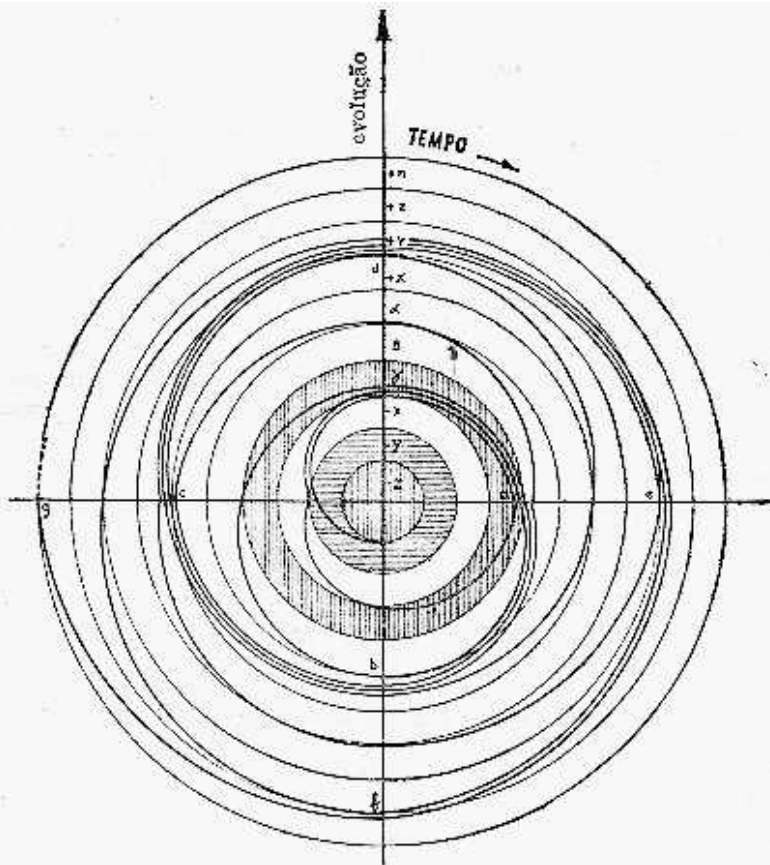


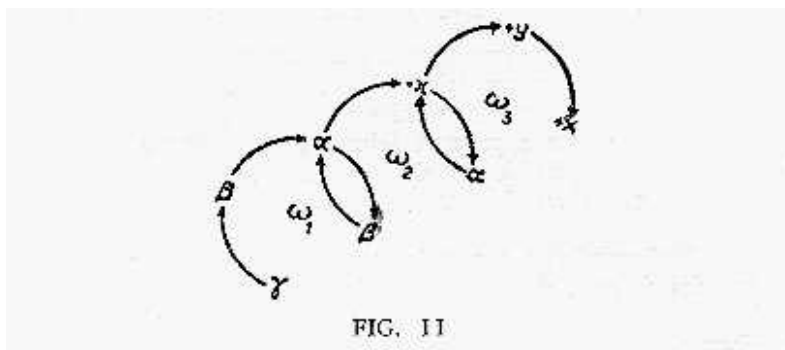
FIG. 1

FIG. 1

Desenvolvimento da trajetória típica dos movimentos fenomênicos na evolução do cosmos. A evolução procede por dobramentos involutivos periódicos. O diagrama exprime o processo de progressiva gênese do relativo por evolução. Seguindo o abrir-se da espiral no tempo, ao longo das zonas assinaladas na vertical da evolução, desde  $-z$ ,  $-y$ ,  $-x$ ,  $\cdot$ ,  $\cdot$ ,  $\cdot$ , ... até  $+n$ , ver-se-á a linha ascender de três zonas ou planos de existência e descer de duas, depois tornar a subir três zonas e tornar a descer duas e assim por diante. Das pulsações desse respiro que sempre mais se dilata, resulta a progressão de uma linha maior, bem visível, distanciando-se das particularidades do desenho, e que é uma espiral de abertura constante. Resulta ela da sobreposição dos retornos ascensionais da espiral menor. A evolução é, desse modo, uma progressão criativa que invade sucessivamente as zonas assinaladas na vertical (evolução), isto é,  $-z$ ,  $-y$  e  $-x$ , universo trifásico mais involvido que o nosso, subfísica e para nós imerso no inconcebível. Dele nasce, por evolução, o plano  $\cdot$ , a matéria; deste plano nasce  $\cdot$ , a energia; e de  $\cdot$  nasce  $\cdot$ , o psiquismo. E está completo nosso universo. Em  $\cdot$ , temos o homem. Em  $+x$  o espírito penetra por evolução, superando a dimensão de consciência numa dimensão superconceptual mais elevada. Da consciência de superfície ou razão se atinge uma consciência volumétrica ou intuição. Inicia-se assim, por criação no relativo, um novo universo trifásico,  $+x$ ,  $+y$ ,  $+z$ . Manifesta-se, assim, ao infinito, e se ascende por íntima auto-elaboração, o transformismo universal, qual progressiva manifestação da Divindade.

FIG. 2

Aqui se reproduz o diagrama figura 1. Os zonas são dados pelas ( $\cdot 1$ ), ( $\cdot 2$ ), ( $\cdot 3$ ), temos a progressiva dos universos. No primeiro, ( $\cdot 1$ ), o partindo de baixo,  $\cdot$  sobe a  $\cdot$  e  $\cdot$  a  $\cdot$ . Através de um retorno involutivo até o plano  $\cdot$ , a progressão evolutiva se continua no superior universo, ( $\cdot 2$ ), desde  $\cdot$  a  $\cdot$ , a  $+X$ . Através de um retorno a  $\cdot$  desenvolve-se o novo universo ( $\cdot 3$ ), que vai de  $\cdot$  a  $+X$ ,  $+Y$  e assim sucessivamente.



conceito do planos ou letras. Em série trifásicos. nosso,

O panorama se abre, imensurável. Todas as formas da vida vibram no universo, a terra se povoa, o espírito dá seus primeiros vagidos. Afronta-se o exame da técnica evolutiva do psiquismo e da gênese do espírito. Ambiente, reações, instinto, consciência, até o homem, tudo canta a grande sinfonia do espírito que evolui. Aparece o homem, sua grande alma, centelha de Deus. E essa alma sobe, sobe até o super-homem, o herói, o gênio, o santo.

A linha, do hidrogênio ao gênio, é única, ininterrupto caminho de conquista e de criações, em que Deus está sempre ativo e presente. E o super-homem se converte em super-humanidade. O homem se esgota nas neuroses e as civilizações se debilitam na decadência. Tudo envelhece e morre com a matéria e a energia, numa degradação biológica que não é morte, mas sim, ressurreição de espírito imaterial em dimensões superconceptuais, pois a substância é eterna. Aqui, a matéria se desmaterializa decompondo em sua estrutura cinética a sua aparência física e o ser não mais possui corpo nem mente e penetra, triunfante, na dimensão inicial de um novo universo trifásico, onde não mais existe nem espaço, nem tempo, nem concebível humano.

Está concluído o grande caminho. A visão termina com o quadro das últimas, das mais elevadas ascensões humanas, primeiro individuais, em seguida coletivas; perfeições morais, caminhos da liberação, superações supremas. Toma-se a mão do homem, tal como ele é hoje, e se lhe traça o caminho de suas ascensões. Estuda-se a lei do trabalho, o problema da renúncia, a função da dor, a evolução do amor. Coletivamente, são afrontados os problemas sociais do momento histórico: a gênese do direito, a ética internacional, a guerra, o problema econômico, a distribuição da riqueza, o colaboracionismo, o poder, o Estado, o chefe, a arte...

E a viagem, iniciada entre as mais densas formas da matéria, termina no Evangelho e a alma se detém, saciada, ante a visão do Cristo, última síntese. Esta é a "**Grande Síntese**" e uma só palavra se encontra nas profundezas deste esforço de razão e de ciência: Cristo. É a Sua Voz que

repercute através do trabalhoso tratado, convertendo-o num ato de paixão que, descendo do Alto, se dá através do sacrifício de um homem pelo bem do mundo.

\* \* \*

Era indispensável, repetimos, que nos detivéssemos em "**A Grande Síntese**" porque, embora no presente volume Ubaldi não a cite<sup>5</sup>, a ela se refere toda a penetrante análise que em "As Noúres o Autor desenvolve com imensa novidade de expressão e considerações, ante as quais empalidecem todas as obras até agora publicadas e que em vão tentam discorrer sobre fenomenologia ultrafânica, apenas baseadas em manifestações exteriores.

Ubaldi, pelo contrário, viveu o fenômeno e por isso seu conhecimento ultrapassa os limites da pesquisa comum, conservando-se prudente e sábio, e assim superando inúmeras hipóteses, os mais fantásticos juízos e apreciações, as elucubrações mais estranhas, infantis ou impenetráveis que se apresentam sob pressuposta e irreal vestimenta científica.

Competia a um hipersensitivo poderoso e, ao mesmo tempo, a um forte talento, a tarefa de tratar deste principal tema da biosofia; a alguém que, "assinalado" para tal obra, pudesse, onde não sabe chegar a inteligência, chegar com a intuição, e onde esta não alcança, deixar intervir a inspiração. E, então, "Sua Voz" diz a verdade que a mente humana ignora: di-la ao seu "instrumento" idôneo e digno.

O fenômeno, em Ubaldi, assume características que em vão buscaríamos nos ultrafanos comuns, mesmo nos intensamente exercitados e provados. Com isso não queremos nem podemos negar que também nestes as faculdades paranormais sejam poderosas, produtoras de fatos impressionantes e agitantes pelo modo como se obtêm e pela beleza e grandiosidade substanciais.

Nas obras já editadas pela Sociedade de Biopsíquica ou sob seus auspícios, ressaltam as excepcionais virtudes de recepção e de transmissão de noúres, que superam a potência do engenho humano. Em Ubaldi, porém, a manifestação, além de superlativa, tem a característica de não lhe fazer desaparecer a consciência ou a recordação do acontecido, de não lhe diminuir a capacidade de atender o próprio fenômeno, quer pelo aspecto formal, quer pelo substancial. Além disso, falta em muitos ultrafanos, ou é bem nebulosa, aquela fé que existe em Ubaldi e que é potência apta à harmonização da mente humana com as energias transcendentais; para os outros hipersensitivos de efeitos conceptuais se torna também possível conseguir o "perfeito", porém, com o concurso do biósofo que dirige, regula as manifestações, realiza a experiência. E isso explica porque a maior parte das mensagens obtidas mediunicamente sejam tão pobres de conceito, mesquinhas na forma, contraditórias e até triviais e grotescas.

Neste volume premiado, Ubaldi se detém amplamente, como era necessário, a falar de si,

unicamente de si, porquanto, tomando-se a Si mesmo para exame, nos oferece uma demonstração positiva, de indubitável valor científico, pois firmada sobre a observação e a experiência exercida sobre um Sujeito hipersensitivo; além disso, o trabalho é baseado na razão com a bagagem de uma sólida cultura. Esse fato também nos dá a esperança de que se pode e se deve acentuar o progresso das faculdades ultrafânicas, isto é, que todos aqueles que, como Ubaldi, forem "assinalados" para oferecer à humanidade novas e sempre luminosas manifestações transcendentais, não serão, um dia, apenas instrumentos inconscientes, mas, cientes e conscientes do valor do fenômeno que através deles se exterioriza.

**Mário Borsalino**

**Pierluigi Toffanello**

**Gino Trespioli, relator.**

Milão, janeiro de 1937.

## **I**

### **PREMISSAS**

Cada século tem uma característica dominante que lhe é própria, especializando-se numa criação particular que parece a razão de ser desse tempo; e é justamente o produto dessa criação que sobrevive, transmitido aos séculos porvindouros. O nosso é o século dos nervos. Parece até que nossos pais não os possuíam; pelo menos, assim nos aparecem, em sua vida sem agitações, em sua calma, que nós já não conhecemos nem quando repousamos, tanto que freqüentemente nos acreditamos enfermos; mas, então, todos estamos doentes. Os nervos, porém, não são apenas irritabilidade, inquietude, insaciabilidade; não têm, felizmente, só o aspecto visto pela ciência, — o pseudo-patológico da neurose, — mas possuem uma face ainda não percebida, o aspecto evolutivo de uma nova criação biológica: o psiquismo.

Em nossa época atual, o tipo humano está deslocando sua funcionalidade do campo muscular para o campo nervoso e psíquico. Algures, desenvolvi este tema, mas devo agora a ele voltar, porque, se representa o terreno sobre o qual se apoia nossa vida, em que se agita nossa luta

e nossa conquista se realiza, é também o cenário em que se enquadra e se justifica o problema presente neste volume de ultrafania<sup>6</sup>. Não se trata, portanto, de um fenômeno casual: é momento substancial e logicamente situado no curso da evolução biológica e das ascensões espirituais humanas. No caso específico da mediunidade, não poderia deixar de influir a repercussão daquele caso geral, que condiz com o momento de acelerado transformismo que em nosso planeta atravessa hoje a evolução biológica, em sua mais alta fase humana, evolução que, em torno a sua mais excelsa criação, febrilmente se afana.

E a mediunidade se modificou com o transformar-se de todas as coisas; devia, primeiramente, transformar-se na mais evidente manifestação da alma humana. Apresentou-se a mediunidade, no cenário do mundo atual, através da observação científica sob a forma de mediunidade física, de efeitos materiais, com características musculares, tais como eram as manifestações predominantes do espírito humano, nas grandes massas, até o nosso século; hoje, no entanto, tornou-se ultrafania, isto é, uma mediunidade superior, evolutivamente mais desenvolvida — mediunidade de efeitos psíquicos. Uma vez que tudo evolui, e a evolução nunca se processou tão vertiginosamente como hoje, também a mediunidade deve conhecer sua ascensão. De quanto isso é verdadeiro, também por minha íntima e profunda experiência, direi mais adiante.

Desse modo, até hoje, tem a mediunidade evolvido, em muitos casos, desde a forma física de manifestações materiais até à forma psíquica de manifestações intelectuais. E tanto, que a primeira forma se apresenta aos nossos olhos, agora mais experimentados e mais habituados a examinar o mistério, como qualquer coisa cada vez menos assombrosa e menos probatória. Cada vez mais se dissipa a mania do maravilhoso; nossa crescente sensibilidade analítica vai tendo sempre menos necessidade do choque que o prodigioso provoca; sempre e menos nos abala o espetáculo das levitações, dos "apports", das manifestações acústicas, óticas e táteis. Ao passo que tudo isso é deixado à experimentação científica — que, de resto, já há decênios se move sempre no mesmo círculo, de que parece não sabe sair nem para uma conclusão nem para progredir, — a mente humana pede um alimento mais substancial, um contacto mais elevado, uma nutrição conceptual que a sustente diretamente. E eis-nos em plena ultrafania.

Cada um sente, mais ou menos distintamente, em meio à transtornante explosão de uma nova sensibilidade nervosa e espiritual, entre ímpetos de nervosismo e irritabilidade (erroneamente considerados patológicos e que, ao invés, são um novo modo de sentir que já não suporta as velhas formas da vida, mas impõe novas), cada um sente revelar-se em si o fenômeno, que é substancial, em meio àquelas escórias e desvios é uma nova capacidade de sentir o pensamento, de perceber a distância. E tudo isso já não se perde no fantástico, mas aparece como **intuição**, pressentimento de um real estado futuro, estado do ser humano hipersensível, que transmite e regista correntes de pensamento, **noúres**<sup>7</sup> e o faz relacionando-se com seres que parecem irrealis porque imateriais, mas que estão vivos e presentes, porque sabem dar de si manifestações aos nossos mais sensibilizados e aperfeiçoados meios perceptivos.



O tema que vou desenvolver, se pode parecer avançado para os nossos dias, amanhã será de domínio científico; e é também de interesse atual para a grande maioria que apenas começa a agitar-se. E começa, porque é inegável a necessidade de um retorno ao espírito. Não é somente retorno de reação ao materialismo, não é apenas um reflexo de cansaço em face de uma orientação que se mostrou impotente, com seus meios e métodos, para chegar a uma conclusão. É uma retomada, em cheio, como jamais arrostada na História, com as armas de uma ciência aguerrida de experiências; é uma revolução que avança, trovejando, das profundezas do espírito, que quer saber e deliberar a fim de guiar-se conscientemente na vida. E esta palavra — espírito — transporta-se das igrejas e das religiões e aparece francamente no grande ambiente social e vibra na política, nas instituições, nas leis, nas crenças e nas obras do mundo.

Paralelamente, o fenômeno ultrafânico se aprimora e se vigoriza. Este período pós-bélico (embora seja difícil o juízo a quem está imerso nessa própria época) é indubitavelmente grande na História por uma febre de criações universais, que, embora resistências e lutas, se preparam para lançar as bases de uma nova civilização<sup>8</sup>. Nesta nossa época, surge a ultrafania, com manifestações de força espiritual, agindo em colaboração com as forças superiores que guiam o mundo em sua atual laboriosa ascensão. Parece que nesta agitação geral, que é fragmentação e restauração de pensamento, também as correntes de pensamento que circundam o ambiente humano intervêm, ativas e operosas, para guiar e iluminar. É natural que uma deslocação de forças psíquicas excite outras deslocações, porquanto nada é isolado no universo; e os fenômenos das forças psíquicas obedecem às mesmas leis de coordenação e de equilíbrio a que obedecem também as leis da matéria e das forças inferiores. E a vida, que jamais pode extinguir-se (isso seria um absurdo lógico e científico), é natural que se comova e desperte, até nas suas formas imateriais, se percutida pelo eco das vicissitudes humanas, que naquela imaterialidade se continuam e se completam.

E então, pela convergência de duas forças, isto é, a sensibilização da consciência humana a superar os últimos diafragmas e a atração dos altos centros de pensamento que se voltam para a Terra pela lei de equilíbrio, de bondade e de missão, — então, a ultrafania assume o poder de grande inspiração, ativa e consciente. O fenômeno mediúnico eleva-se ainda mais. Deixamos atrás a mediunidade física. Superamos a mediunidade de efeitos intelectuais que se manifestam na inconsciência do médium, cujo eu" é adormecido e momentaneamente eliminado. Falarei, neste volume, de um tipo de mediunidade intelectual ainda mais elevado, uma mediunidade inspirativa consciente, operando em plena luz interior, em que o sujeito receptor conhece a fonte, analisa-lhe os pensamentos, com ela sintoniza e a ela se assemelha, buscando-a pelos caminhos da afinidade; mediunidade ativa, operante, fundida no temperamento de um indivíduo, emanação normal na sua personalidade; mediunidade a tal ponto límpida no seu funcionamento, na consciência deixada em seu estado normal, que é possível, através de um exame introspectivo, realizado racionalmente, com os critérios científicos da análise e da experimentação, reconstituir a técnica do fenômeno inspirativo, tendo por base fatos e estados vividos, deduzidos diretamente da

observação.

Com esta definição realista do problema, a hipótese e a afirmação gratuita de que o pensamento registado pela mediunidade inspirativa provém do subconsciente humano, são automaticamente excluídas, porquanto todos os fatos que tenho vivido em mim e objetivamente notado como observador imparcial, falam em sentido completamente diverso. Aquela hipótese excluída não merece, portanto, uma refutação explícita. E todo o desenvolvimento da técnica do fenômeno será seguido precisamente com referência a uma fonte por completo distinta da consciência do médium receptor.

O mundo do além aparecerá tão vivo, através da descrição de minhas sensações, que adquirirá o caráter duma realidade científica. Como vê o leitor, não estou aqui a expor baseando-me em indagações teóricas, nem me refiro a opiniões ou interpretações alheias nem me interessa alardear erudição. Toco o fenômeno com as mãos e relato quanto me disseram minhas sensações e minha experiência direta.

\* \* \*

Saio, cheio de impressões ainda recentes, duma experiência novíssima. A 23 de agosto de 1935, às 11 horas da noite, acabava de escrever "A Grande Síntese", em Colle Umberto, Perusa, na torre de uma casa de campo, à mesma pequena mesa onde quatro anos antes, no Natal de 1931, noite alta, havia iniciado a primeira das mensagens de "Sua Voz".

Quatro anos de superprodução intelectual, de intenso drama interior, de hipertensão, de sublimação psíquica, de sublimação espiritual, emergindo da cinzenta monotonia do magistério, esforço diário que me é imposto no cumprimento do dever de todos, de ganhar a vida com o próprio trabalho.

Quem me sustentara no árduo trabalho de uma tão intensa produção? Uma fé profunda se assenhoreou de mim, arrastando-me com uma febre de altíssima paixão. Este é o segredo da afirmação de um escritor: havê-lo, antes de tudo, vivido profunda e intensamente, de modo a fazer dele o espelho de uma fase da vida; haver nele, todo, lutado e sofrido, conceito por conceito, e oferecê-lo vibrante como a alma, palpitante como foi o fenômeno interior que o gerou. O leitor sente, embora inadvertidamente, esta sinceridade e alegra-se com o poder satisfazer o instinto humano de mergulhar-se nas profundezas do mistério de outra alma. Naqueles escritos não ofereci o produto de estudos exteriores à minha personalidade e dela separáveis; pelo contrário, dei-me totalmente, qual hoje sou, na fase de maturação que atingi no meu caminho evolutivo. E expondo, aqui, sem disfarce, as profundas vicissitudes de uma alma, substancialmente relato a história do espírito humano, na qual o leitor se achará mais ou menos a si mesmo. Narro o eterno drama das ascensões humanas. Anatomizo, refletido no meu caso particular, mas concreto e

vivido, o fenômeno cósmico, que é de todos.

Se aqueles escritos têm uma história própria, exterior e visível, que facilmente pode ser encontrada na imprensa e que não é oportuno repetir, existe toda uma história interior, que eu vivi no silêncio e na solidão, a história da maturação do meu espírito, para que pudesse atingir este momento — talvez esperado e preparado há milênios — momento de sua maior realização.

É útil conhecer esta história interior, tanto quanto a exterior, para que se possa enquadrar o fenômeno da recepção inspirativa e das "noures", de que nos ocuparemos agora: fenômeno complexo, em que intervêm elementos morais, espirituais e biológicos, cuja solução implica a dos mais vastos problemas do universo, fenômeno que não se pode, por isso, isolar de todos os fatores e elementos concomitantes. É um fenômeno concreto, inseparável do fato qual eu o vivi e não se pode reduzi-lo, sem mutilação, à estrutura linear de uma simples hipótese vibratória de transmissão e recepção de ondas.

Este é o meu caso; dele não posso prescindir, portanto. Se é particular (e do particular ascenderemos, através dos fatos, ao geral) é também real, isto é, pertence em grande parte à categoria dos fenômenos controláveis pelo método objetivo da observação. Creio que seja meu primeiro dever ater-me a essa realidade objetiva.

Objetividade, fria análise científica, mas profundidade de introspecção simultaneamente, para penetrar e solucionar este mistério do supranormal que tenho vivido. Estas confissões, que devo fazer porque vão permitir a compreensão daqueles escritos, aclaram o fenômeno e podem, portanto, ser úteis a essa nascente ciência da alma que, eu o sinto, é a ciência do futuro. Estudo imposto pelo dever, embora possa parecer auto-reclamo; estudo difícil, porquanto o supranormal foi mal compreendido pela ciência, que o quer relegar ao patológico, confundindo-o com o subnormal: estudo não bem interpretado pelo público que, no vórtice totalmente exterior da vida moderna, ignora completa ou quase completamente esta segunda vida do espírito, não sabe ver bem e desfigura o problema, porque o considera de um plano de consciência diverso e inferior. Difícil estudo este, porque nenhum auxílio me pode chegar do mundo dos homens, porque o saber terrestre não sabe dar-me uma guia em meu caminho, nem algo dizer-me que me dê a solução destes problemas; mas, difícil principalmente em si mesmo, porque o supranormal, até nos momentos excepcionais em que se revela mais poderosamente, parece querer esconder-se nas vias de ordem natural, como se o esforço de exceção que supera o comum fosse continuamente detido, refreado e encoberto pela lei universal, que quer parecer invariável.

Nada estou pedindo aos meus semelhantes. Sei que nada têm para dar-me. Estou só e sozinho permaneci diante dos maiores mistérios, de que nem ao menos suspeitam. Tenho vivido de ousadias, de prostrações, de lutas e de vitórias que, no espírito de meus semelhantes, que meu olhar tem examinado por toda parte, quase nunca encontro. Sou feito de dor e não aceito, não quero para mim triunfos humanos; mas, isso não por mérito meu, mas porque, espontaneamente,

o centro de minhas paixões se encontra distante das coisas terrenas. Tenho amado, estremeado e sofrido, sozinho, diante do infinito, numa sensação titânica de Deus. Tenho agarrado pela garganta as inferiores leis biológicas da animalidade, para estrangulá-las e superá-las. Tenho vivido minhas afirmações como realização biológica, antes de formulá-las em palavras.

Sob as aparências de uma vida simples e uniforme, tenho vivido as grandes tempestades do espírito humano e já me habituei a olhar, sem tremer, nas profundezas vertiginosas do infinito. É por isso que posso empreender o estudo do fenômeno inspirativo, sem profundos sinais de cultura preexistente, sem preconceitos ou referências, com a alma solitária e nua diante do fenômeno, livre e independente de qualquer idéia humana, tranqüilo e virgem de espírito, como na aurora da vida.

Bem sei que o mistério científico é protegido pelas forças da Lei e, algures, já o disse por que<sup>10</sup>. Estou, porém, acostumado a violentar essas proteções, direi melhor — acho-me em particularíssimas condições, em minha fase evolutiva, de extrema sensibilização perceptiva, que me possibilitam sentir além do limite dado e não superável pelo método racional e objetivo da ciência moderna. Conheço esse método, conheço a sufocante psicologia dos chamados intelectuais de profissão, da cultura que repete eternamente o passado, que comenta e analisa, que nada cria, que pesa e mata o espírito.

Estou nos antípodas. Detesto a bagagem embaraçante dos conhecimentos elementares e considero um crime desperdiçar energias psíquicas para armazenar e conservar o que deve ser confiado às bibliotecas. Sou livre e devo sê-lo para poder voar, leve, rápido, distilando intelectualidade, não como esmagadora mole de sabedoria, mas, num sentido de orientação, que possa cingir todos os conhecimentos humanos, como a vista domina as coisas.

\* \* \*

Do Natal de 1931<sup>11</sup> até agosto de 1935<sup>12</sup> decorreram quatro anos em que ao meu espírito afloraram, progressiva e metodicamente, profundos estados psíquicos, após lenta incubação; culminando na maturação de minha personalidade eterna. Exporei, porque é necessário à compreensão do fenômeno inspirativo por mim vivido, os estados psíquicos que precederam este período e que constituíram sua preparação; exporei, em seguida, a maturação em mim, em forma clara e ativa, de uma nova psicologia e a produção que a continuou, explicando como, sem qualquer preparação volitiva e consciente, abandonando-me a esses estados de espírito até então desconhecidos meus, pude eu desenvolver um trabalho intelectual correspondente a um plano lógico de desenvolvimento, ao qual não se pode negar uma idéia diretiva, um a proporção de partes e meios em face de um alvo conhecido e desejado, mas desde o princípio estranho a minha consciência habitual.

É científico colocar o fenômeno no seu ambiente. É necessário fazer preceder esta parte descritiva a outra, em que me aproximarei da substância do fenômeno, para explicar-lhe a essência e o funcionamento até que desponte a compreensão do típico fenômeno inspirativo.

Naquela noite de agosto se encerrava uma fase de minha vida: a vida é verdadeiramente um caminho e, nas vicissitudes de cada dia, a alma elabora o seu destino. A vida é uma deslocação contínua do ser no tempo. Não se entenda este, no entanto, como ritmo de movimentos astronômicos, redutíveis a anos, dias etc.; isso não é senão a medida exterior do ritmo, convencional e cômoda. A substância do tempo é o transformismo fenomênico que, no mundo humano, é evolução da vida e do espírito. Percebo que deve soar estranhamente a expressão desta minha psicologia interior, neste nosso mundo hodierno, todo projetado para o exterior, em que as criaturas tendem a olhar para as outras e não para si mesmas. Hoje, esse meu tempo está cumprindo. Aqueles escritos se espalharam pelo mundo.

Naquela noite de agosto eu me encontrava só. Distante, a família vozeava, em torno da mesa de jantar. Minha filha me chamava, do terraço; "Papai, vem brincar!" Mais longe ainda, o imenso silêncio do campo adormecido. O mundo não via e não compreendia. Eu estava só.

A idéia tem seu ritmo de divulgação, deve vencer obstáculos psicológicos e práticos, canalizar-se pelos caminhos da imprensa, superar como força a inércia psíquica do ambiente, enxertar-se nas correntes espirituais do mundo. Uma vez, porém, desfechada a centelha do pensamento, a idéia é uma força lançada e, como o som e a luz, caminhará sozinha, tendendo a difundir-se na proporção da potência do centro genético, a multiplicar-se por ressonâncias infinitas no coração dos homens. A lei de todas as coisas marca o ritmo também deste fenômeno, que deve ter o seu tempo.

Estava sozinho, naquela noite, em face do fato consumado, da obra<sup>13</sup> a que me havia dado totalmente, a que havia dado meu "eu" maior, qual sou na eternidade. Tremia diante de uma visão imensa, completa finalmente agora, diante de um pensamento titânico que me havia redemoinhado durante quatro anos, numa tempestade sobre-humana, não percebida exteriormente. Exultava, na satisfação perfeita de um profundo instinto biológico, preparado em minha eterna evolução, instinto inconsciente e absoluto como o de uma mãe que dá a vida a seu filho. Sentia haver tocado, finalmente, um vértice de minhas ascensões, sentia haver obedecido e triunfado ao mesmo tempo, cumprindo minha missão e função de cidadão do universo, inclinando-me ao comando da grande Lei de Deus. A flor, fecundada por uma vida de sofrimentos, havia nascido: eu não vivera, portanto, e não sofrera tanto, em vão. Minha vida, tão difícil, havia dado um fruto que a valorizava, minha paixão incompreendida pudera explodir-se na criação de uma obra de bem. Ao meu coração, que havia suplicado simpatia e compreensão e a que o mundo não quisera responder, respondeu uma Voz do infinito. Essa Voz me tomou pela mão, guiando-me pelos caminhos do mistério, ajudando-me a ascender a novas fases de consciência. Deu-me a visão deslumbrante da Divindade. Inebriou-me com o cântico das grandes

leis da vida Fez-me sentir o princípio das coisas. Maravilhou-me com a sensação do choque das forças cósmicas. Aniquilou minha natureza humana e me fez renascer numa natureza superior, numa vida mais alta, em que eu chorava, cantava e amava, em harmonia com todas as criaturas irmãs.

Despertei de um sonho maravilhoso, potente e dulcíssimo, de um êxtase profundo cuja recordação não se apaga, para descer novamente à triste realidade humana. Minha visão seria, mais tarde, compreendida e sentida por outros. Mas, eu a vivera primeiramente, na forma do contacto mais imediato, por sensação direta, sem leitura e sem palavras, sozinho, com aquela Voz, disperso numa magnificência única de beleza, sob um poder esmagante de conceito, num ímpeto arrasador de paixão, arrebatado a um grau supremo de sublimação de todo o meu ser. Eu havia vivido todo aquele escrito, como concepção e como drama, como sensação e como paixão. Cada palavra, cada pensamento havia transformado uma gota de meu sangue, havia arrancado um pedaço de minha alma. Naquela noite, olhava para mim mesmo, estupefato, corpo exânime, mas revigorado de eterna mocidade no espírito. Exultante e prostrado, olhava aquele livro, saído de minha pena, não sei de que resplandecente fonte, através de minha alma extasiada, aquele livro escrito sem premeditação e sem preparação, tão estranhamente desejado pelo destino. E perguntava a mim mesmo se ainda estava sonhando ou estava louco, a mim mesmo perguntava que significavam essas coisas maravilhosas para minha vida e para a vida do mundo. Olhava a obra concluída, à qual fora loucamente lançado por um impulso mais forte do que eu, e que havia levado a termo sem saber e sem desejar, porque um centro, diverso da minha consciência normal, sabia e desejava por mim

Naquela noite, eu senti, transfuso em mim, o poder de quem comprimiu o universo num monismo absoluto, de quem encontrou o caminho das causas no dédalo dos efeitos. A Esfinge que mata quem revela o mistério me haveria aniquilado? Não. Eu havia obedecido e por mim velava a suprema autoridade da Lei. Eu não havia violado, mas respondido; havia secundado, sem rebeldia, o equilíbrio novo dos tempos maduros. Naquela noite, a cabeça em chamas, achava-me no paroxismo da minha festa de espírito

O meu ser estava todo imerso numa onda de pensamentos, ressonante de vibrações, que por tanto tempo me haviam alimentado.

A vida continuava a mesma, supremamente indiferente, em torno de mim, no seu curso milenário, obedecendo à sua eterna lei.

Cantavam os grilos pelos campos, dormiam as plantas e as estrelas cintilavam. Pelo espaço, os mesmos silêncios das antigas noites egípcias, no coração dos homens as mesmas paixões pré-históricas. No entanto, algo de extraordinário acontecera: em minha alma, a eterna evolução rejubilava-se pela maturação de uma sua fase mais alta. E dos longes do universo eu percebia ressonâncias, em resposta a esse secreto júbilo. Júbilo de meu ser, que mais se avizinhará da lei de Deus, júbilo da lei de Deus, que se tornara mais real em mim.

Passou o tempo. Tranqüilizou-se, depois, minha alma e tornei a descer do meu paraíso ao inferno da psicologia humana corrente. Aquele estado de hipertensão psíquica serenou e voltei a ser o homem comum e normal que se movimenta na vida, ensinando na escola, onde a normalidade psíquica e nervosa é posta seriamente à prova, cada dia. Sei muitíssimo bem o que é essa normalidade que a ciência quer negar aos hipersensitivos da minha espécie e sei bem usá-la, em minha defesa, onde esta me é imposta. Simplicíssimo! Basta descer biologicamente aos instintos primordiais, reduzir-se psíquica e espiritualmente, manifestando-se nas formas menos evoluídas de vida física e passional e a criatura se torna normal, compreendida e admitida entre os semelhantes.

Estou escrevendo à distância de um ano daquela noite de máxima tensão e do mais intenso êxtase. Quero retornar ao fenômeno com a mente fria do positivismo científico, com a psicologia demolidora da dúvida, com a inteligência normal e objetiva da maioria dos leitores. Volto normal: quero usar a forma mental dos meus semelhantes. Regresso ao fenômeno com a desconfiança de que, parece, a ciência deve estar sempre armada para sua garantia e seriedade. Desconfiança de mim mesmo, natural, agora em que me movo no mundo sensório e ilusório da normalidade, agora, quando raciocino e controlo; mas, absurda quando navegava seguro nos braços da inspiração. E vou ser normal, isto é, duvidoso e incerto, avançando às apalpadelas, por hipóteses, enquanto puder; porque, a um dado momento, se quisermos resolver este problema das noures, terei que abandonar estes métodos de cegos e surdos, para lançar-me ao coração do problema com o método intuitivo. Estou colocando minha alma, novo holocausto de mim mesmo, — na mesa anatômica da ciência, para que o bisturi desapiedado da observação lhe sonde o interior, não importa quais sejam as conclusões. Depois, e melhor do que eu, outros se darão ao esforço da análise e tomarão a responsabilidade de um juízo.

Considero, porém, após a compilação dos escritos<sup>14</sup>, dever meu este de narrar, de descrever o que senti e vivi, sinceramente, ainda que me enganasse; mas, eu mesmo é que devo fazê-lo, — embora este novo esforço meu possa parecer objetivar outros fins, — porque só eu posso saber e dizer com exatidão muitas coisas que os outros não poderão jamais deduzir senão através de minhas declarações.

O leitor, porém, compreende o absurdo de qualquer mentira para atingir mesquinhos objetivos humanos, porquanto minhas palavras revelam, à evidência, em que mundo distante do humano eu me agito; o leitor compreende como a sinceridade é necessária em meu trabalho e como seria absurdo usar o infinito, em que eu tenho vivido, a serviço do finito, dos pequenos propósitos humanos.

Por isso, não tenho sentido este novo escrito senão como um novo dever. Proponho-me, pois, fornecer os dados, o mais possível objetivos, para o estudo do fenômeno deste meu particular tipo de mediunidade e particular sistema de conceber e escrever, o que será, pelo

menos, um exemplo interessante para os anais biopsíquicos. A obra aí está, como fato concreto, analisável como construção de pensamento e produto do fenômeno

Aquém, no entanto, desse resultado, processou-se toda uma transformação e maturação de minha personalidade, e existe um imenso mundo meu, cuja descrição é necessária, para esclarecer a origem e fazer compreender a íntima natureza do escrito, não acessível, certamente, à primeira vista; e tanto mais que, de um modo geral, ele será acareado justamente com a psicologia chamada normal, que está muitíssimo longe de possuir os meios de intuição necessários para penetrar a substância fenomênica ou descer a profundidades.

Será também esta a história de uma alma e o leitor vê-la-á agitar-se, palpitante de novas paixões; será espectador de um intenso drama espiritual em que se movem, vivas, as forças e os princípios das leis cósmicas.

Procurarei comunicar a "minha" sensação do fenômeno, fazendo sentir como vibraram em mim essas forças do espírito, que tão freqüentemente escapam à percepção comum e que muitos negam porque não sabem senti-las.

Procurarei fazer viver esta nova vida muito maior que eu tenho vivido, este rapto dos sentidos que me tem dado a sensação do paraíso e que me permitiu, demoradamente, ausentar-me da pesada atmosfera terrestre. Existe também, em tudo isso, algo de supremamente fantástico e aventuroso, embora conduzido com seriedade científica.

Aqui está todo um ser que se movimenta, coração e inteligência, num espasmo de humanidade e de super-humanidade, que não pode deixar de despertar ressonâncias noutras almas. E aqui são postos de frente os mais graves problemas da psique e do espírito, e dessa superdelicada ciência do futuro, em que se fala de ondas-pensamento, de ressonâncias intelectivas, de captação de correntes psíquicas, de atrações e simpatias entre os mais distantes centros vibratórios do universo.

Aqui se defronta um novo método de pesquisa científica por intuição e uma nova técnica de pensamento, que circunda os problemas por espiras concêntricas, comprime-os em ângulos visuais progressivos, afronta-os por visões de concepção poliédrica, aproximando-se sempre, cada vez mais, de sua íntima estrutura até desnudá-los em sua essência.

Problemas científicos, profundos, do futuro, que eu antecipo e investigo para resolvê-los. Existe no fenômeno complexidade, riqueza de aspectos e, simultaneamente, um frescor de verdade; e como e apresentado como realidade vivida, interessa não só ao cientista, mas também ao filósofo e ao artista. No momento das conclusões, eu saberei ascender, em minha psique de intuição, e com ela arrojá-me ao mistério, que não poderá resistir-me.



No fenômeno há também um lado místico e religioso, porque ele se realizou numa atmosfera de fé intensa e de graça espiritual; existe nele um amor todo dirigido para o Alto, como no misticismo, e que pode recordar (embora muito de longe e que se me perdoe a recordação) o amor como São Francisco o sentiu na Verna.

Para compreender-me seria necessário saber como vivo, como penso, como sofro, como amo.

É absurdo estudar os fenômenos abstratamente, separados da atmosfera em que nasceram e se desenvolveram. A realidade nos apresenta casos concretos, que para serem verdadeiros devem ser particulares. Se queremos tocar com a mão uma realidade, devemos deter-nos no particular. É, porém, no particular do meu caso que irei encontrar as leis gerais do fenômeno inspirativo, comuns a muitos outros casos que observarei ao lado do meu.

O mundo tem necessidade destas revelações íntimas. Pelo menos, a literatura se enriquecerá de algo verdadeiro, vivido, substancial e isso já é muito. O mundo precisa destas afirmações de espiritualidade, necessita de quem grite, em tempos de materialismo e egoísmo desenfreados, a grande palavra da alma; de quem dê, em tempos de apatia e indiferença, exemplo de fé vivida; de quem repita, em forma científica e moderna, as grandes verdades esquecidas. E esta é vida, vida de espírito, a mais possante, a mais intensa que se possa imaginar. E se, em lugar de usar os termos vagos das religiões, precisarmos os problemas da alma, analisando-a e anatomizando-a, o haver determinado em pormenores o aspecto de tais fenômenos não poderá senão reforçar os princípios, como atualmente a presença dos aparelhos radiofônicos não permitirá à maioria duvidar da existência das ondas hertzianas.

Aqui prossigo em minha luta pela afirmação do espírito, a única coisa que me tem parecido digna de valorizar uma vida, luta que considero, doravante, como missão.

Luto para que estas realidades mais profundas sejam vistas, para que estas concepções, altamente benéficas individual e socialmente, desçam à vida de cada dia e lhe comuniquem aquela esperança, aquele sopro de fé, tão necessários, sobretudo nas penas do trabalho e da dor. Será este um romance de gênero novo, um drama superlativo em que se acossam as vicissitudes de minha alma.

Tenho vivido muito, intensissimamente, e ainda tenho muito para dizer. Criei o hábito de quem tem pressa, isto é, de dizer tudo do modo mais simples, mais breve, mais sincero.

Nestas páginas, nasceu em mim um fio de pensamento, que tomou uma direção e se desenvolve. Não sei aonde poderá chegar. Seguí-lo-ei e convido o leitor a segui-lo comigo. E começo.

## II

### O FENÔMENO

Senti e observei em mim a marcha do fenômeno, em seu desenvolvimento interior e exterior. permanece ele, assim, individuado no seu aspecto dinâmico — da gênese, desenvolvimento, plenitude — até o seu produto concreto — o pensamento fixado em escritos, que são o documento, sempre suscetível de observação, último termo do fenômeno, o resultado definitivo do processo terminado.

Relatei esta cronistória pessoal, embora necessária à compreensão do fenômeno, mas não me cabe repeti-la aqui. Agora vamos observar o fenômeno, não mais no seu desenvolvimento no tempo, mas em sua profundidade, para pesquisar-lhe e descobrir-lhe a técnica, isolando-a num dos momentos culminantes e mais intensos: na recepção da minha última obra.

Minha tarefa e meu método são objetivos; anatomizo por seções diversas, trabalhadas primeiro longitudinalmente, na direção do tempo, e depois verticalmente, em profundidade. O leitor compreende que a recepção, que se estendeu por três verões<sup>15</sup> implica necessariamente o repetir de normas constantes, consuetudinárias, a formação de um verdadeiro **método receptivo**.

É minha tarefa, agora, descrever as condições de ambiente e de espírito exigidas, os estados psíquicos vividos, o comportamento de meu ser físico e psíquico, considerado como meio do fenômeno, precisando todos os fatores que para o mesmo possam ter concorrido.

E isso para individuar as características, definir o tipo e, finalmente, encaminhar-nos ao descobrimento da lei daquele fenômeno. Operarei indutivamente, pelo menos nas primeiras fases da pesquisa, remontando dos efeitos às causas, do particular ao geral, do relativo ao princípio das coisas. Quando este método não mais for suficiente para resolver os problemas, eu me transporei, num vôo, ao método da intuição, de modo que o leitor possa vê-lo, aqui, não só descrito, mas, operante na solução das questões mais complexas.

É diferente em mim o tipo de inspiração emotiva do tipo de inspiração intelectual. Minha mediunidade, verdadeira função de vida, não é fenômeno de tipo imóvel, mas se transforma com a minha evolução. No primeiro caso são mobilizados os centros nervosos afetivos do coração, no segundo os centros nervosos intelectivos do cérebro. Atravessando estes

dois tipos de inspiração, vivi em dois centros de vida distintos, nos quais se condensavam todas as minhas sensações.

Não insisto no primeiro caso, que é particularmente o dos místicos, porque a produção que dele resulta, embora em lógico desenvolvimento, não é um verdadeiro organismo conceptual. Isso pode deixar duvidosa a ciência, porquanto o “eu” se expressa nos vagos termos do sentimento, e poderiam os céticos achar facilmente um modo de introduzir, na interpretação, um despertar de estados de subconsciência, com distorção e translação de imagens psíquicas concluindo, finalmente, com o patológico da neurose. Não me refiro, naturalmente, a quem crê, sente e raciocina. Conheço bem, no entanto, o contrário — a mentalidade preconceituosa de certa ciência catedrática e oficial, e é a esta que aludo.

Agora, quando nos achamos diante de um tratado em que o sentimento é relegado a plano secundário e se enfrentam e resolvem problemas que aquela ciência provou ser incapaz de resolver, porquanto por concepções arbitrárias absurdamente os situou, aquela ciência não poderá refugiar-se muito facilmente na hipótese do patológico; o fenômeno mediúnic inspirativo, revolucionando, como método de pesquisa, o passado, não poderá senão resplandecer em toda a sua beleza. Se me abandono, em certos momentos, ao meu lirismo, no ímpeto das impressões, ele é sempre circunscrito e controlado por uma fria razão que é minha garantia, é sempre refreado por uma subversão de psicologia, que em mim é rápida e instintiva e que me leva a ver de cada idéia o seu contrário, e a demolir o que não é bem firme, com a psicologia destruidora do ceticismo científico. A fusão entre fé e ciência, tão auspiciada, já se completou em meu espírito: visão única na substância e de uma a outra eu passo unicamente por uma mudança de perspectiva visual ou de focalização de meus centros psíquicos.

\* \* \*

Abaixemos, portanto, as luzes e entremos no Templo do pensamento. Vamos penetrar num mundo de vibrações delicadas, de formas fugitivas, que o pensamento cria e destrói, mundo de fenômenos evanescentes e sutis e, no entanto, reais.

A insolubilidade de muitos problemas talvez seja motivada justamente pelo situá-los de maneira errônea: a solução é muitas vezes impedida pelo próprio preconceito, embora inconsciente; a conclusão já é dada pela primeira posição do problema.

Aproximamo-nos da gênese do pensamento. Talvez todo o fenômeno do pensamento não seja senão um fenômeno mediúnic de ressonância nouírica e possam ambos reluzir-se ao mesmo princípio; e assim, muitas diferenciações preconcebidas, que prejudicam a visão substancial do fenômeno não terão sentido.

Virão à luz expressões audazes e desconcertantes, mas quero levar à superfície da consciência — onde tudo é claro, sensível, racional — estes mistérios evanescentes das

profundezas; quero medir este, quase direi — singular pensamento radiofônico, que tão estranhamente emerge dos abismos.

Desçamos às profundezas desse oceano que existe no íntimo de nossa personalidade psíquica.

Começo do exterior, da superfície, da descrição do ambiente. Não posso escrever em qualquer lugar. Num ambiente de desmazelo, desordenado, desarmônico, não asseado, novo para mim, não impregnado de minhas longas pausas do meu estado de ânimo dominante, não harmonizado com a cor psíquica de minha personalidade, não posso escrever senão mal e com esforço. Eis-me, ao contrário, em meu pequeno gabinete, ambiente de paz, onde os objetos expressam minha própria pessoa, onde a atmosfera é ressonante de minhas vibrações e tudo, por comunhão de vida, está sintonizado com meu temperamento. Por aí me deter, longamente, para pensar e escrever, saturei as paredes, a mobília, os objetos, de um particular tipo de vibração, que agora a mim retorna como uma música que harmoniza o meu pensamento.

Este é o primeiro problema: harmonização, que me permite a seleção de correntes e a imersão nelas; esses delicadíssimos estados de consciência não posso atingir senão num oásis de paz, através de um processo inicial de isolamento vibratório do violento ruído do mundo.

Antes de lançar-me à exploração do supranormal, tenho necessidade de encerrar-me, para minha ajuda e proteção, nesse invólucro de vibrações simpáticas, harmônicas, leves, como num veículo que me permita flutuar no oceano das vibrações comuns da vida humana, que são densas, sufocantes, cegas.

É noite, aproximadamente dez horas. É ótima hora, em que minha capacidade receptiva se intensifica, até cerca de 1 h da madrugada, em que diminui, então, por cansaço. Existe um antagonismo entre meu pensamento e a forte radiação solar; parece que a luz embaraça minhas funções inspirativas, neutralizando as correntes psíquicas que me circundam. Amo as luzes tênues, difusas, coloridas, que deixam vagar os objetos nos contornos indefinidos da penumbra.

Li que quando Chopin improvisava, fazia baixar as luzes e procurava a "nota azul", que devia ser a nota de sintonização entre sua alma e a do público.

No meu caso, o público está materialmente distante, mas espiritualmente está presente e próximo, e eu o sinto, imenso, estrondando mil vozes: é a alma do mundo.

Minha solidão está cheia dessas vozes: é um oceano sem limites, que sobe em marés, ruge na tempestade, submerge-me e levanta-me em seus vagalhões. Depois se aquieta e escuta, vencido por essa potência de pensamento que me arrasta.

Em minha sensibilidade, o pensamento adquire o poder do raio, as correntes espirituais do mundo são tangíveis, essas forças sutis são reais; e entre elas vou avançando e com destreza navegando.

A princípio, sinto-me extraviado, sozinho no vácuo, e imploro apoio moral, consentimento, confiança. Peço às menores harmonizações de ambiente o primeiro auxílio para o impulso; peço um encaminhamento a uma cadeia de simpatias humanas, que funcionem como círculo mediúnico, embora espiritual e longínquo: uma espécie de caixa de harmonia das minhas ressonâncias espirituais.

Vou subir a uma atmosfera rarefeita e minha humanidade tem necessidade de um invólucro de simpatia que a aqueça e proteja, que a auxilie a lançar-se além da zona humana das tempestades, onde minha alma se encontra exposta ao embate de forças titânicas. Não se pode imaginar o poder de harmonização que emana de um ato de bondade; a bondade é uma música que eu respiro e que docemente me impele à corrente. Esta vibra muito mais pela bondade que pela sabedoria: é perfeição moral.

Para conquistar o conhecimento devo alcançar um estado de purificação, que é leveza espiritual. Apresentam-se, desde agora, as necessárias relações entre evolução e ascensão, de um lado, e mediunidade inspirativa, de outro; esboça-se a afirmação de que a verdadeira ciência não pode ser senão missão e sacerdócio.

Atingido o estado de tensão nervosa indispensável para submergir-me na corrente, esta me arrasta; o próprio estado de tensão me protege do choque das vibrações inferiores e o mundo humano desaparece, distanciando-se de minhas sensações. Basta a imersão nas noures para poder absorver-lhe todo o alimento energético e atingir o isolamento das correntes inferiores. Isso constitui felicidade, êxtase, esquecimento de tudo, até o momento de despertar na consciência normal, em que há uma espécie de penosa turvação de potência perceptiva.

Antes, porém, de estabilizar-me nessa como estratosfera de evolução, enquanto atravesso as camadas inferiores, permaneço vacilante na minha hipersensibilidade, desproporcionada à violência do assalto, muito vulneravelmente exposto ao choque de forças misteriosas. Sinto essas forças vagarem em torno de mim. Sinto, como sentem todas as formas da vida, o terror, a ameaça de um perigo desconhecido nas sombras.

Se, no alto, sou forte, porque sustentado pela corrente, sou humanamente débil cá em baixo, e devo, timidamente e sozinho, dar os primeiros passos dessa grande viagem, que implica numa transformação de consciência. Procuo conseguir isso, auxiliando-me com um processo de progressiva harmonização, que se opera do exterior para o interior. É com a harmonia, começando do campo acústico musical, que consigo vencer as dissonâncias dilacerantes das

correntes barônticas<sup>16</sup> do mal; utilizo a música como primeiro degrau no caminho do bem e da ascensão do espírito. Isso estabelece relações, ainda não suspeitadas, entre música, prece e evolução da alma para o bem.

Harmonizar-me é o meu problema, porque subir significa encontrar a unificação, porque, ascendendo, minha sensibilidade aumenta e mais sofro por qualquer dissonância.

Um dos tormentos de minha vida é a convivência no torturante estrépito psíquico humano, que só a insensibilidade dos insolvidos pode suportar. Assim, uso a música como outro meio inicial de sintonização de ambiente, a fim de que me ajude a saltar da harmonização nesse primeiro plano sensorio exterior para a minha harmonização nos mais altos planos supersensórios; essa música obtenho através do rádio e do radio-fonógrafo, especialmente a melhor música sinfônica, tipo Wagner, Beethoven, Bach, Chopin e outros.

Então, lentamente, a percepção sensoria do mundo é substituída por uma diferente, interior, anímica, que tudo sente diversamente.

As harmonias musicais da audição se transformam nas mais profundas harmonias dos conceitos. Música suave, e em torno, silêncio completo. Luzes moderadas, em tom menor; em torno, tudo escuro. Minha alma é uma chama que arde na noite.

Percebo sua luz e seu cântico, solitários, e eles surgem assim, logo que adormece a consciência do dia. Lentamente, as coisas perdem o seu perfil sensorio; então, vejo vibrar seu espírito. E ouço a voz das coisas, que cantam. Minha consciência adormece para o exterior, meu "eu" morre para as coisas do dia, mas ressuscita numa realidade mais profunda.

E noite avançada. A vida humana repousa, em silêncio. São antagônicas as duas vidas: a do pensamento desperta, enquanto a outra adormece.

E quanto mais adormecido, mais me torno inconsciente da realidade exterior, volitivamente consumido, ausente do mundo de todos, e mais a visão se faz nítida e profunda e mais consciente ressurjo nessa lucidez interior.

A sonolência é, portanto, superficial e condiciona o despertar num outro estado de consciência, diferente, mais profunda, mas sempre minha, ativa, lúcida. Processa-se uma como contraversão no funcionamento psíquico humano, à medida em que se distanciam os estados de atenção volitiva que o caracterizam; dá-se uma inversão de consciência, uma conquista de potência na passividade, tanto que desaparece toda sensação de trabalho e esforço e se produz num estado de abandono.

A vontade, no comum sentido humano, encerrada num círculo de conquistas terrenas, é verdadeiramente para mim um estado de vibração envolvido e violento, que perturba os mais sutis estados vibratórios do pensamento. Os volitivos comuns, se são aptos para dominar, são

impotentes em face dessas delicadas percepções.

Lentamente, então, vou perdendo a sensação física do corpo, embalado por complexos ritmos sinfônicos de uma vasta orquestração, e adormeço num estado de tranqüilidade confiante.

Atravessada essa primeira fase de **negação** sensória, desperto além da vida normal numa outra consciência. Adormentados os sentidos, desaparecido de minha percepção o mundo concreto que me circunda, posso abismar-me na vertigem da abstração. Não estou morto, nem passivo, nem inconsciente, porque todas as sensações da vida retornam, mas com uma potencialização nova e maravilhosa de todas as faculdades de minha personalidade, com um vigor e uma profundidade de percepção e ainda com um lirismo de afetividade que antes desconhecia; parece que somente agora, despida a alma de sua veste corpórea, ela poderia revelar-se inteiramente.

O pensamento regressa, mas com uma sensação de potência titânica, com uma profunda lucidez de visão, com uma rapidez vertiginosa de concepção; percebo-o despojado de palavras, em sua essência. Sou possuído de uma sensação de leveza e de libertação de véus e limitações; sinto dotada minha consciência do poder da intuição e do domínio de uma nova dimensão conceptual. Despertou-se-me um olhar mais penetrante, que vê o interior e não mais somente a superfície, que regista nas coisas não só reflexos óticos, mas também psíquicos; esse novo olhar já não é interceptado pela forma, mas penetra diretamente na substância, buscando o conceito genético, o princípio que anima e governa as coisas. Vejo, então, o que se encontra além da realidade sensória do mundo exterior, isto é, as forças que o movimentam e lhe mantêm o funcionamento orgânico. Essas forças tornam-se vivas, os fenômenos me aparecem com uma vontade própria de existência, um a potência de individualidade que investe sobre mim e grita: "eu sou".

Cada forma se reveste de um hálito divino de conceito que eu respiro; é então que sinto, verdadeiramente, que o universo é um grande organismo dirigido pelo pensamento de Deus. Tudo possui, então, uma voz e me fala; todas as forças, todos os fenômenos, toda a vida, desde o mineral, todas as criaturas de Deus irradiam um cântico que eu escuto e percebo harmonizar-se na sinfonia imensa da criação. Desenvolve-se um colóquio íntimo que registro; despertaram todas as criaturas irmãs e me olham, dizendo: "Quem és tu que ouves? Escuta-nos, nós te falamos".

O colóquio torna-se, então, um imenso amplexo, um perder-se de aniquilamento no seio de uma luz resplandecente. A ciência é um cântico e uma oração. Abre-se o abismo do mistério e contemplo: é uma visão, um êxtase. Mais não sei dizer.

Não há palavra que possa descrever a vertigem desses estados de consciência, a potencialidade desses clarões interiores, o júbilo dessa paixão maior que a vida e a morte, a festa dessa liberação do corpo e dessa fuga da terra, a sensação de força e de eterna juventude que emana desses triunfos do espírito. Assim imagino o meu paraíso.

Relato essas coisas para inflamar os ânimos, induzindo-os a essas altas paixões, porque

desejo que todos encontrem essa vida de perene mocidade e o dinamismo incansável que existe na substância vibrante do espírito. Esse vórtice de sensações faz perceber, do modo mais palpável, que o espírito existe e que sua potência suprema não pode morrer.

Terminada a visão e a regisração, o processo se inverte numa descida: é o retorno à consciência humana. Assim como o transe lúcido e consciente é preparado por uma fase de adormecimento, do mesmo modo termina por uma fase de despertar; essa sonolência e esse acordar referem-se à minha consciência normal, porquanto em face da minha outra consciência os termos simplesmente se invertem. Para que uma possa despertar é necessário que a outra adormeça. Evidentemente, a volta ao estado normal dá-me vivíssima sensação de enfraquecimento intelectual, de redução da personalidade, de queda em dimensões mais envolvidas, em que tudo está comprimido entre barreiras e encerrado em limitações: há uma sensação de gigante abatido.

Torno a cair, então, na realidade cotidiana, onde os outros têm razão e não eu. A visão desfaz-se, o céu se fecha. Estou sozinho. Novamente encontro o trabalho e o cansaço da vida e retomo o peso da minha luta de cada dia.

Tenho, pois, a sensação de que existem em mim duas consciências, colocadas e operantes em planos visuais distintos. Elas se excluem mutuamente e me disputam o campo da personalidade, que não podem possuir plenamente, senão cada uma por sua vez. É necessário, antes, que eu adormeça, como num sonho, e é nesse sonho que o meu **eu** pode transferir-se à consciência mais profunda.

Estudaremos melhor, a seguir, o significado dessas diferentes focalizações e deslocamentos de centro de consciência, porque aí se encontra a chave de minha técnica receptiva.

\* \* \*

A rápida descrição dessas minhas sensações, esta narrativa do meu caso interior, que anteponho para enquadrar o fenômeno, já basta para fazer nascer na mente do leitor um bom número de interrogações. A elas daremos gradualmente resposta.

Tive que descrever o fenômeno no seu lirismo, na intensidade com que o senti e vivi, — e isso para ser verdadeiro e objetivo, — tendo por fim apresentar fotograficamente o fato interior. Agora, vou deixar de lado meus entusiasmos e encará-lo com diferente psicologia analítica.

Embora esses meus estados de ânimo, mobilíssimos, porque incontrolláveis pela observação exterior (embora me sejam necessários), possam reduzir-se a um acontecimento pessoal de relativa importância, e também ser discutidos e negados, todavia resta sempre, tangível



e indestrutível, o seu produto: o volume que foi escrito, com seu conteúdo filosófico e científico, com a solução dos problemas defrontados, com sua técnica de pensamento, elementos largamente suscetíveis de observação.

O fenômeno completo, embora encerrado em sua imobilidade, é uma afirmação realizada, que aí está como testemunho; e os sutis processos de combinações psíquicas que lhe deram origem podem ser reconstituídos.

Os estados psicológicos acima descritos não foram inúteis, porquanto geraram um efeito, que deve ter uma causa; embora possam parecer de exaltação, produziram um organismo conceptual lógico e profundo. Se o efeito revela a natureza da causa, se ele é uma construção racional, precisa, completa, não é justo atribuir sua origem ao acaso ou a uma anormalidade psicológica ou patológica; se o escrito supera a potência cultural e intelectual do escritor, deve existir em algum lugar uma fonte que a tudo isso deu origem.

Conservar-se cético, negar uma causa ao efeito, não perceber um liame de proporções entre os dois termos, não é racional nem científico.

Esses meus estados psicológicos ainda representam mais: significam uma nova técnica de pensamento que pode revolucionar os processos psicológicos até agora habitualmente usados.

Este exame que aqui estou fazendo não tem somente a importância de um estudo sobre um particular tipo de mediunidade, mas é o estudo do grande problema da gênese do pensamento, de uma sua novíssima técnica, de um novo método de pesquisa filosófica e científica. Essa técnica e esse método eu os usei largamente e aqui apresento seu primeiro resultado<sup>17</sup>. Denomino-o **método da intuição** e, como já o tenho adotado, proponho-o, por ser mais poderoso que o método indutivo-experimental. Este último, creio, já deu seu máximo rendimento; também creio necessário mudar de sistema, se a ciência deseja progredir em profundidade, se quer encontrar sua unidade (agora que está em perigo de pulverizar-se no particular e na especialização), se quer descobrir os princípios centrais e obter uma conclusão, após tantos anos de inúteis tentativas. Urge devolver à ciência, que descambou em utilitarismo, a dignidade que lhe é própria, levando-a a descobrir no campo do espírito, guiando-a ao caminho justo da verdade, que o mundo espera e pede há tanto tempo, em vão. Urge elevar a ciência ao nível da fé, para que se funda com esta e se unifique o pensamento humano. Também esse é o objetivo da obra que recentemente concluí.

Abstraindo embora seu conteúdo, que pode ser considerado como revelação, o referido escrito permanece, íntegro, no campo científico, como realização completa do novo método de pesquisa. Com este método, sem profunda e especializada preparação cultural, com rapidez e trabalho relativamente mínimo, pude resolver problemas que os outros métodos não conseguiram solucionar<sup>18</sup>.

O método da intuição é o método da síntese, dos princípios, do absoluto, é o método

interior da visão e da revelação; o método indutivo-experimental é o método da análise, do relativo, é o método exterior da observação. O segundo é prático, utilitário, mas desperdiça o conhecimento; o primeiro é abstrato, teórico, mas toca a verdade absoluta, atinge os princípios universais diretivos dos desenvolvimentos fenomênicos.

Há a considerar também a questão da Entidade, ou seja, do transmissor, questão árdua, para cuja solução teremos, mais adiante, melhores elementos de juízo. Por enquanto, devo observar que, conforme suas próprias declarações, a fonte afirma não ser uma personalidade no sentido humano. Em sua primeira comunicação, **Sua Voz** enuncia, realmente, como primeiro fato, estas já citadas palavras: "Não pergunte meu nome, não procure individualizar-me. Não poderias, ninguém o poderia; não tentes inúteis hipóteses". Além disso, tenho lido, repetidamente, na imprensa espírita que é mais séria e mais verdadeira essa impessoalidade do centro transmissor do que seu exato definir-se numa assinatura, embora esse nome seja dos grandes da História. E é intuitivo que embora sobrevivendo, a personalidade humana deva experimentar mutações que lhe fazem perder seus atributos humanos, seus sinais de identificação psíquica e as características que lhe eram próprias no ambiente terrestre. E isso deve ser mais intensamente positivo quando se trata de Entidades que jamais viveram na Terra, ou também que sejam tão elevadas que vivam normalmente em dimensões conceptuais e planos de consciência superiores.

E se a virtude destes meus estados psíquicos particulares é de fazer-me atingir, conscientemente, esses planos, deverei achar suficiente falar não de espíritos no sentido comum, mas somente de centros emanantes de correntes psíquicas, as **noúres**, em que justamente se processa minha imersão, correntes que eu percebo, vibrações que registo em minha hiperestesia psíquica. Reconhecer-se-á lógica a necessidade de alteração de perspectivas, quando se pensar que longa e estranha viagem seja necessário realizar até atingir o outro limite da comunicação.

Por isso meu caso é bem diferente dos tipos comuns de mediunidade. Não é mediunidade física, de efeitos materiais, que lança mão de centros humanos e sub-humanos, de caráter barôntico. Não é mediunidade intelectual inconsciente, em que o médium funciona como simples instrumento e cuja consciência se afasta no momento da recepção. É, porém, mediunidade intelectual consciente no plano superior em que trabalha e para o qual se desloca, na plenitude de suas forças. É, portanto, mediunidade do tipo mais elevado e chego quase a duvidar que em tais níveis possa ainda subsistir toda a estrutura da concepção espírita comum, e se a tudo isso se possa chamar ainda mediunidade, porquanto ela coincide e se confunde com o fenômeno da inspiração artística, do êxtase místico, da concepção heróica, da abstração filosófica e científica, fenômenos todos que possuem um fundo comum e que se reduzem, não obstante as diferenças particulares, ao mesmo fenômeno de visão da verdade no absoluto divino. "Nesses momentos, que são chamados, justamente, de inspiração — diz Allan Kardec no seu "Livro dos Médiuns" (pág. 245)<sup>19</sup> (19) — as idéias abundam, se seguem e se encadeiam por si mesmas, sob

um impulso involuntário e quase febril; parece-nos que uma inteligência superior vem ajudar-nos e que nosso espírito se haja desembaraçado de um fardo. Os homens de gênio, de todas as classes, artistas, cientistas, literatos; são indubitavelmente espíritos adiantados, capazes de compreender e conceber, por si mesmos, grandes coisas; ora, é precisamente porque os julgamos capazes que os Espíritos, quando desejam executar determinados trabalhos, lhes sugerem as idéias necessárias e assim, na maioria dos casos, eles são médiuns sem o saberem."

Concebo, desse modo, estes meus estados e qualidades como uma sublimação normal de todo o meu ser psíquico, atingida por minha natural maturação biológica, que figuro como uma continuação, no campo psíquico, da evolução orgânica darwiniana. Foi desse ponto de observação, a mim oferecido por estados de consciência, supranormais em face da mediana evolução biológica, mas normais para a fase por mim atingida, foi desse ponto de observação que eu pude contemplar a síntese do cosmos. E é por isso que, desse nível biológico, me inspira o maior desgosto a mediunidade física, que percebo como algo de violento, sufocante, involvido. Deixo a esse mais áspero trabalho do espiritismo o valor probatório para a hodierna ciência da matéria, para os cegos do espírito, mas permaneço em minha sensação de repugnância e de desgosto.

A minha paixão é, ao contrário, subir, sutilizar-me espiritualmente, aperfeiçoar-me sempre como percepção. E esta é a condição de minha mediunidade. Fujo, por isso, do que é terreno, das formas de vida humana, de todas as manifestações barônticas que arrastem meu espírito para baixo e, ao invés de abri-lo para a compreensão e a luz, o sufocam num cárcere de trevas.

Minha paixão é evadir-me das baixas camadas da animalidade humana e essa é minha meta e o significado de minha mediunidade. Quando esta, embora vagando no além, permanece em nível humano ou subumano, não tem mais razão de existir para mim, porquanto não mais significa evasão e libertação. Observar o mundo dos vivos ou o mundo dos mortos é para mim problema secundário em face do de minha evolução. Sou um exilado na Terra e busco desesperadamente a minha gente e a minha pátria distante. Meu esforço objetiva reencontrar algo de grande que eu já senti ou vivi, um conhecimento, urna bondade, um poder que se abalou, não sei como, neste mundo. Meu esforço é para subir, subir moralmente sempre mais, para aprender sempre melhor a manter-me em equilíbrio estável ao nível de consciência representado por essas noúres que eu capto e registro. Procuro, simplesmente) tornar normal para meus pulmões a respiração, que é difícil para um ser humano, naquela atmosfera rarefeita, mas puríssima e esplêndida.

Toquei de leve, neste momento, uma corrente que me delineia uma interpretação do fenômeno. Sinto, desse modo, muitas vezes, nascerem em mim os mais inopinados conceitos. Minhas capacidades consistem, portanto, no saber eu mover-me, em plena consciência, de um plano conceptual humano a um plano conceptual sobre-humano; no saber efetuar, com a sonda

de minha superconsciência, reconhecimentos nas profundezas do plano superior e trazer os resultados da investigação à consciência normal, para poder, através desta e em terminologia desta consciência, fazer a comunicação dos mesmos, isto é, pô-los em forma racional, compreensível aos meus semelhantes. Eis o conceito de que falei: a linha que percorro e ao longo da qual me elevo e desço é a dimensão **evolução** (confronte "A Grande Síntese", cap. "Teoria da evolução das dimensões"). tudo isso pode acontecer porque me encontro numa fase de transição e transformação entre consciência e superconsciência, que ainda me permite oscilar entre as duas fases contíguas de evolução psíquica.

Em face de tudo isso, pode-se ver como se deve abandonar, caso se queira compreender a fundo o problema, o simplicismo da idéia de uma Entidade que fala mais ou menos materialmente aos ouvidos do médium. E daí também se compreende a extraordinária importância que tem para esta minha qualidade de recepção inspirativa — para completá-la, mantê-la, aperfeiçoá-la, o fator **moral**; compreende-se que importantíssima função possui, em face dessa minha mediunidade, o **fator dor**, que refina, educa, purifica; compreende-se como fazem parte integrante do fenômeno e como é necessário dar-lhes um verdadeiro peso científico, fatores de caráter religioso, ético, espiritual, que a ciência acreditou até agora poder ignorar como um não-valor.

No meu caso, por isso, a recepção se realiza por sintonização, isto é, capacidade de vibrar em uníssono, que se pode chamar simpatia, envolvendo o conceito de afinidade de natureza. Devo, então, submeter minha natureza humana ao martírio de viver num nível que não é o seu, entregando-se em holocausto de uma lenta morte; devo saber continuamente realizar entre as cargas de minha vida humana diária, o esforço de erguer-me, como consciência, a um nível sobre-humano e nele manter-me, através de uma tensão nervosa esgotante, em que muitas vezes me abato, caindo humanamente desfalecido. E através de um sofrimento contínuo que eu posso declarar-me uma antena lançada no céu dos antecipadores da evolução. Só a dor pode permitir perdoar a audácia destas afirmações.

Referi-me, assim, às notas fundamentais do fenômeno tal como eu o vivo. Pode ele definir-se como um estado de acentuada hiperestesia psíquica que me permite a captação consciente de correntes conceptuais emanantes de centros psíquicos que existem em formas biologicamente superiores e dificilmente individualizáveis para o homem, em face de suas limitações sensoriais e conceptuais. Esses estados podem ser chamados medianímicos e são no meu caso conscientes, lúcidos, utilizáveis pela minha possibilidade de retroceder biologicamente aos estados de consciência normal e traduzi-los em forma humana de pensamento; possibilidade, para mim, de oscilar entre essas duas consciências, que são duas fases de evolução biológica, no nível psíquico. São capacidades supranormais em face do nível médio, mas normais para mim, porque atingidas por normal processo evolutivo: capacidades abertas a todos e às quais a humanidade chegará por via normal de evolução no tempo. Fenômeno de sintonização entre os

dois centros comunicantes. o que implica afinidade e, de minha parte, a tensão para manter-me num alto nível biológico, expresso neste campo psíquico por leis morais. Tudo isso eu adoto praticamente como um novo método sintético por intuição, de pesquisa filosófico-científica; tenho-o utilizado, ofereço-o e também seus resultados à ciência, para seus objetivos. No fundo, não é senão o antiquíssimo método dedutivo, da revelação, que a ciência, atualmente, trocou pelo método indutivo: é o retorno às fontes da verdade, ao outro extremo visual do conhecimento.

Com este método se introduzem na pesquisa científica fatores delicadíssimos. Considero absurdo falar, no presente caso, de gabinetes e experimentações num sentido materialista, porque a primeira coisa a fazer não é tanto induzir o cientista a estudar o fenômeno com sua psicologia, mas reconstruir, desde os fundamentos, a psicologia do cientista. Meu fenômeno não pode ser apenas objeto de observação, mas é um método científico "**para a observação**", em que não se procede por verificações exteriores e superficiais com meios sensórios e instrumentos apenas, mas se usa a consciência do observador, que é elevada a instrumento de pesquisa. Procede-se, aqui, por sintonização entre o psiquismo do observador e o psiquismo diretivo do fenômeno; é necessário, em outros termos, que a alma do observador se dilate e expanda do **exterior** para o **interior** e entre em contacto com a substância, o princípio animador do fenômeno e não somente com sua forma externa e com o aspecto exterior de seu desenvolvimento. É o estado de espírito do poeta e do místico, de simpatia por todas as criaturas, de paixão de conhecimento para o bem, de visão estética do artista, não mais vagas, mas dirigidas com exatidão científica no campo das concepções abstratas.

Nestas formas de pensamento sinto que se dilatam os horizontes novíssimos da ciência do futuro, sinto que nestes conceitos que aqui estou expondo está a semente de uma profunda revolução na orientação do pensamento humano, sinto que este assunto é o problema fundamental, o mais importante a que possa dirigir-se hoje a mente humana. Aquém deste estudo, que parece apenas de um caso pessoal, se agita o grave problema do conhecimento humano e dos novos métodos para atingi-lo. Tudo isso demonstra que a verdadeira ciência, a profunda ciência que toca a verdade, só é atingida pelas vias interiores, através de um processo de harmonização da consciência com as leis da vida e com o divino princípio que tudo rege; demonstra que os caminhos do conhecimento não podem ser senão os caminhos do bem, que o saber é um equilíbrio de espírito, que a revelação do mistério não se verifica senão quando se alcança a fase de perfeição moral; demonstra que a ciência agnóstica, amoral, é a ciência do mal, que se destrói a si mesma, e que é absurdo, portanto, ignorar certos imponderáveis substanciais e prescindir do fator ético na pesquisa; demonstra, finalmente, que a ciência não deve ser senão uma ascensão cultural e espiritual tendente à unificação de tudo — arte, filosofia, religião, saber — em Deus. Porque a lei de evolução é também lei de unificação.

Com este método escrevi uma obra que foi publicada como ditado mediúnico e isso, se corresponde à verdade, não basta para fazer compreender todo o fenômeno. Vê-se agora como

esse escrito foi gerado num plano de consciência supranormal e que eu tinha que possuir as qualidades necessárias para saber transferir-me àquele plano e, assim, poder perceber aqueles conceitos. Meu esforço não foi, na verdade, o esforço cultural do estudioso, mas um trabalho completamente diverso. Nada de livros, de resto inexistentes em tais campos inexplorados e sobre tais novíssimas concepções; nenhuma preparação cultural particular, nenhuma coletânea de materiais, nenhuma pesquisa, no passado, do pensamento alheio, mas um contacto imediato com o problema e com o fenômeno, com uma nova e diferente focalização de consciência. A libertação do estorvo cultural foi, pelo contrário, a primeira condição, que me permitiu a leveza necessária ao vôo e uma espécie de virgindade de espírito, livre de todos os preconceitos de precedentes interpretações alheias. A dificuldade da composição não se assentou no estudo de livros, mas na busca do estado de espírito. O fenômeno e sua lei me falaram diretamente, sem véus; a verdade me tocou como um lampejo de concepção instantânea; nenhuma incerteza, jamais a tentativa da hipótese. Prendia, num vôo, o princípio, sem perder-me nunca no dédalo do particular e da análise. Jamais oscilei na dúvida em que a ciência se debate. Nenhum registo necessário, multiplicado pela observação prolixa e paciente; não mais o comportamento lento e incerto do cego que, para certificar-se da segurança, deve tocar tudo de todos os lados, mas um senso da verdade, uma registo rápida de totais, uma potência de síntese que imediatamente conclui. Não mais um mesquinho contacto com o fenômeno, apenas pela estreita via dos sentidos, mas uma comunhão aberta de par em par, uma transposição completa do meu centro consciente ao centro do fenômeno, seja ele o menor ou o máximo do universo. Os dois termos que devem compreender-se, observador e fenômeno, eu os ponho à mesma altura; não me canso em mudar os casos e as condições do fenômeno, mas mudo o observador e suas qualidades perceptivas; restituo sua alma ao fenômeno e a compreendo. Na transmutação da consciência, sintonizo os íntimos movimentos vorticosos do meu psiquismo com aqueles que constituem a essência do fenômeno; reduzimo-nos ambos (eu e o fenômeno, elementos que devem tocar-se) à última e mais simples expressão cinética. Reduzidos, assim, ao mesmo denominador, as duas expressões podem comunicar-se, minha consciência pode sobrepor-se e coincidir com a consciência do fenômeno. Este método de pesquisa por sintonização fenomênica atinge também fenômenos longínquos ou não mais reproduzíveis, não suscetíveis, portanto, de observação, como, por exemplo, as origens da vida, as dimensões conceptuais etc., fenômenos que não podem ser arrostados senão com esses meios de pesquisa, pois a ciência não os possui.

Nestes estados, não sou apenas consciente, mas também ativo centro investigador e não me limito à percepção de núres ou correntes de pensamento emanantes de centros psíquicos de mim distintos, mas sinto diretamente a grande voz das coisas, vejo o princípio que as anima, percebo as correntes que delas emanam. É natural que, transferindo-me eu a um plano de consciência mais avançado em evolução, tudo naquele nível se manifeste em forma de vibração psíquica, porquanto nas fases superiores todo o universo se torna espírito. E tudo abarco porque, se na consciência normal adormeço, numa outra desperto e esta é muito mais elevada e potente; nesta adquiro uma nova amplitude de visão e de discernimento, visão minha, livre e autônoma. Também na percepção e captação de núres permaneço consciente, examino, exercito um poder de juízo e de escolha. Daí se pode compreender a que grau de consciência atinge minha mediunidade e como eu domino completamente o fenômeno em toda a sua extensão, permanecendo senhor de suas possibilidades.

Apresenta-se agora uma delicada questão: saber se o seu produto é absolutamente meu; em outros termos, a quem cabe a paternidade da minha produção, chamada mediúnica. A questão é sutil, justamente porque em tais níveis de consciência não só conquisto um particular poder de visão no absoluto, não só percebo o pensamento de outros centros, como também naquele nível a distinção individualista humana, própria do separatismo imperante nos planos mais baixos de evolução, se anula na unificação, própria dos planos superiores. Já afirmei que a lei de evolução é também lei de unificação. Subindo a superiores dimensões conceptuais é natural, portanto, que a individualidade se reabsorva na unidade. Atingindo aqueles planos, eu sinto, na verdade, apagar-se a distinção entre o eu e o não-eu, sinto-me anulado, fundindo-me e ressurgindo numa unidade mais alta e poderosa, sinto atuar-se a unificação entre mim e o princípio animador dos fenômenos, não apenas entre mim e as noúres, mas ainda, entre mim e os centros de pensamento que as emitem. Ascendendo-se, atinge-se a unificação com o princípio universal em que a individualidade se aniquila. Meu ser se harmoniza, então, de tal modo com o funcionamento orgânico do universo que dele não se sente mais separado, unificando-se, fundindo-se e perdendo-se no grande incêndio de luz da Divindade.

É para mim difícil reduzir a grandiosidade de sensações deste fenômeno aos termos do vocabulário mediúnico. Muito mais difícil porque devo ainda, por amor à verdade, acrescentar que também nos estratos inferiores de minha consciência, quando o trabalho lhes era apropriado, este lhes era confiado em colaboração harmônica pela lei do meio mínimo<sup>20</sup>. Alguns, ao julgar-me, procuraram a evidência do fenômeno mediúnico na ausência, em mim, de uma adequada preparação cultural e viram a prova disso no contraste entre minha cultura, amplamente inferior ao escrito produzido, até ao ponto de considerar que, quando esse contraste falta, o fenômeno deve ser julgado suspeito. E se escandalizam por eu abolir, abertamente, no meu caso, essa presunção de completa ignorância como elemento probatório e por diminuir essa distância entre as capacidades culturais do médium e o produto intelectual. Já falei, porém, sobre sintonização. É evidente, pois, que o centro receptor, para poder entrar em ressonância deve saber elevar-se até atingir um estado de afinidade qualitativa com o centro transmissor, que tanto pode ser uma noúre, como a alma do fenômeno em sua própria expressão. E nos assuntos mais modestos, como a compilação de um quadro, de um diagrama, a execução de um desenho, o controle de um cálculo ou de uma fórmula, o desenvolvimento de conceitos mais simples, o próprio, mas raro retoque da forma etc., é natural, é justo que esse trabalho menor de contorno, esses serviços secundários sejam confiados à psique menor, para deixar, evitando inútil desgaste de energias, o trabalho central de direção à psique superior, que se reserva a função mais elevada de lançar os planos da obra e iluminar a essência dos fenômenos. Tudo isso corresponde a um plano lógico de divisão de trabalho.

Ouçamos o que, sobre o assunto, diz Allan Kardec no seu "Livro dos Médiuns": "É possível reconhecer-se o pensamento sugerido, por não ser jamais preconcebido; nasce à medida

que se escreve e é freqüentemente contrário à idéia que anteriormente se formara (**exatíssimo**); pode, além disso, ser superior aos conhecimentos e capacidades do médium..." "Este último, para transmitir o pensamento, deve compreendê-lo e, de certo modo, apropriar-se dele a fim de traduzi-lo fielmente e, no entanto, esse pensamento não é seu..." (pág. 243)<sup>21</sup>. "Todo aquele que, seja no estado normal, seja no de êxtase, receba, pelo pensamento, comunicações estranhas às suas idéias preconcebidas, pode ser colocado na categoria dos médiuns inspirados. Esta é uma variedade de mediunidade intuitiva, com a diferença que a intervenção dum poder oculto é aí muito menos sensível, tornando-se ao inspirado muito mais difícil distinguir o pensamento próprio daquele que lhe é sugerido. O que caracteriza este último, é sobretudo, a espontaneidade" (pág. 244)<sup>22</sup>.

Leio mais adiante, no mesmo volume (pag. 308 e seguintes) uma comunicação de um Espírito, que diz: "Quando encontramos em um médium o cérebro dotado de conhecimentos adquiridos em sua vida atual e o seu espírito rico de conhecimentos anteriores, latentes, próprios a facilitar-nos as comunicações, dele nos servimos de preferência, porquanto com ele o fenômeno da comunicação é muito mais fácil do que com um médium de inteligência limitada e cujos conhecimentos anteriores sejam insuficientes.... Nossos pensamentos não necessitam da vestimenta das palavras... Um determinado pensamento pode ser compreendido por tais ou quais espíritos segundo seu adiantamento, ao passo que, para outros, esse pensamento, não despertando nenhuma lembrança, nenhum conhecimento que se abrigue em seu coração ou em seu cérebro, não lhes é perceptível..." "Com um médium, cuja inteligência atual ou anterior se ache desenvolvida, nosso pensamento se comunica instantaneamente, de espírito a espírito. Neste caso, encontramos no cérebro do médium os elementos apropriados a vestir nosso pensamento com a palavra correspondente ao mesmo. Eis porque os ensinamentos assim obtidos conservam um cunho de forma e colorido pessoais ao médium. Se bem que os ensinamentos não provenham de modo algum deste, ele influi sempre em sua forma, tanto pelas qualidades quanto pelas propriedades inerentes à sua pessoa..." "Quando somos obrigados a servir-nos de médiuns pouco adiantados, nosso trabalho se torna muito mais longo e penoso, porque somos coagidos a recorrer a formas incompletas, o que é para nós uma complicação." "Sentimo-nos felizes, por isso, quando podemos encontrar médiuns aptos, bem aparelhados, munidos de materiais prontos a serem utilizados. É por essas razões que nos dirigimos de preferência às classes cultas e instruídas...e deixamos aos espíritos galhofeiros e pouco adiantados o exercício das comunicações tangíveis, de pancadas e transporte..."<sup>23</sup>. Uma importante "Observação" encerra, no citado volume (pág. 312), essa comunicação<sup>24</sup>: "Disso deriva, como princípio, que o espírito colhe, não as suas idéias, porém, os materiais necessários para exprimi-las, no cérebro do médium e que, quanto mais rico é esse cérebro em materiais, mais fácil se torna a comunicação...". "Compreende-se que os Espíritos devem preferir os instrumentos de uso mais fácil ou, como dizem, os médiuns bem aparelhados, do ponto de vista deles.

No meu caso, portanto, a cultura não somente não deve ser excluída, mas é um



instrumento precioso fornecido ao centro transmissor, como igualmente podem ser a elevação de sentimentos e a afinidade moral, que é condição de unificação Minha mediunidade é, portanto, um caso de verdadeira colaboração consciente e ativa; não é, assim, absurdo que sejam chamados a cooperar e a dar todo o seu rendimento os melhores recursos que minha personalidade pode oferecer. Certamente é difícil precisar a distinção entre o meu e o não-meu, como também já não sinto a que existe entre o eu e o não-eu. Se eu sou o pedreiro, terei ofertado algum tijolo, foi-me confiada também a construção de alguma parede e o mecânico trabalho cultural que preenche os interstícios, mas não poderei jamais igualar-me ao arquiteto que concebeu o plano da obra, que lhe traçou as linhas, que por ele sempre velou e ainda assinalou, entre os limites que quis, o meu trabalho menor. Tudo é questão de gradação e de medida. Eu só tive um escopo: o de completar a obra e me dei totalmente a ela com a máxima tensão. Era nessa identidade de metas que se processava a unificação entre mim e o centro superior; e aquele eu, que consagrei inteiramente à minha obra, foi conduzido por essa atração do Alto a um tal grau de sublimação que nele não mais encontro o meu pequeno eu normal. Em suma: aquela concepção passou, qual novo Pentecostes, como um incêndio através de meu espírito e todas estas palavras demonstram quanto, não obstante meu desejo de discernimento, me é difícil reencontrar-me a mim mesmo naquele incêndio.

Durante o desenvolvimento do texto, oscilava eu entre minha consciência humana e a outra, superior, que também seria minha naqueles momentos, conforme as necessidades da compilação impunham; aterrava e decolava, quando preciso, porquanto o objetivo era produzir e não estabelecer distinções. Recordo-me muitíssimo bem como, ao engolfar-me como de hábito, sem o saber, na angústia de difíceis soluções e sem saída visível, a inspiração me tomava a mão e me guiava, ela só, através do vazio em que sentia perder-me. Uma direção superior, embora inadvertida e latente, devia estar sempre presente, pois era meu hábito arrojá-lo, sem preparação, sobre os argumentos mais difíceis, ignorando aonde chegaria; e não obstante isso, atingia um bom porto, sempre guiado por um misterioso senso da verdade. Todas as teorias e desenvolvimentos conceptuais por mim seguidos não foram, na verdade, meditados; não os compreendi inteiramente senão depois de escritos; eu não conheço um problema senão depois de completamente exposto, porque durante o seu desenvolvimento se processa, em minha mente, um continuo projetar-se de luzes, um multiplicar-se de perspectivas inesperadas, um surpreendente pulular de imprevistos. Isso sucede quase sempre, de modo que eu não sei se dito ou escuto, se escrevo ou leio. Só sei que de mim sai esse fio de pensamento contínuo. Indubitavelmente um controle e um consenso superiores se manifestam em cada palavra, porque uma dolorosa dissonância feriria logo minha hipersensibilidade, apenas me afastasse da linha de harmonização. A execução inferior me foi confiada e eu sigo tranqüilo enquanto são suficientes os recursos da consciência humana; muitas vezes, porém, numa curva inesperada, numa passagem difícil, sinto-me atemorizado como uma criança perdida e então me uno novamente ao guia. Recordo-me de que no desenvolvimento da teoria da evolução das dimensões<sup>25</sup>, cheguei a um ponto em que me julguei extraviado, não podendo resistir à tensão; rompera-se-me o fio do

pensamento; a visão se apagara aos meus olhos; estava desanimado e havia perdido o senso da verdade. A consciência comum nada me sabia dizer, era cega. Foi então que, passeando, numa hora tardia duma noite estival, num terraço, a luz das estrelas, orando e suplicando, vi toda a teoria num lampejo, um esplendor de conceitos sobre o fundo cintilante do firmamento. Foi um átimo, porque a visão conceptual está verdadeiramente além da dimensão tempo.

A intervenção, pois do fator supranormal é evidente. É preciso somente compreender a complexa estrutura dessa intervenção e evitar o simplismo que reduz tudo à ação de um espírito sobre os centros psíquicos passivos do médium. Isso justifica a qualificação mediúnica dada ao escrito desde o princípio. Assim como a compreensão da transmissão radiofônica, embora muito simples para comparação, presume o conhecimento da eletrotécnica, igualmente para entender este meu fenômeno é preciso haver assimilado toda a obra que produzi, como interpretação da fenomenologia universal, para poder também situar este caso harmonicamente no seio do funcionamento orgânico do todo. Atrás destas minhas palavras, como explicação e base, exponho aquele quadro totalitário, quando falo de minhas duas consciências e da minha oscilação entre elas, ao longo da dimensão da evolução, referindo-me à teoria da evolução das dimensões conceptuais e à fase humana da evolução espiritual. É racional e científico, científico também no sentido da velha escola materialista, falar de níveis e planos de consciência. Estes não são mais que os graus sucessivos, as fases da evolução afirmada por Darwin no campo orgânico e continuadas, logicamente, no único campo onde continuação pode e tem de existir, isto é, no campo psíquico. Tudo isso corresponde aos conceitos das religiões e aí se encontra traduzido em diversas palavras que exprimem substancialmente o mesmo, como "hierarquias angélicas", ou vários céus, ou esferas celestes". É esta unidade fundamental, na profundidade em que tudo se unifica e a que permaneço aderente, que me permite muitas vezes mudar de forma e estilo, passando equivalentemente da ciência à fé e vice-versa, reduzindo assim os grandes inimigos a questões de palavras e não de substância.

O fenômeno apresenta, portanto, duas faces e resulta justamente de sua conjunção: o lado humano, em que se encontra minha preparação cultural, as qualidades de meu temperamento, o meu grau de evolução e a minha capacidade de transferência a um superior plano de consciência; no outro extremo, está o lado super-humano, que desce, se adapta a mim e ao mesmo tempo me adapta a si, guiando-me e atraindo-me para o alto. Existem, pois, não somente dois centros: um, radiante, transmissor, e um registrador, receptor; existem também duas atividades, porquanto ambos os centros, laboriosamente, se acham estendidos, um para o outro, a fim de atingir a unificação. Porque a identificação é a fase da comunhão perfeita. Só através da tensão deste trabalho de recíproca aproximação pode estabelecer-se a comunicação; por isso, de minha parte, como centro registrador e receptor, dou todo o meu esforço e conheço toda a minha fadiga para alcançar a altitude evolutiva do transmissor e nela me manter. A estação receptora não é, portanto, necessariamente passiva como um aparelho radiofônico, mas, sim, conscientemente ativa, sabe, investiga, escolhe, lança-se com todas as suas forças para conseguir a

captação das noures, multiplica suas energias, dá-se completamente, aniquila-se em face da criação nascitura. É nesse sentido que em minha obra se encontra todo o meu eu, toda a minha fé, minha paixão, minha pobre cultura; ali está meu pequeno eu multiplicado pelo infinito, que, com sua atração me arrebatou para o alto e fecundou meu esforço, centuplicando-lhe o rendimento. Ali está meu pequeno eu, porque aquela concepção, embora muito longínqua, também se encontra na linha de minha evolução, e eu a senti, palpitante, como um sonho, inatingível hoje, de uma perfeição a cujos pés me humilho, porque não me encontro amadurecido e careço de forças.

Essas noures superiores estão no meu futuro e me atraem. Encontram-se na outra extremidade, no segundo termo da comunicação. Devemos entender-nos, desde agora, a respeito do conceito de noures, que é muito vasto e complexo e que aprofundaremos no estudo da técnica do fenômeno.

As noures não são somente correntes psíquicas, uma espécie de pensamento radiante, apenas vestido da onda dinâmica mais degradada e evolvida, como seu único suporte sensorio; são correntes conscientes que conservam, como as inferiores formas dinâmicas, as qualidades típicas, e nesse caso conscientes, do centro genético. Essas correntes não são senão a expansão daquele centro e conservam sua consciência e conhecimento. Conceitos abismais, porque não sabemos imaginar ondas que possuam tais qualidades. Porém, há mais ainda. Do lado transmissor não devemos enxergar apenas os centros superevolvidos mais ou menos individualizáveis como personalidade, no sentido humano, mas devemos ver também, como já mostrei, a alma dos fenômenos, alma que se manifesta a si mesma, isto é, o psiquismo que existe em todos os fenômenos, o princípio e conceito animador que os assinala e dirige o transformismo contínuo, o eterno tornar-se. Ainda aqui é preciso haver compreendido o espírito de meus escritos. Uma pedra também é viva e existe nela um psiquismo animador, concedido pelo conceito divino que, a cada instante, nela se realiza, exteriorizando-se. Por isso, também uma pedra, ou o mais simples fenômeno químico ou físico, emana noures e é perceptível como noures, no meu mais elevado nível de consciência. Neste plano, todo o universo se transforma em noures. Desse meu estádio psíquico e dimensão conceptual que, na profundidade sente a essência além da forma das coisas, percebo efetivamente o universo em sua superior dimensão psíquica, que lhe é própria na escada das fases evolutivas. Basta esta minha mutação de consciência para alterar e deslocar toda a gama de minhas ressonâncias interiores, para me fazer perceber o universo qual é em sua fase superior. A evolução, que passa do plano físico ao dinâmico e ao psíquico, transforma todo o universo num psiquismo e em psiquismo ele se torna, como sua real e nova forma de ser, desde que nessa nova dimensão eu saiba apresentar-me conscientemente. Eis o que significa dizer: então todo o universo se transforma em noures. É que, realmente, então, tudo que existe exala pensamento e assim eu sinto o universo nestes meus estados medianímicos, como um possante organismo conceptual. A verdadeira grande noure que eu aferro e registro é a emanação harmônica e orgânica do pensamento infinito de Deus.

Cai, então, naturalmente, o véu dos mistérios e tudo expressa a substância de seu ser numa espontânea revelação. Nessas minhas superelevações de dimensão de consciência, tenho a visão, nas profundezas de um abismo infinito, desse centro conceptual. As dimensões gigantescas do fenômeno, a grandiosidade esmagante do segundo termo comunicante, dariam uma sensação de vertigem a quem não houvesse atingido esses estados, como eu, através de longos e lentos exercícios e de maturação biológica não se sabe quantas vezes milenária. É necessário, aqui, um equilíbrio mental não comum porque posto a dura prova; e a objetividade e a minuciosa segurança com que me analiso demonstram quanto estamos, no caso, distanciados da consumação neurótica, tão freqüentemente invocada pela ciência como explicação de semelhantes fatos.

Sou, assim, lançado num mundo maravilhoso. Possuo, então, uma nova vista, um feixe de sentidos novos e, sem órgãos físicos, um poder de percepção anímica direta, supersensória. Assim se explica a necessidade daquela espécie de transe que me livra da presença ativa dos sentidos físicos, a fim de que eles não me tornem a chamar à realidade sensória exterior, que não sabe falar-me senão da forma. Devo realizar, antes de mais nada, a tarefa de libertar-me dessa estorvante psique racional de superfície, que para os outros é tão fundamental. Não mais vejo, então, o fenômeno no seu aspecto exterior, mas sinto o princípio que o movimenta; não vejo, por exemplo, a semente em seus caracteres morfológicos, mas a enxergo na íntima estrutura de seu ser, como vontade de desenvolvimento, como presciência do ambiente (instinto) e da meta a atingir; vejo, mais profundamente, o ritmo das infinitas formas do passado e a vontade de desenvolvê-las e, mais longe, sinto o grande princípio da vida que, naquele tipo, palpita e se exprime.

Quando, no silêncio da noite, completo o processo de adormecimento da minha psique sensória, na harmonia e nos tons menores das luzes, no fundo da penumbra, ao ritmo submisso das orquestrações sinfônicas, as coisas perdem seu perfil concreto, o mundo se torna irreal, isto é, ressurgem numa realidade diferente e eu sinto o equivalente psíquico e espiritual das formas. Há uma correspondência entre os vários planos de evolução, porque a essência das coisas que destila dos planos mais altos se projeta como uma sombra nos planos inferiores. E isso é lógico porque toda unidade está ligada à superior, na linha da evolução.

Ora, minha ascensão de dimensões conceptuais me permite subir da projeção concreta à substância espiritual. É por essa correspondência entre os diversos planos que se pode falar por parábolas, que o simbolismo pode exprimir os princípios abstratos e as realidades mais dificilmente imagináveis para os incultos, traduzindo-as em sua sombra mais densa ou projeção concreta, que também as ficam possuindo, embora veladamente. Assim se conseguiu dar expressão, sensorialmente acessível, à realidade abstrata do superconcebível, trazendo-a ao nosso mundo com o revesti-la de um invólucro que a torna tangível. Eu destruo essa redução, subindo a corrente em direção oposta: e esse esforço visa a lançar por terra os véus e superar os símbolos

para restituir à luz da compreensão a verdade, que neles teve de ocultar-se, por exigência da psicologia humana envolvida. Vimos, desse modo, o conteúdo científico do conceito da Trindade<sup>26</sup>.

No mundo dos fenômenos histórico-sociais, enxergo, atrás dos acontecimentos, a sutil trama em que se tece a causalidade projetada na direção do efeito, vejo o progredir de um conceito até a meta, vejo o fio que sustém como um colar a série dos episódios e o desenvolvimento lógico que guia o curso do fenômeno histórico.

No mundo da matéria inorgânica sinto o redemoinhar interior dos átomos, suas atrações e repulsões, seus amplexos por afinidade, o dinamismo de suas correntes elétricas, o combinar-se e o unir-se de seus movimentos planetários em fusões que originam os diversos tipos das individualizações químicas

Não adquiero conhecimento dos fenômenos por aquisições culturais particulares e numerosas, através do método comum, que repete o saber dos outros; mas, possuo um senso único de orientação que me abre o caminho da compreensão de todos os fenômenos Não compreendo como a ciência possa imaginar que, por exemplo, contando cuidadosamente o número das folhas, observando-as e descrevendo-as, se possa chegar ao entendimento do princípio da vida das plantas; sinto a absoluta impotência sintética do método da observação. E, no entanto, qualquer fenômeno, sem multiplicação de casos, traz escrita em si mesmo a sua lei; basta escutá-la.

O método experimental me dá a impressão da cegueira, que precisa recorrer ao tato. Na profundidade das coisas existe, indiscutivelmente, um princípio que as governa; não busco esse princípio penosamente, pelos longes e laboriosos caminhos da análise e da hipótese mas o alcanço por percepção direta, através de um meu sentido da verdade, um novo sentido de orientação conceptual que sintetiza e supera todos os outros. Avanço, assim, por instinto, por contínua registo de totais, sem distrair-me no particular; alcanço o conhecimento por deduções, descendo ao particular, desde os princípios que anteriormente havia percebido e que o contém por inteiro. Jamais tento a longa via que sobe lentamente em direção oposta. Nunca vejo um problema, ainda que mínimo, isolado, mas sempre relacionado com a organização de toda a fenomenologia universal e resolvido em relação a ela. Somente com este método se podia fazer uma síntese e encontrar a unidade.

O uso deste método, a princípio intuitivo e depois dedutivo, é necessário hoje, como método sintético e unitário. para contrabalançar a dispersão do conhecimento, a que chega logicamente, por sua natureza, o método indutivo. Se, com uma mudança radical de direção intelectual, não se reagir contra essa tendência, acentuar-se-á sempre mais o isolamento do saber humano na especialização e na desorientação, em face das causas primeiras

Este meu estudo encara os males congênitos da ciência moderna e se propõe saná-los. Já disse que evolução é unificação; e se o tempo é o ritmo de uma evolução necessária, deve ele trazer necessariamente unificação. Não pode haver outra meta nem outro futuro. É natural que, elevando-me eu evolutivamente a superiores dimensões conceptuais, haja súbita e espontaneamente encontrado a unidade. O método da intuição é, portanto, o método unitário e sintético que deve dar um amanhã à ciência e ao pensamento humano. Só assim se pode encontrar a unidade, aprendendo as relações entre os fenômenos aparentemente mais distanciados, mas que, apesar disso, se sentem e se influenciam reciprocamente. O saber moderno se tornou tão gigantesco e confuso, que há necessidade de uma reordenação, de um desfolhamento: a idéia múltipla do particular precisa ser reduzida à idéia simples, central e sintética, que tudo diz mais brevemente; após haver criado tantas disciplinas, urge saber encontrar os liames que as unam, agora que elas tendem a separar-se, a fim de fundi-las em uma verdade, que deve ser simples e única. São perigosas essas especializações, hoje tão em moda, mas que não correspondem à realidade dos fenômenos, que nunca existem isolados; são posições falsas essas, em que a mente do estudioso se afasta para uma ramificação última do mundo fenomênico e do saber humano. Esse separatismo, se é utilitário, acaba fazendo desaparecer também a visão exata do campo particular da especialização. É preciso permanecer sempre aderente ao tronco e ver sempre tudo em função das grandes linhas centrais do organismo universal. E pensar que estas linhas centrais, que servem de base ao conhecimento, a ciência ainda as procura e ainda precisa encontrá-las! Em seu monismo, meu método sintético combate esta corrida hodierna para a dispersão conceptual.

De tudo se percebe como racionalmente eu controlo e domino meu transe. O acontecimento novo no mundo mediúnico do presente e do passado, creio que seja justamente este, — de haver conduzido o transe a um estado de exatidão científica. No meu estado de imersão nas noures, minha consciência permanece sempre presente; antes, duplamente presente, como mais profunda consciência, que implica uma capacidade de juízo superior à normal. Estamos, no extremo oposto da comum mediunidade intelectual passiva e inconsciente. No meu caso há uma intensificação de lucidez e potência conceptual, uma dinamização de atividade intelectual e assim se deve, e só assim se pode, entender minha mediunidade. De outro modo, não poderia nem sequer escrever estas páginas, porquanto normalmente recorro, oscilando entre os dois centros, a esta minha psique superior que me permite atingir maior altura, apenas a dificuldade do problema me faça sentir a necessidade disso.

Disse, de início, que minha mediunidade é progressiva. Sua evolução vai da forma menos consciente, qual era nas primeiras Mensagens<sup>27</sup>, à forma sempre mais consciente qual se manifesta na Síntese que, por sua própria profundidade conceptual, implica um mais severo controle mental.

\* \* \*

Aludi, no início deste capítulo, às ótimas condições habituais de minha regisração mediúnica. Isso não me impede de sentir e registrar também em outros ambientes além de meu

gabinete, embora sua escolha tenha sempre importância capital, porque meu ser recebe as vibrações de tudo que o circunda. As vezes, aquele lampejar de conceitos explode imprevistamente; mas, também, em meio ao estrépito psíquico, tormentoso já para mim, oferecido pela presença de pessoas heterogêneas, uma inesperada e inadvertida sensação pode excitar a visão interior. Minha psique já se habituou a essa audição pela qual afloram à minha consciência concepções imprevistas que me pareciam desconhecidas. E mesmo agora, enquanto escrevo, surpreendo-me com conceitos que me nascem inopinadamente, de modo que não conheço completamente determinado argumento senão quando terminado o trabalho

Em ambientes inadaptados, a audição só pode ser desordenada e fragmentária. Ambientes bem sintonizados são a montanha, o campo tranqüilo e sobretudo a solidão dos bosques. As grandes árvores têm, no lento fluir de sua vida, algo de tanta sabedoria e de tanto pensamento que me guiam a uma atmosfera de meditação. A vida vegetal, talvez pela sua natureza complementar da nossa vida animal, oferece uma sensação de repouso e de pureza; a vida humana, principalmente nas grandes e rumorosas aglomerações, traz uma sensação de asfixia. Um ser da minha sensibilidade não pode deixar de sentir todas as emanações de cada ambiente. Cada coisa, cada ser tem uma voz que lhe é própria.

Sendo o fenômeno inspirativo de natureza vibratória, nele a harmonização vibratória do ambiente é fundamental. Já expliquei como preparo a interior harmonização conceptual, partindo de uma primeira harmonização exterior, ótica e acústica, do ambiente, quando trabalho no meu gabinete.

No campo, tudo já é naturalmente harmônico, as formas, as cores, os sons; as luzes do dia se harmonizam no céu e na vegetação e harmônico é o pensamento da vida que, embora na luta, é equilibrado pela convivência.

Todas essas harmonias são para mim caminhos musicais que me elevam à prece e conduzem à concepção do bem. Por isso, nas igrejas há música e canto. Assim como nos teatros se faz caso das qualidades harmônicas de ressonância acústica, do mesmo modo, nos ambientes de oração, que é fenômeno substancialmente mediúnico, as qualidades de ressonância espiritual deveriam merecer cuidado, como de fundamental importância, se se deseja que o templo satisfaça sua função de elevar as almas. Há igrejas espiritualmente mudas e, do ponto de vista da vibração psíquica, surdas e desarmônicas; e outras que, apesar de humildes e despidas de adornos, têm suas paredes saturadas das vibrações de fé que, durante séculos, as gerações entre elas geraram e projetaram<sup>28</sup>. Minha audição psíquica sente, imediatamente, essas ressonâncias e minha alma responde a essas emanações que as antigas paredes me restituem, que a alma das gerações que junto delas, durante séculos, oraram, nelas infundiram. E nesses ambientes consigo muitíssimo bem minha sintonização mediúnica. Um dia a ciência registrará essas absorções vibratórias, essas emanações de estados de ânimo, essas correntes nouíricas que as paredes podem restituir e de que alguns ambientes se acham saturados. Então, uma restauração artística mais consciente evitará,

embora conforme os critérios do olhar e do estilo, certas demolições irreparáveis, que destruíam a atmosfera psíquica dos séculos, que pode ser vivíssima, inclusive em ambiente estilisticamente destoante. Essa atmosfera é a flor mais delicada da fé, a mais evanescente, a beleza mais sutil de um templo, seu maior valor espiritual.

O problema das noures é fundamental também nessas concepções de arte. E de outro modo não saberia explicar-me a moderna e inconsciente idolatria pelo "300"29 (29), como uma instintiva busca da alma faminta que pede às velhas paredes as vibrações de uma fé outrora poderosa e que hoje parece perdida para sempre. De tudo isso se compreende que vacuidade espiritual representa a mentira de certas modernas reconstruções em estilo.

Em lugar algum a sinfonia é tão cacofônica como nas grandes cidades modernas. Aqui, de perto ou longe, não pode ajudar-me senão o círculo de simpatias que, à semelhança do mediúnico, estreita em torno de mim o anel da compreensão. No campo, a beleza da natureza representa uma harmonia imensa e espontânea, que guia à sensação direta do pensamento de Deus. Que ambiente mais harmônico que o da natureza, que em tudo está sintonizado com o pensamento divino? Que convite mais doce e poderoso que a vibração em que se organiza o universo? Quando do íntimo dos seres e das coisas se eleva semelhante emanção, a sintonização é fácil. Nas cidades tudo isso é desviado por mil barreiras e a atmosfera espiritual que se desprende das massas humanas é baixa e suja, nela dominando sentimentos de violência, avidez, egoísmo, depressão sempre desagregantes, que roubam energia e impedem o fenômeno. A psique do sensitivo é, aí, mais intensamente prejudicada, porque se trata de vibrações de tipo humano, mais próximas, por sua natureza, do sujeito, e assim mais tendentes a uma interferência que as outras dissonâncias da natureza, evolutivamente mais distantes e que são, de resto, absorvidas pela potência da ordem universal. Nas cidades, a presença de grosseiríssimas ondas-pensamento é imediata, invasiva; é um assalto de vibrações ofensivas, de caráter ínfimo, equivalentes, quanto aos efeitos da registoção, aos distúrbios, aos ruídos parasitas e às distorções da audição radiofônica.

A recepção inspirativa, para resultar pura, exige uma pureza de ambiente, de ânimo, de objetivos. Eis porque é nela fundamental a purificação do médium, problema de que trataremos separadamente mais adiante. Toda vibração que fuja do estado de equilíbrio e de elevação moral age como perturbação, aparece como mancha na registoção, provoca distorção das imagens conceptuais. Elevando-se a natureza espiritual do médium, torna-se mais difícil sua ressonância às vibrações baixas, tendentes a inquinar o fenômeno.

A presença de certas pessoas espiritualmente fétidas pode representar para o sensitivo um intenso sofrimento. Quando, por necessidade social, é obrigado a viver em tais ambientes, então sua alma não pode permanecer senão fechada em si mesma, nunca se abrindo, só ocupada em defender-se. Não se pode imaginar que condenação seja para ele o ser constrangido, às vezes, a viver no seio de certas imundícies espirituais, onde ele sufoca, ao passo que outros respiram a



plenos pulmões<sup>30</sup>. Tudo é relativo e é questão de sensibilidade.

No caso de minha mediunidade, a natureza da onda psíquica das noures que me vêm ao encontro é de tal delicadeza que se resente de todos os estados psíquicos do ambiente, ou, em outros termos, urna fonte de emanções psíquicas de caráter moralmente baixo tem o poder de deformar a própria onda. É possível obter-se o isolamento, mas à custa de reações, isto é, estabelecendo um estado reativo que representa para o médium um grande dispêndio de energias, com prejuízo para a regização que delas necessita. Qualquer ruído, qualquer desequilíbrio de sintonização, a mínima perturbação de qualquer natureza, sobretudo se imprevista e repentina, faz precipitar a tensão nervosa, às vezes dolorosamente, destruindo a visão com o imediato reaparecimento do mundo sensório.

Estas afirmações têm uma importância mais ampla que a referente ao fenômeno que estudamos, porquanto nos abrem horizontes novos no campo da ética, dando-nos dela não mais somente uma concepção filosófica ou religiosa, mas uma concepção científica, isto é, de quantidades avaliáveis como um estado cinético-vibratório da psique humana, que o médium sente qual centro constantemente irradiante de noures, de correntes que pode definir; e um dia a ciência as individualará, em suas classificações morais, com registros e medidas exatas.

Em face de tudo isso, pode-se compreender quão tormentosos esforços a sociedade impõe a esses sensitivos, que, no entanto, devem dar gratuitamente, não se tornando suspeitos, o fruto de suas vidas. Têm de permanecer no mundo de todos, onde se deve ganhar com o trabalho o direito de viver; têm de sofrer os choques proporcionados à sensibilidade normal e que são para eles esmagantes. Médium: ser sensibilíssimo; e, por isso, vulnerabilíssimo, o que quer dizer — desgraçadíssimo. E este é o verdadeiro e lento martírio que deve completar seu apostolado. É natural que a eles, que vivem projetados no futuro e que vêem quanto há ainda que progredir, o mundo humano apareça bárbaro, feroz, às vezes pavorosamente inconsciente.

Entretanto, se o dever que nossa época impõe é o de ir de encontro ao povo, este é também o seu primeiro dever, porque eles se encontram mais no alto. É preciso indicar e abrir os caminhos ativos da ascensão ao povo, porque este não sabe e se atira por caminhos que encontra abertos.

Não se pode imaginar que tenacidade de resistência, que massa de inércia represente o homem médio, justamente o que impõe as normas da vida social. É de se quebrar a cabeça a bater contra essa massa bruta de psiquismo humano, tanto mais tenaz quanto mais ignorante. Apesar disso, os tempos impõem um nivelamento, que deve ser não por ascensão dos piores, mas por descida dos melhores. Se essa imissão em massa nos direitos da vida é a grande obra de civilização interna dos tempos, desenvolvida em número mais que aprofundada em qualidade, a favor de uma só classe aristocrática, compreende-se a espécie de holocausto, sobre o altar do número, que ela representa para os tipos de exceção, que lutam sozinhos pela preparação de um distantíssimo futuro. Se a exceção não é levada em conta, pode ter, no entanto, uma função biológica, espiritual,

social, fundamental. O sensitivo luta por cumpri-la no seio de uma atmosfera surda, luta por não se banalizar; por não descer, adaptando-se por repouso; por não se mutilar no nivelamento. E no entanto, deve descer para promover a elevação do homem médio, a ascensão das classes espiritualmente mais baixas, embora ricas, — porque essa é a sua missão. É lei que o alto se incline para o baixo; a fim de que o inferior se eleve é preciso que o superior desça, pelo mesmo princípio unificador de fraternidade através do qual chegam ao sensitivo luzes e auxílios espirituais do Alto. Heroísmo trágico é esta descida, por que subverte as mais sagradas forças da alma, mas é simultaneamente ascensão, porque envolve o auxílio das forças superiores. Contra essas descidas o espírito se rebela: entretanto, deve ele abaixar-se para dar-se, deve esquecer a grande paixão do céu para fundir-se na paixão humana, feita de lama e de sangue, oferecendo ao homem ignorante e sofredor uma centelha roubada ao céu na visão. Por isso, embora seja julgado misantropo, orgulhoso ou louco, tem o direito à solidão, para encontrar de novo o céu, para dele receber novas forças, para reunir-se às hierarquias dos seres superiores que descem em cooperação.

A delicadeza íntima do fenômeno inspirativo, a presença ativa nele (ambiente e sujeito) de fatores que, como o moral, a ciência sistematicamente ignora, a característica do fenômeno consciente (como médium ou noures), de fenômeno progressivo, como superior fase de evolução biológica em cuja elaboração colaboram fatores como espiritualidade e dor, tudo isso define o fenômeno como um tipo a que não são aplicáveis os habituais critérios de observação e experimentação, que podem ser ótimos para outros fenômenos. Não se pode sujeitar aos preconceitos da ciência um fenômeno que, nos seus resultados, a domina. Ele não responde ao comando da vontade humana, que objetive uma experiência. Em face de uma imposição exterior, ele se fecha e se desfaz.

O fenômeno está em relação com impulsos e fatores determinantes completamente diferentes, tais como uma missão de bem ou uma excepcional necessidade do momento histórico, que justifique a intervenção de forças no caminho evolutivo da humanidade, porquanto não se determina à vontade o tipo que a evolução lança à ribalta da vida. O fenômeno supera, em seus elementos determinantes e em suas finalidades, toda a psicologia da observação e da experimentação, toda a forma mental oferecida pela psicologia científica dos tempos atuais. Nesses fenômenos a mentalidade da desconfiança, da dúvida preconcebida, que é a base da seriedade científica, pode ter poderes inibitórios sobre o fenômeno e estorvar sua verificação.

O fenômeno baseia-se na sintonização psíquica e a mente do observador, se não afasta com suas emanções um objeto do microscópio, nem influencia um fenômeno físico ou químico, pode paralisar, todavia, o funcionamento de um fenômeno psíquico. O fenômeno tem suas defesas e se retira em face da ameaça à sua vitalidade e, então, a ciência não consegue a observação, e sim, a destruição.

Um mínimo choque pode desagregar esses fenômenos delicados, de um psiquismo que, abandonando os velhos caminhos tradicionais, se aventura, num vôo, por rotas supersensórias. E no entanto, devem realizar-se no mundo psíquico humano, que muitas vezes pode ser a mais rebelde e imprópria atmosfera. Basta o estado de ânimo da dúvida para determinar uma corrente negativa demolidora, ao passo que a fé, qualidade anti-objetiva por excelência, tem a máxima

força criadora. Donde se conclui que a psicologia de desconfiança, que a ciência emprega por sentido de objetividade, como maior garantia de seriedade, possui, pelo menos sobre os fenômenos que estudamos, poderes destrutivos. O observador se encontra no ambiente e também ele é gerador de núres. E importa que se encontre num estado de confiança, de fé que atraia, que abra o caminho, aquecendo o ambiente, dando oxigênio ao invés de absorvê-lo. É necessária essa vibração positiva de simpatia, sintonizada, modulada em unísono, apta a ser fundida e somada, fator de crescimento em aliança com as correntes do fenômeno, e não a vibração dissonante da dúvida, da má-fé, que subtrai energia ao fenômeno e o lança contra uma corrente deformadora.

Importa que o observador faça um severo exame de suas qualidades psíquicas, porque estas pesam sobre o fenômeno. É indispensável, coisa inaudita, que ele limpe moralmente sua alma e a do ambiente, como tem cuidado em manter limpa a mesa das experiências químicas, a fim de que uma substância estranha, entremetida em suas combinações químicas, não lhes altere o desenvolvimento. No campo psíquico, um estado de ânimo presente no ambiente é um elemento que se introduz na combinação que se estuda e por isso tem ele importância. E como uma operação cirúrgica pode representar graves perigos se realizada em ambiente contaminado por micróbios patogênicos, do mesmo modo é necessária, em nosso campo, a esterilização psíquica do ambiente. O mundo psíquico tem seus parasitos, seus micróbios patogênicos, suas correntes de vida ou de morte e às quais está exposto plenamente o sensitivo quando, alijados os invólucros, se abandona à inspiração, com a alma desnuda. Ele é um organismo vivo, vulnerabilíssimo em sua delicadeza e o mínimo choque psíquico, de que o mundo está cheio, constitui para ele uma ameaça e um perigo. Na vida normal sua sensibilidade é protegida por um manto voluntário de indiferença, mas, nesses momentos, a flor para assenhorear-se da luz deve abrir-se até as mais íntimas corolas.

Quem não sabe avaliar esses fatores e manejar com prudência essas realísticas forças imponderáveis, quem não se encontra provido de adequada sensibilidade e não possui a finura psíquica apropriada, deve abster-se de intervir nesses fenômenos, porquanto não só os deforma ou destrói, como ainda pode vibrar dolorosos e prejudiciais golpes contra a sensibilidade do médium. Trata-se de uma nova e sutilíssima química do futuro, em que combinarão em novas harmonias ou dissonâncias os elementos de novíssimas e progressivas sinfonias fenomênicas. Se a ciência não souber evolver e transformar-se, em seus métodos, premissas e conceito diretivo, jamais atingirá tais fenômenos. Destruí-los-á, contorcê-los-á, sem compreendê-los. Essa percepção inspirativa deve ser entendida como uma prece, pois implica uma elevação espiritual, que segue a linha das forças boas do universo, isto é, positivas e criativas.

A visão da verdade e uma ascensão do espírito para a unidade. A pesquisa científica, nesse nível, é oração, é religião, é santidade e não pode prosseguir a não ser sintonizando-se como a harmonia do universo; e isso porque, a um certo ponto, a verdade e o bem se identificam e, sem o bem, a verdade não acede ao conhecimento e se esconde à investigação humana.

### III

## O SUJEITO

Já observamos as características fundamentais do fenômeno inspirativo, movimentando-o em seu ambiente tal qual eu o vivi. Dado que coisa alguma sucede na natureza de modo abstrato, mas sempre individuada num caso particular da realidade concreta, não se pode prescindir do sujeito, entendido como organismo físico e psíquico, instrumento através do qual o fenômeno se verifica

De início, importa particularizar para não fugir à verdade. Somente depois poderemos generalizar. É por isso que não isolo o fenômeno, separando-o da forma concreta de seu ambiente. E esse conhecimento tenho o dever de oferecê-lo, eu, que mais imediatamente o sinto e possuo, pois os outros só poderão obtê-lo por vias mais remotas e indiretas.

Falei a respeito de ciência. Ora, a verdadeira ciência, não pode ser um fato exterior, mecânico, adaptável a todos, como habitualmente acontece hoje; é, pelo contrário, uma qualidade interior, um profundo estado de pensamento em que se deve transformar toda a personalidade. Ela deve mudar a concepção e o regime de vida, o modo de sentir e de agir. É algo imensamente diverso do verniz cultural que atualmente, com universidades e láureas, se pode aplicar sobre a epiderme de todos, e que nada vale, pois, substancialmente, nada modifica: se um indivíduo é um selvagem continua perfeitamente um selvagem. É um mecanismo exterior utilitário. A verdadeira ciência, porém, é uma realidade profunda, totalitária, uma reviravolta de alma, uma religião e uma fé, em face da qual ninguém pode sorrir com ceticismo nem permanecer agnóstico. A verdadeira ciência é apostolado e martírio e não pode nascer da psicologia do lucro

Tudo isso tive eu de viver para levar a bom termo minha obra. Se não realizei o esforço de uma preparação cultural no sentido comum, tive de realizar um outro, muito maior, de mudar minha própria personalidade, espiritualmente, até o ponto de poder atingir e tocar as fontes do pensamento. Os cursos culturais eu os realizei dentro de mim mesmo, sozinho, face a face ao mistério, guiado pelas leis biológicas, sustentado pelas gigantescas forças do imponderável. Não creio nas verificações humanas. Creio num outro tipo de saber, em que é preciso ser, mais que parecer, e que serve para a eternidade. Creio numa outra sabedoria, em que se movimentam as forças da vida e que nunca pode mentir, porque foi conquistada, a sangrar, na dor. A força do conhecimento só é dada a quem muito tem sofrido diante de Deus. Certas expressões de fé absoluta, certas frases audazes que arrastam, é preciso haver conquistado em face da eternidade o

direito de pronunciá-las. Só quem segue o caminho da cruz adquire o direito de julgar.

Atrás de minha produção ultrafônica, como certamente acontece com outros hipersensitivos, se desenvolve toda a história de minha vida eterna, que explode nesta culminância; aí se desenrola todo um drama apocalíptico, em que todas as forças do bem e do mal se desencadearam em torno de mim, lançando-se sobre minha alma para dilacerá-la e sublimá-la. Atravessei sozinho o ilimitado deserto da desesperação, sem a compreensão de ninguém; na louca dança dos egoísmos, ninguém, jamais, soube oferecer um gesto de amor ao meu ser quebrantado. Agora, porém, já venci. Não mais necessito da compreensão da terra, porque já me chegou a do céu. Deixo aqui a expressão de orgulho, tal como me escapou, humanamente, no primeiro ímpeto, a fim de que minha alma apareça nua, inclusive em sua imperfeição. E agora me inclino, humilhado por tanta felicidade; inclino-me ante meus irmãos da terra, porque todos devemos iniciar e percorrer o longo caminho.

Eis aqui o sujeito. Minha produção intelectual é a explosão da minha paixão de bem, constrangida num organismo científico, a fim de que se impusesse, assim, à racionalidade humana.

Fazer o bem é a mais difícil das tarefas e eu a desejei em grande escala, um bem nascido de meu tormento e que agora caminhará por si mesmo. Esta é a reação de meu sofrimento: o perdão de Cristo. É esta a idéia gigantesca que, na minha obra, se vestiu de fórmulas e conceitos; esta a paixão que se prendeu numa vestidura racional, da qual se rompe, todavia, dando asas ao escrito. Eis em que se transforma a necessidade de amar quando a alma se identifica com as correntes espirituais da inspiração.

Falei a respeito de sofrimento. De que espécie? Físico e moral, simultaneamente Para compreender minha personalidade importa haver assimilado os conceitos expostos em "A Grande Síntese" como conclusões no campo da evolução individual e especialmente os seguintes: "As sendas da evolução humana", "A lei do trabalho", "O problema da renúncia", "A função da dor", "A evolução do amor", "Psiquismo e degradação biológica". Não os repito. Esses conceitos eu os vivi todos. O ponto de vista com o qual a ciência materialista lança ao patológico esses tipos de personalidade foi por mim destruído completamente. O sofrimento me vem do esforço de realizar minha evolução espiritual, fundido como me encontro num organismo animal que me arrasta para baixo, constrangido a um trabalho que me inclina para baixo, localizado numa atmosfera humana que me atrai para baixo. Verdadeiramente, possuí o espírito uma força titânica, para poder realizar seu trabalho em tais condições. No meu esforço, conheci horas turvas e horas de derrota. Os impulsos biológicos do passado são forças reais que reagem e se lançam contra quem queira esmagá-las. Em mim, o espírito, princípio positivo, ativo, que sempre dá gratuitamente, viril na luta, escolheu o maior inimigo — as forças da vida — das quais os homens não são senão os executores inconscientes (**instintos**) e quis impor-se à matéria, ao passado sobrevivente na animalidade, o princípio negativo, passivo, que sempre requer uma compensação

utilitária. Não pode pretender ensinar aos outros quem ao menos não experimentou primeiramente quão é difícil construir-se a si mesmo. Esse esforço, realizado nas profundezas de minha natureza humana, nas raízes dos instintos primordiais, torna indispensável uma tenacidade, um equilíbrio, uma lucidez que se mantêm somente à custa de uma tensão e uma presença de espírito intensos e constantes. Imagina o leitor que significa ter por antagonista as forças biológicas? Quem vive de instintos e não discute a própria natureza humana, quem vive de acordo com os impulsos milenários e se deixa arrastar pela corrente, não pode imaginá-lo. Eu sou, porém, um revolucionário e um rebelde e todas as forças atávicas se encarniçam em torno do violador que quer superá-las. Tenho vivido dias de tempestades em que todos os vendavais do universo pareciam agredir-me. O bem e o mal são forças reais e na minha hipersensibilidade pude medir-lhes todo o ímpeto. Agonizei em poder de correntes barônticas que desejavam estrangular-me. Disputei e defendi, palmo a palmo, minha estrada, calculando o assalto e a resistência, com a estratégia consciente de quem quer dominar e vencer. Foi uma exaustiva guerra de trincheira. Ao mesmo tempo que me abandonava ao êxtase dos místicos para a ascensão, controlava as posições racionalmente, com objetividade científica, para consolidar as bases. Não se consegue o vôo senão através de longas experiências, em que se deve conquistar uma complexa técnica. Relatei, em termos científicos, os caminhos das ascensões espirituais dos místicos. E tudo isso não foi senão um dos aspectos do meu sofrimento.

Sobre todas essas coisas devo falar porque esclarece minha inspiração, porque esse doloroso esforço de desprendimento da natureza humana inferior, que fui deixando atrás de mim, sangrando, aos pedaços, ao longo do caminho de minha vida, foi a condição daquela inspiração, preparou-a e explica-a. Assim defino seu tipo, como um estado de hiperestesia nervosa e superpsiquismo intelectual, atingidos através das vias normais que continuam a evolução orgânica darwiniana. Foi através desse esforço de triunfos biológicos que consegui a transformação de minha consciência numa superior dimensão conceptual, que me permite a visão, o uso do novo método de pesquisa por intuição e a captação de noures, que estão no centro deste estudo.

Expus as relações entre o desenvolvimento espiritual, a ascensão moral e meu tipo de mediunidade num meu artigo: "Selbsbeobachtete **Medialitat**" "**Geistige Entwicklung und sittlicher Aufstieg als Faktoren einer hohen Medialitat**". Apareceu na "**Zeitschrift für Metapsychische Forschung**", dirigida por Schroder, de Berlim<sup>31</sup>.

Ora, esta chamada mediunidade não é senão a progressiva realização de meu desenvolvimento intelectual, alcançado não por vias culturais exteriores, mas por sensibilização, obtida através da purificação moral e orgânica de todo o meu ser físico e psíquico. Se, como já disse, qualquer emanção barôntica inquinasse o fenômeno, eu tinha, antes de tudo, de eliminar em meu organismo a gênese de tais vibrações; devia distanciar-me evolutivamente delas, evitando correspondência, isto é, não entrando em ressonância com tais ondas, mas, pelo contrário,

estabelecendo ressonância com ondas moral e conceptualmente superiores. Como se vê, chego à conclusão, coisa que a ciência ignora, de que a verdadeira cultura é um fato também de caráter moral; que as portas do conhecimento só se abrem a quem se haja tornado digno dele, dando garantias do bom uso que dele fará. Assim como essas vitórias biológicas da ascensão moral não se conseguem senão através dum combate titânico contra as resistências do misoneísmo atávico, senão quando o espírito, num incêndio, se empenha na luta contra as atuais leis biológicas, o fenômeno da inspiração está intimamente condicionado àquele doloroso esforço de liberação. Eis porque tive necessidade de falar sobre dor. É justo, é lógico e cientificamente equilibrado que a maior potência e felicidade que a evolução confira, deva ser ganha e compensada pelo esforço da conquista. Tive de falar sobre o sofrimento, porque é esta condição de ascensão espiritual é esta condição da inspiração, que para mim não foi dom gratuito. Por isso, este livro sobre as noures, como qualquer arrazoado meu sobre mediunidade, deve ser também o livro e o discurso da ascensão moral, da purificação espiritual.

Se algures<sup>32</sup> coloquei a dor como base da evolução (redenção), aqui devo acrescentar que a dor também está posta como base da mediunidade inspirativa. Quantos novos fatores, estranhos e sutis, devemos considerar, fatores do destino, que não se determinam à vontade, que não existem nos gabinetes de experimentação!

Para poder avançar na investigação científica e ver no íntimo das coisas, é indispensável a sutilização do instrumento de pesquisa — a consciência. É necessário, portanto, introduzir na ciência, se quisermos avançar, não mais apenas microscópios e telescópios, raios e instrumentos, mas, bondade de vida e retidão de intenções, como correntes positivas que pesam sobre o fenômeno. No meu caso, a relação entre o fator lucidez inspirativa e o fator pureza moral é tão íntima que eu poderia traçar um diagrama para assinalar-lhe o desenvolvimento paralelo: um retrocesso moral é imediatamente seguido de uma turvação de visão intelectual. Profundidade de visão e pureza de registo não se obtêm senão impulsionando sempre mais para as profundezas do ser o processo de purificação, justamente para outorgar-lhe a capacidade de ressonância e de sintonização, por afinidade, com as noures mais puras, mais profundas, e, por isso, mais poderosas, mais próximas do centro espiritual do universo. Por isso, falei, com referência ao meu caso, de mediunidade progressiva, sujeita a um normal processo evolutivo. Poderia usar a terminologia mística e religiosa, que para mim é equivalente à científica: esta, porém, é mais apropriada a precisar e melhor corresponde à mentalidade hodierna. Somente agora, após estas últimas observações, é possível compreender plenamente a história do meu caso, exposto de início.

Esse sofrimento meu não é, portanto, patológico; sua normalidade é compreensível e justificada pelas condições particulares que atravessa minha personalidade, não equilibrada como a da mediania num ambiente de forças proporcionadas, mas lançada numa fase em que esse equilíbrio sofre desvios violentos pela introdução, no campo dinâmico de minha vida, de novos

impulsos.

Para compreender meu caso, importa compreender-me e a esses problemas, o que não é, pois, uma questão ociosa. Desequilíbrio, portanto? — perguntar-se-á. Mas, ele é o primeiro desequilíbrio do vôo, que já se equilibrou num equilíbrio mais dinâmico e mais ágil: é ele um desequilíbrio que ainda no período de formação foi por mim guiado, a fim de conduzi-lo a estes resultados, e cerceado nos limites de uma intensa produtividade. Sempre dominei esse desencadear de forças para que não me desorientasse e a pseudoneurose caiu, submissa, a meus pés: isso significa um equilíbrio e uma potência mais que normais. E daquela destruição de animalidade, que decepa egoísmos, voracidades, paixões, renasci numa vida maior, numa juventude de espírito que jamais perece. Essa foi minha conquista maior, minha redenção, como Cristo nos indicou, atingida na cruz através da dor. E Ele, primeiramente, obedeceu à Lei para mostrar-nos que até para Ele há necessidade de segui-la e como ela é sentida tanto mais inviolável quanto mais alto se sobe, na harmonia da ordem divina. Estes conceitos a ciência não pode compreender, mas se encontram, não obstante, nas bases da evolução humana.

"Se ascendemos aos mais altos níveis. — diz uma registoção minha, — parece que a velha forma biológica que se atrofia não mas pode suportar o psiquismo hipertrófico e surgem desequilíbrios aparentes, que a ciência, não sabendo compreendê-los, classifica de patológicos, fazendo-os ingressar nas formas da neurose". Fixemos nossa atenção, pois, a fim de não nos enganarmos, observando superficialmente e baseando-nos em apenas qualquer sintoma; não confundamos, tão levianamente, o patológico com o supranormal, colocando ambos igualmente fora da lei, que deve ser verdadeira só porque é da maioria. Não elevemos, com essa adoração do tipo médio, um monumento à mediocridade humana; aprendamos, finalmente, a vibrar numa paixão mais elevada, que não seja a do eterno comer e reproduzir-se, orgulhar-se e enriquecer; quebrems, de uma vez, o ciclo em que se repete sempre a animalidade humana! Outra, porém, é a realidade. Cada forma de vida elabora, apenas nascida, suas defesas; e quem abandonou, no caminho do perdão e do amor, nas pegadas de Cristo, seus ataques e defesas, não está por isso desarmado e sabe, igualmente, combater o seu combate. Ele tem o conhecimento e se move num oceano de luz. Embora a agressividade humana estampe em sua alma a derrota de uma hora, ele sente e atrai as forças do universo, tem o poder da sinceridade, da verdade, da justiça, luta por um princípio, por um ideal, e aquelas forças se insurgem como por uma violação de si mesmas e do principio divino que as governa, quando quem fala em nome do bem é esmagado. Quem atirou para longe de si as armas da luta humana, apodera-se de outras, mais sutis e poderosas, de uma luta mais digna.

Meu sofrimento provém do fato de o espírito, atingido certo nível, não saber e não poder mais adaptar-se a viver no cárcere sensorial do organismo corporal. Quer evadir-se a cada instante, de sua prisão, a prisão do ambiente terrestre. É trágico ouvir o cântico da grande pátria distante, invocá-la da terra do exílio e não poder atingi-la. É um contraste maravilhoso e sábio de



forças, em que o espírito é constringido a curvar sua potência sobre a matéria para sacudi-la, animá-la, atraí-la consigo para o alto, já que não pode desprender-se dela e abandoná-la. Só esse ambiente denso oferece a resistência necessária a fazer dela um campo de exercícios. Eis porque se nasce neste mundo com um incêndio dentro d'alma. Esta deve, então, aquietar seu impulso, estudar o ambiente, analisar-se, canalizar suas forças para uma produtividade real. E nessa compressão de impulso o espírito se fortalece, se concentra e a alma, repelida para dentro de si mesma por um exterior que não a sacia porque não lhe corresponde, parece encontrar nessa compressão a força para descer às profundezas, e profundezas cada vez maiores, e aí, nas grandes fontes da vida, adquirir potência. Então, e só então, quando se é assim, pela divina sabedoria, introduzido nesse encaixe, se retoma, à força, com a energia do desespero, o caminho da própria evolução biológica e se continua a via das ascensões espirituais.

A sabedoria que criou no passado novos órgãos e organismos, novos instintos e novas disposições psíquicas, obedeceu a essa mesma lei de necessidade de expansão pela compressão, necessidade de vida ou de morte. A evolução é uma força irrefreável e quando se chega a uma encruzilhada — na época paleontológica ou, como atualmente, na fase da evolução psíquica — é indispensável escolher: ou avançar ou morrer. Eu tive de avançar. Muitos, quando chegar sua hora, deverão fazer o mesmo.

Tudo isso serve para fazer compreender porque, como base da minha mediunidade, eu coloco, na condição de fundamentais, o caráter de normalidade, enquanto é fenômeno biológico, e o de progressividade, enquanto é evolução moral. A desarmonia entre o hipertrófico desenvolvimento psíquico e o funcionamento orgânico, necessariamente levado, por progressivas reduções, à atrofia, traz consigo um contínuo e sutil sofrimento nervoso, não localizado, difuso, mas intenso e incessante, como uma verdadeira sensação da vida. Por isso, a alegria de viver se transferiu, inteiramente, para o centro psíquico do espírito. O processo de purificação é tão completo e profundo que interessa também as íntimas camadas do metabolismo orgânico. Esse processo de renovação interior, que cria funções novas, dá uma sensação de agonia à vida no nível físico, porque se realiza nas profundezas do ser; trata-se de uma mudança substancial de formas e de existência; desce até tocar os íntimos movimentos eletrônicos dos átomos e os motos vorticosos que os unem na química celular; é verdadeiramente uma transmutação de órgãos e substâncias em outras, de diversa composição química e diferente orientação atômica. A substância muda de forma no curso da evolução; é atingida até à alma de sua estrutura cinética. Esta não é apenas purificação e esforço moral, mas também purificação e esforço orgânico, que penetra no campo da medicina.

Nesses hipersensitivos a vida orgânica não mais tolera o grosseiro e violento ciclo vegetativo da vida dos antepassados; paralela a essa hipertrofia de psiquismo verifica-se uma inadaptabilidade, não só moral, aos sentimentos dos instintos animais humanos, senão também física, a um funcionamento vital indolente, dificultoso, absorvente de muita energia, qual o da

assimilação intestinal, o da respiração, o da circulação sangüínea.

A um certo momento da evolução, tudo isso pesa demasiadamente, tornando-se não mais um veículo de vida, mas, uma estorvante massa que o espírito assaz sutilizado não mais pode arrastar, a cujo nível ele não mais sabe descer.

A evolução sempre forneceu exemplos da criação de funções novas. Por que deveria deter-se agora? Pode algo estacionar no universo? E se evolução é ascensão, onde poderá haver criação, agora, senão no campo psíquico? Isso é absolutamente científico, é a continuação, que importa ver, da ciência que todos aceitam.

A medicina fala de atrofia deste e daquele órgão, desenvolvidos nos antepassados e que agora tendem a desaparecer, porque não mais alimentados pelo uso, porque lentamente foram postos fora do ciclo do metabolismo orgânico. A função se desloca ao longo da linha da evolução, à medida que o ser progride, abandonando a forma de expressão do passado e plasmando novas. Para compreender isso, porém, importa haver entendido que a evolução orgânica darwiniana não é senão o último efeito sensível de uma evolução do psiquismo da vida, que em progressivas formas orgânicas se tem expressado e se exprime. E se se fala que, um dia, novos órgãos poderão atrofiar-se, isso sucederá porque a atrofia terá primeiramente atingido o centro psíquico, interrompendo, desse modo, a alimentação energética do órgão interessado através das vias nervosas. A evolução orgânica será sempre a forma exterior de uma evolução psíquica mais profunda, que dirige aquela, e qualquer desvio que esta determine nos órgãos só se verificará quando já houver realizado e estabilizado suas conquistas em planos mais elevados.

Tudo isso devo afirmar porque faço de minha inspiração um caso de evolução também orgânica. Não posso prescindir, no estudo do fenômeno da captação noutrica, do estudo do organismo em que o fenômeno se processa e das profundas mutações que nele, por isso, se verificam e devem verificar-se. Tudo isso é e deve ser conexo: o meu método de intuição é uma superelevação de consciência ao seu limite mais avançado, que se comunica com o outro extremo que, em mim, tende a desaparecer, abandonado ao passado — a estrutura e o funcionamento do meu organismo animal. Quanto mais avança o primeiro mais reage sobre o segundo, modificando-o. O processo de sensibilização espiritual tem ressonâncias nos mais baixos níveis do mundo orgânico e a purificação moral, nos níveis elevados, se completa, igualmente, pela imposição de uma purificação celular, isto é, de células e tecidos, à substância orgânica. É um fato que com a alimentação introduzimos substâncias químicas em nosso organismo, substâncias que depois o constituem. Para o sensitivo, então, que tudo percebe como noures, isto é, como correntes de emanção espiritual, certas substâncias, vistas em sua mais profunda essência, são instintivamente repelidas como intoleráveis. A grosseira estrutura normal resiste a muitos venenos, a que o sensitivo não pode resistir. Desloca-se a gama considerada média da tolerabilidade e algumas substâncias do regime dietético comum se tornam superlativamente

tóxicas. Tóxicas porque o organismo sensibilizado consegue perceber nas substâncias nutritivas emanções que, antes, não percebia; e quando ele houver introduzido em seu organismo aquelas substâncias impróprias, será torturado por aquelas emanções, durante o longo ciclo que não termina senão com sua eliminação final, através do metabolismo orgânico. Daí a necessidade de observar atentamente os alimentos, pois, pelo mínimo erro, surge uma fonte de novos sofrimentos, além do perigo contínuo de prejudicar-se a capacidade receptiva das noúres. O organismo do sensitivo é uma orquestra ressonante de correntes espirituais e no concerto nada se pode introduzir de heterogêneo, em especial o alimento, diretamente em circulação. Uma substância dissonante continua emitindo sua voz, sua radiação cacofônica, enquanto dela permanecerem traços no organismo.

Como já falei, quanto à verificação do fenômeno, a respeito de esterilização psíquica do ambiente, aqui estou falando sobre purificação celular. E esta deve ser não um fato momentâneo, mas um método dietético constante, um verdadeiro regime de vida. Chega-se, assim, por esta via, a um tal grau de sintonização com a harmonia universal, que já não é lícito violá-la senão à custa de graves sofrimentos, inclusive no campo moral, feito de sutis vibrações e atitudes de espírito. Sente-se, então, a culpa, não como vantagem, mas como dor.

Pureza! Eis ampliado até o campo da medicina o sistema dos místicos. O alimento jamais foi considerado um amigo dos místicos, que viviam sempre entre jejuns. A quantidade pesa. O cérebro deve servir a outras funções e atrai para si a circulação e a nutrição do sangue. O sistema nervoso não mais pode descer ao serviço de uma laboriosa digestão acumuladora de gorduras<sup>33</sup> (33). O místico é magro e desejaria ser transparente. E, no entanto, é dinâmico, é um contínuo lampejo de energia. Isso mostra que é cem vezes mais vivo e mais jovem. O longo e sinuoso caminho intestinal, em que o alimento permanece até a putrefação, lhe traz inevitavelmente uma nota venenosa à sensação orgânica da vida. Vencida a quantidade, importa atender à qualidade, a fim de que o grosseiro sistema de reabastecimento dinâmico, a que está ligado o psiquismo, dê o maior rendimento com o menor prejuízo possível. Tóxico se torna, então, tudo que contém álcool, as drogas, o fumo, os caldos, a carne (especialmente a que não é branca), tudo que é gostoso e excitante ao paladar e não seja simples e puro produto da natureza. As frutas, as verduras, o peixe, o leite fermentam menos. E depois, a vida ao ar livre, em contacto direto com o sol e o ar, com as grandes correntes da vida. É ao ar livre que se realiza a sintonização psíquica que regista as noúres e que se processa também a sintonização de todo o organismo com elas. Por isso, o místico também deve ser um esportista ágil e dinâmico, qualquer seja sua idade, resistente à neve, aos banhos, ao sol, magro, bronzeado, sempre jovem de corpo e de espírito.

A verdadeira saúde é um regime. A medicina hoje preponderante é um desvio de princípios por escopo utilitário. Acrescentar ao recâmbio orgânico substâncias novas para corrigir excessos precedentes, adicionando uma ação violenta para corrigir a natural reação

orgânica ao erro cometido anteriormente, é um absurdo; seria necessário, ao invés disso, não fixar as causas maléficas e, quando elas produzissem efeito, pelo menos não flagelar ainda o organismo, mas dar-lhe tempo para digeri-las<sup>34</sup>.

É, porém, cômodo acreditar no milagre, além disso, os remédios se vendem, mas os conselhos sábios, não se encontram à venda e custa esforço segui-los. E assim seja. E desse modo se multiplicam os prejuízos.

É um principio geral que importa dar ao corpo o que lhe é necessário, como a uma máquina o seu alimento, o combustível; e isso segundo o trabalho que se exige do organismo. Até poucos anos, a maioria da humanidade só se ocupava em trabalhos físicos; por isso, a carne lhe era necessária e as refeições pantagruélicas à Luís XIV podiam ser seu sonho e sua necessidade fisiológica. A um tipo de homem, porém, que hoje se vai normalizando, com funções preponderantemente nervosas e psíquicas, aquele sistema é tóxico e, no meu caso, insuportável. Quando o trabalho da vida é quase exclusivamente psíquico, a alimentação deve ser adequada. Isso é lógico. E direi mais. Dia por dia, conforme o trabalho a realizar, físico ou psíquico, a quantidade e a qualidade da alimentação devem mudar, proporcionando-se ao determinado trabalho. E se o trabalho é habitualmente sedentário e intelectual, o regime dietético deve ser também habitualmente vegetariano

Assim, a espiritualidade se completa nos baixos níveis da evolução orgânica e sobre esta reage, dando também ao organismo físico suas qualidades de juventude perene.

A causa da vida, o seu motor, é o espírito. Quanto mais se é espírito mais se domina a decadência senil e se sente que a morte não mata. Envelhece-se, então, na direção de uma juventude que é plena de força porque é festa de espírito.

Envelheço e não morro, morrerei e viverei: sublime experiência!

## IV

### ***OS GRANDES INSPIRADOS***

Realizei o exame de meu caso em seus mais salientes particulares. É chegado o momento de sair deste caso individual para remontar a uma visão mais vasta do fenômeno, observando os casos de mediunidade inspirativa que a História nos oferece. Semelhanças e pontos de contacto

permitir-me-ão estabelecer a lei do fenômeno melhor que a observação de um só caso.

No precedente estudo de anatomia psíquica realizei a vivisseção de minha alma. Era isso necessário para a compreensão de meus escritos mediúnicos, dos quais o presente é o complemento e a continuação lógica. O meu caso mediúnico, porém, se desenvolve sobre a perspectiva grandiosa de muitos casos maiores. Embora distanciados grandemente por importância histórica e potência e não obstante das naturais diferenças dadas pelo temperamento do médium, pela natureza particular das circunstâncias e pelo ambiente imposto ao seu trabalho, todos esses casos têm um fundo único, possuem notas características comuns, que renasceram também no meu caso menor. Isso corrobora minhas afirmações e interpretações do fenômeno com a presente teoria das noures.

Muitas palavras têm sido usadas para defini-las: inspiração, visão, êxtase, raptos dos sentidos, intuição, mediunidade, o demônio, as musas, o espírito, a subconsciência, a superconsciência, etc.

O misticismo, as religiões, o espiritismo, a filosofia, a arte, a psicologia, cada atitude do pensamento humano criou sua expressão e observou de um ponto de vista particular o mesmo fenômeno. O místico, o santo, o profeta, o poeta, o artista, o herói, o cientista, o inventor, numa palavra, o gênio, em todas as suas formas, tem vivido igualmente aquele fenômeno.

É um fenômeno próprio dos grandes avançados na evolução, da qual o gênio não é senão o antecipador que agita o archote do espírito no seio de uma triste normalidade. O fenômeno é tão universal e antigo quanto o homem; mais ainda, foi justamente na Antigüidade que ele foi mais reverenciado, quando o conhecimento se atingia diretamente por revelação e o método intuitivo e dedutivo, que a racionalidade moderna não mais sabe usar, era muitas vezes o único método de pesquisa para a solução dos problemas e a conquista do saber. A alma humana, então mais virgem, parecia mais próxima das origens, podendo atingi-las diretamente. Hoje o pensamento se encontra decaído, havendo se precipitado profundamente na racionalidade e não sabe reencontrar os princípios. Desses grandes contatos espirituais nasceram as revelações.

Entramos, agora, num mundo maravilhoso. o fenômeno da registoção inspirativa não se pode encerrar nos limites de um fenômeno científico; este caso está para a simples captação nouírica como um raio para uma centelha elétrica, pois que o homem é levantado num turbilhão à face de Deus, centro conceptual do universo, que aparece e se revela para assinalar os destinos do mundo.

Se no meu pobre caso tive de falar em ascensão espiritual e purificação, quais condições de uma sintonização que não pode realizar-se senão por afinidade, a que vórtice de potência se terá realizado a transumanização desses grandes inspirados que chegaram a ler o pensamento de Deus! E aqui se toca o caso limite da humana possibilidade de ascensão. Se a recepção nouírica é

fenômeno de elevação humana às altas esferas do superconcebível, a que tensão do ser, a que vertigem de altura, a que vértice de potência terá chegado a alma humana, nesses casos! E como se torna pequenina e inadequada a ciência, com sua análise, em face desses fenômenos que governam a história do mundo!

Diante dos grandes inspirados, desses gigantes que se moveram numa atmosfera de pensamento titânico, em face da potência dessas forças vivas do espírito que descem à Terra para fundir-se na História, para dar o sopro da vida às civilizações e orientar o progresso do mundo, diante das revelações que atingiram, por contacto espiritual direto, a verdade das fontes primeiras do pensamento de Deus, em que se transforma a ciência, com seus métodos exteriores, com seus preconceitos inibitórios, com a incerteza de suas dúvidas e de suas hipóteses? Em que se converte, em face desses fenômenos que superam completamente o homem, a pobre ciência humana, perdida nos tortuosos caminhos da análise e que, no entanto, tudo quer julgar e aprisionar na pequenina técnica de sua experimentação? A ciência, com seu método, encerrou-se em limites que ela própria traçou, constringindo-se na incompetência, nestes casos em que no fenômeno atuam fatores transcendentais.

Nesses casos, as noures conduziram o homem a uma tão grande altura, ao longo das hierarquias que se elevam e convergem para a Divindade que o fenômeno já não se pode reduzir a um conceito científico, porque se realiza fora do mundo e de sua ciência.

As religiões, que significam uma orientação dada pelo Alto ao espírito humano para guiá-lo no caminho de suas ascensões, são uma descida do espírito divino através das revelações. No fundo delas existe uma única religião que caminha e na qual, adaptando-se à psicologia dos povos nas formas do tempo, a idéia de Deus avança. Avança da Atlântida à Índia, ao Egito, à Grécia, ao monoteísmo da intuição de Moisés, imposto ao povo de Israel, a fim de que conservasse a idéia até Cristo, que deveria continuá-la e fecundá-la no Seu Evangelho de amor.

Todos os grandes criadores do pensamento humano atingiram, por inspiração, a mesma fonte única, expressando-a progressivamente sempre mais perfeita: Krishna, Zoroastro, Hermes, Moisés, Buda, Orfeu, Pitágoras, até Cristo, que supera todos. A verdade é uma só. As aproximações humanas é que são diversas, sucessivas, proporcionadas ao progressivo desenvolvimento da evolução psíquica do homem<sup>35</sup>.

Eis porque a idéia de Deus, em sua essência, é um superconcebível. O homem deve limitá-la para reduzi-la ao seu concebível, que lhe é a única medida que pode, em seu relativo, assinalar-lhe os limites. Esse relativo, porém, se dilata por evolução do sujeito humano e logo, paralelamente, aquela idéia se amplia. Desse modo, a evolução da idéia de Deus é paralela à evolução humana. O Deus do poder e da vingança, de Moisés, torna-se o Deus cristão do amor e do perdão, tornar-se-á o Deus científico da sabedoria; o Deus terrível que aparece entre raios no Sinai, inexorável e tremendo em sua justa vingança, se completa e agiganta no gesto mais humano

da bondade, aproxima-se da Terra e nela lança, com o Evangelho, a semente da paz de espírito e da convivência social. E hoje a rude potência da revelação mosaica e a profunda bondade da revelação evangélica se continuam e se fundem na luz da racionalidade científica moderna, que também nos tem ensinado a pensar e que hoje atinge a hora de sua compreensão. Há, desse modo, uma contínua proporção entre a descida das noúres que revelam a Divindade e a capacidade intelectual humana. Há uma paralela ascensão do homem e de sua representação conceptual do Centro e uma descida progressiva de verdade, por revelação, uma contínua purificação dos atributos humanos daquele conceito, à medida que o próprio homem purifica os seus.

Em pobres palavras: Deus, verdadeiro Centro dinâmico e conceptual do universo, conta de Si, através da revelação confiada a poucos escolhidos, aquele "quantum" que a criança humana pode compreender, à proporção que vai crescendo; dizer-lhe mais, sobre um conceito sem limites, seria inútil e perigoso.

Devo falar a respeito de Deus, porque é justamente desse Centro que desce a mais elevada noúre. Assim, a Divindade se avizinha sempre mais do homem, sempre mais viva e sensivelmente se torna real em seu coração, despojando-se pouco a pouco, de todas as reduções impostas pela representação humana e fazendo-se sempre mais verdadeira, sempre mais transparente, em sua essência, ao espírito humano. Tudo isso é, também, um engrandecimento seu, por que a visão se torna vertiginosa; mas, justamente por isso, ela não é concedida senão gradativamente. A idéia de Deus é necessária ao homem, deve estar-lhe próxima para sua vida; deve, para ser útil, proporcionar-se à sua compreensão e necessidade de ação; deve, como representação, manter-se a uma justa distância que ilumine sem cegar, que se revele e se esconda, ao mesmo tempo.

Assim, o grande conceito desce ao mundo por sucessivas aproximações. Inspirados e revelações se encontram unidos em cadeia, na expressão progressiva de um pensamento único e contínuo que governa o mundo. Existe uma grande noúre, que desce, contínua, através de diversos instrumentos e é essa divina unidade de princípio que mantém a continuidade de pensamento através dos ciclos das várias civilizações, ciclos que se rompem e se reatam. É essa unidade originária, que se ramifica no pensamento humano, que mantém uma linha verificável e evidente de desenvolvimento lógico, através das vicissitudes históricas do mundo. Isso prova que é idêntico o centro irradiante e animador dos vários instrumentos registadores, grandes e pequenos, todos coordenados no tempo sob o mesmo impulso, para a execução da mesma obra da revelação progressiva do pensamento divino. Cada um diz, freqüentemente sem saber tudo, uma como que frase sua e da união de todas essas frases sairá composto, depois, um discurso cheio de sabedoria.

Assim se fundiram, num só corpo, as vozes dos profetas do povo de Israel na idéia do

Messias. Assim, em expressões mais vastas, se reúne novamente a visão mosaica (que reduziu ao monoteísmo a fragmentação da unidade divina do politeísmo), através de todo o cristianismo, ao atual monismo, que nos apresenta a Divindade não só como única, justa e boa, mas realmente palpitante, qual sensível psiquismo animador, presente em todas as coisas.

Moisés teve que imprimir com um ferrete de fogo, na alma de seu povo, a idéia de um Deus terrível, que para nós é absurda e repugnante, pois fomos acariciados pela piedade de Cristo.

Hoje o terror é desaparecido, tão mitigada foi aquela vingança que não conhecia piedade, mas subsiste o mistério. Sempre menos se pode impor uma fé aterrorizando a mente e mutilando o conhecimento, e a revelação da bondade é continuada na revelação dos mistérios. Hoje, não se eleva mais apenas o gesto do profeta que diz: "Penitência, para aplacar a ira de Deus"; nem apenas o gesto de piedade que fala: "Bem-aventurados os que sofrem": dá-se porém, a explicação da inflexibilidade da justiça divina e da redenção cristã através da dor, em termos precisos de razão e de ciência. Nada foi modificado do pensamento precedente, pensamento perfeito. Mas, ele foi continuado. O mesmo pensamento, após milênios, é novamente trazido à luz da consciência humana, saída atualmente da minoridade, não mais apenas como ato de fé e estado de graça, mas como uma imprescindível necessidade racional, que aquela mesma doutrina "**impõe**" para os caminhos novos, únicos que em tempos de perda de fé permanecem ativos, isto é, os caminhos da racionalidade, que é justamente a forma mental do nosso momento. A noúre, em sua profundidade a mesma, traz de novo à luz o Evangelho, substancialmente esquecido, mas agora em forma de ciência.

Esta a necessidade dos tempos, a fim de que o Evangelho seja de novo sentido; para que a moderna concepção do saber não se extravie ela é chamada às origens, fundida com as antiquíssimas intuições dos iniciados, utilizada no momento da maturidade espiritual atingida como meio de divulgação dos mistérios, entre os quais já não é permitido hoje esconder a verdade.

Unidade — diz hoje a grande noúre, unidade de religiões e de ciência, descoberta de uma consciência unitária de humanidade em torno de um Deus único, idéia central, que deverá salvar e dirigir o mundo na nova civilização do terceiro milênio. Assim, a ciência é recuperada totalmente com a Síntese no ciclo evolutivo das revelações, para preparar no seio da humanidade a maturação de uma nova consciência cósmica. O momento histórico é grave, solene, rico de valores em decomposição e de gérmen em frenético desenvolvimento, como nos tempos messiânicos. Em meu estado de contínua percepção noúrica, sinto as correntes espirituais do mundo e tenho a sensação viva de iminentes e novas orientações do pensamento humano, que abaterão as resistências de todos os misonéismos. E me entreguei completamente às forças do Alto, a fim de lançar, entre muitos, uma semente que germinará.

Observando os ciclos das revelações do passado que mais proximamente se encontram



da civilização européia, vemos de início um período heróico, que é sublimação de potência da vontade, explosão da corrente positiva e masculina da vida, — o ciclo mosaico e do profetismo hebreu; depois, o período da bondade, que é sublimação do amor, explosão do princípio oposto da vida, da libertação pelo sacrifício, da redenção pela dor. Na primeira revelação a voz de Deus virilmente diz: "Eu sou". Na segunda, a mesma voz redime a mulher e eleva a missão criadora do amor. Hoje, a revelação reaparece, equilibrando-se numa pulsação de retorno, para alimentar e impelir para o alto o princípio masculino que afirma e de novo diz "Eu sou", mas não com o terror da força e do mistério e, sim, na potência luminosa da sabedoria.

Jamais na história do mundo a inspiração se apresentou em proporções tão gigantescas como em Moisés, no momento da promulgação da lei no Sinai. A voz emerge de um fragor de batalha, em meio a um terrível desencadear de forças naturais, como condutora de povos e dominadora de paixões; emerge do caos das vicissitudes humanas num ímpeto esmagante de potência. A luta entre as forças do bem e do mal assume um aspecto concreto, desce até à alma dos fenômenos físicos: a terra treme, abrem-se as águas dos mares. Deus é força ante a qual vacilam céu e terra. Indubitavelmente, Moisés transferiu à religião hebraica a sabedoria da iniciação egípcia, que consigo levava como esteio. Mas, foi a grande voz interior da inspiração que o sustentou e guiou nos grandes momentos. O pensamento era, então, densamente revestido de ação e se expressava, súbito, em ato nos acontecimentos; deveria, pois, possuir, em suas origens, a violenta potência energética que lhe permitisse penetrar as densas camadas da matéria e do espírito humano. A verdade devia ser simples, precisa, mas lançada como um projétil e cortante como uma espada para poder penetrar no duro coração do homem. O profeta tinha de ser um condutor de povos e seu pensamento deveria estar armado de potência humana e sobre-humana. A lei de um Deus único devia impor-se por seu poder no seio da idolatria dos cultos vários, devia imprimir-se na consciência de um povo, em meio à anarquia das nações. A solitária e dolorida sublimação mística dos santos do cristianismo ainda não nascera: antes da sutileza importava trovejasse a força para desbastar o espírito humano.

A cosmogonia mosaica é uma rude e imensa construção ciclópica, reduzida a linhas essenciais para que fosse compreendida; permanece verdadeira até hoje, embora lhe faltem pormenores de desenho arquitetônico. O gesto criador de Deus é material como o gesto do homem, que projetava no céu a multiplicação infinita dos próprios atributos, não sabendo dizer de Deus senão o que a própria evolução psíquica lhe permitia compreender. Aquele gesto se espiritualiza hoje na voz que desce para iluminar e animar a ciência e o pensamento da Gênese retorna, num mais elevado plano de conhecimento.

A Gênese é o primeiro livro do Pentateuco, a que se seguem: o Êxodo, o Levítico, os Números e o Deuteronômio, e foi escrito sob a inspiração de Moisés, enquanto vagueava no deserto com o povo de Israel. Começa com a criação, descreve depois o dilúvio (submersão da Atlântida), a torre de Babel, a história dos patriarcas até José.

O Êxodo é a saída do povo de Israel do Egito e a promulgação da lei no Sinai. O espírito de Deus é presente a cada momento. No cap. XIX do Êxodo descreve-se um contínuo diálogo entre Moisés e Deus:

1. Ao terceiro mês da saída de Israel da terra do Egito, nesse mesmo dia chegaram à solidão do Sinai.

2. Por isso, partidos de Rafidim e chegados ao deserto do Sinai, estabeleceram nesse lugar os alojamentos e aí Israel esperou, diante do monte.

3. E subiu Moisés a Deus e o Senhor o chamou do alto do monte, dizendo-lhe: estas coisas dirás à casa de Jacó e anunciarás aos filhos de Israel:

.....

9. O Senhor lhe disse: Virei logo a ti na obscuridade de uma nuvem, a fim de que o povo me ouça a falar contigo e creia em ti perpetuamente. Pois Moisés havia anunciado ao Senhor a palavra do povo.

10. Ele lhe disse: vai ao encontro do povo e faze com que todos se purifiquem hoje e amanhã e lavem suas vestes.

11. E estejam preparados para o terceiro dia. porque no terceiro dia descera o Senhor, aos olhos de todo o povo, sobre o monte Sinai.

.....

16. E ao despontar o terceiro dia, à claridade da manhã, principiaram a ouvir-se trovões e resplandeceram relâmpagos; e uma densíssima névoa cobriu o monte e o vibrante somido da trompa retumbava fortemente; e o povo, que se encontrava nas tendas, se atemorizou.

17. E havendo-os Moisés conduzido para fora dos alojamentos, ao encontro de Deus, pararam ao pé do monte.

18. E todo o Monte Sinai fumegava, porque o Senhor aí descera em meio ao fogo; e o fumo dele saía como de uma fornalha e todo o monte infundia terror.

19. E o somido da trompa pouco a pouco se fazia mais forte e mais penetrante. Moisés falava e o Senhor lhe respondia.

20. E desceu o Senhor o Monte Sinai, sobre o próprio cume do monte, e chamou Moisés àquele cume...

.....

25. E Moisés desceu e contou todas as coisas ao povo".

E assim nasceu o Decálogo, da palavra pronunciada por Deus.

### CAP. XX.

1. E o Senhor pronunciou todas estas palavras:

.....

2. Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da escravidão.

3. Não terás outros deuses diante de mim.

.....

18. E todo o povo percebia as vozes, e os raios, e o somido da trompa, e o monte que fumegava; e o povo, assustado e tomado de medo, pôs-se de longe."

Eis a narrativa do momento culminante da mais poderosa recepção nouírica que o homem conhece.

E o espetáculo é verdadeiramente de uma grandiosidade terrível. A mole imensa, severa e selvagem do Sinai, a recordar o Brocken goethiano, a grande montanha de granito, nua e escura, cujo cimo é o trono de Eloim, circundada de legendas pavorosas, ecoando estrondos de trovões; os cumes escondidos nas tempestades de nuvens a mugir, coruscantes de raios; as faldas do monte enegrecidas de massas humanas, efervescentes de paixões, lançadas à conquista do próprio destino. Eis o quadro grandioso, o ambiente de sintonização em que se realizou o diálogo entre o profeta e a voz de Deus e entre o profeta e seu povo. A vibração se mantinha na desnuda potência das coisas primitivas. Era o primeiro grande choque cósmico das forças espirituais e se converteu numa atmosfera de revolta e de sangue, sob um céu negro de tempestade, com a matança dos rebeldes idólatras, desobedientes à lei, diante dos quais a ira do profeta quebra as tábuas de pedra, convicto do direito absoluto da verdade, da comunhão com o Alto, da proteção das forças supremas. Sem essa presteza e prepotência de ação, jamais Moisés teria imposto sua autoridade e

a nova lei de Deus. A ferocidade humana impunha os caminhos do terror.

O contacto com a divina fonte se estendeu continuamente, no seio do povo hebreu, através do profetismo.

Este meu pobre estudo sobre o fenómeno inspirativo manifesta-se, sem que eu o quisesse, com força interpretativa e demonstrativa deste grande fenómeno histórico e teológico, que foi considerado pelos apologistas, ao lado dos milagres, como a coluna probatória da verdade do cristianismo. E aqui a ciência, finalmente não mais inimiga, dá sua contribuição.

Se a arte divinatória é comum a todos os povos da Antigüidade, o profetismo, entre os hebreus, potencializando-se na concepção monoteísta, se eleva a meio de comunicação direta com a Divindade, prossegue e traduz o pensamento da eternidade na maturação do destino de um povo e, na espera do Messias, do destino do mundo.

Após o Pentateuco, a Bíblia continua e no livro de Josué, escrito pelo mesmo Josué, sempre por divina inspiração, prossegue a história do povo de Deus. Moisés morreu, mas o divino colóquio não cessa.

Nos quatro livros dos Reis falam Samuel e os profetas Gade e Natã. Precisamente no terceiro desses livros, cap. XIX, há uma referência ao profeta Elias que, internando-se no deserto, "...desejava a morte, e disse:

Basta, ó Senhor, toma minha alma. E se lançou por terra e adormeceu; mas, eis que o anjo do Senhor o tocou e lhe disse: levanta-te e come. Voltou-se ele e viu, perto de sua cabeça, um pão cozido sob as cinzas e um vaso d'água. Então, comeu e bebeu. Fortificado com esse alimento, caminhou quarenta dias e quarenta noites, até um monte de Deus chamado Horebe. Lá chegado, abrigou-se numa caverna. E logo o Senhor lhe falou dizendo-lhe: "Que fazes tu aqui, Elias?"...

E se desenvolve o colóquio. Mais adiante, ainda de Elias fala o livro IV dos Reis, cap. II:

11. E enquanto caminhavam e conversavam, juntos, subitamente um carro de fogo, com cavalos de fogo, separou um do outro; e Elias subiu ao céu num turbilhão."

O primeiro livro de Esdras foi por este mesmo, que era de linhagem sacerdotal e doutor da lei de Deus, escrito sob inspiração

Também o livro de Judite, que se lhe segue, é considerado divinamente inspirado.

No livro de Jó, este freqüentemente profetiza a respeito de Cristo.

No livro dos Salmos, o rei Davi, instrumento do Espírito, profetiza de Cristo e escreve hinos maravilhosos que são poesia, profecia, sapiência, oração. Em Davi o pressentimento do novo pensamento de Cristo é vivo. Ninguém, antes dele, havia ousado falar de Deus, com tanto amor e confiança, no seio do povo hebreu, que entendia a proteção divina como um domínio severo, cheio de terríveis punições. Davi cantava com sua harpa não mais um Deus que subjugava pelo pavor de suas cóleras e vinganças, mas um Deus doce e bom que se aproxima do homem no esplendor de suas obras:

**"Os céus narram a glória de Deus  
e o firmamento anuncia Suas obras.  
Um dia dirige a palavra a outro dia  
e a noite a outra noite a relata.  
Sem palavras, sem discursos,  
Entende-se a sua voz,  
que se expande por toda a terra  
e ressoa até os confins do mundo."**

Inspirado é o livro dos Provérbios, ditado pela sabedoria de Salomão, livro cheio de sentenças sublimes.

Inspirado foi o livro da Sabedoria, ao mesmo Salomão atribuído

Inspirado também é o chamado Eclesiastes.

E eis que surge, na Bíblia, Isaias, o primeiro dos grandes profetas, majestoso nas suas predições referentes ao Messias. Fala após Jeremias, profeta desde os 15 anos, até depois da destruição do Templo e da cidade de Jerusalém, quando, prostrado sobre as ruínas da Cidade Santa, deixou rebentar sua dor nas Lamentações. Vem a seguir seu discípulo Baruque, também profeta. Ezequiel começou a profetizar no quinto ano de seu cativeiro em Babilônia; foi o inspirado misterioso, taciturno e terrível, que viu a destruição de Jerusalém, a dispersão dos hebreus e, após, sua volta, a reconstrução da cidade e do Templo e o Reino do Messias.

Profecias relativas ao Messias contém o livro de Daniel, por ele mesmo escrito na corte dos reis caldeus. Seguem os profetas menores: Oséias, Joel, Amós (talvez também mártir); Obadias, Jonas, o náufrago vomitado pela baleia; Miquéias, a quem se deve a célebre profecia sobre Belém-Efrata, onde deveria nascer o Messias; Naum, que predisse a destruição de Nínive e viu sobre os montes "os pés Daquela que anuncia a boa nova"; Habacuque, que, conforme se crê, foi transportado por um anjo até Babilônia para dar alimento a Daniel, prisioneiro na cova dos leões; Sofonias, Ageu, também profeta do Messias; Zacarias, em quem a profecia da vinda do Cristo se faz sempre mais clara, precisando seu ingresso em Jerusalém, sua morte, os trinta

dinheiros como preço da traição, a destruição de Jerusalém e a perseguição; finalmente; Malaquias, que anuncia claramente a vinda do supremo Mestre.

Por oito séculos a idéia viva de Deus assim resplandece na alma de um povo e a mesma luz desce sempre ao mundo, colorindo-se diversamente através de personalidades diversas, mas nunca deixa de ser a voz com que Deus clama, chamando os homens extraviados

A inspiração se faz auditiva ou visual conforme as disposições do ambiente, mas a corrente é uma só, embora assuma diferentes formas de vibração. Existe um pensamento constante, desenvolvido através de recursos diversos e fragmentado no tempo, mas, apesar disso, coerente e contínuo, testemunhando sua origem de uma fonte única. Essa unidade de idéia manteve coeso um povo trabalhado pelas mais aventurosas vicissitudes até o surgimento de sua flor magnífica - Cristo, depois do Qual se dispersa.

A Bíblia é o mais vasto documento de recepção nouírica mundial, atingindo as mais elevadas fontes. O povo hebreu nos dá o exemplo de um fenômeno inspirativo gigantesco, prolongando-se por séculos e séculos, funcionando como preparação do evento que daria origem à civilização destinada a governar o mundo. Não é possível a dúvida nem a negação em face de fatos históricos de tal importância. E o Cristianismo foi esperado e preparado por essa elevadíssima mediunidade inspirativa, que agora estudamos, e desses contatos superiores continuamente se tem alimentado e fortalecido no seu exaustivo caminhar.

Em face da narrativa bíblica das visões dos profetas, como a de Isaías, que vê Babilônia destruída, recordando as de S. João; em face das visões terrificantes de Ezequiel, bem como outras, feitas de luz e de bondade, todas grandiosas; em face dessas figuras pensativas de profetas prostrados diante do Infinito, invocando luz e paz para a alma humana em tempestade, eu, que escrevi a demonstração científica da realidade dessas forças tremendas e que as sinto agitarem-se em mim e no mundo, ouço estranhas ressonâncias nas profundezas de minha consciência e me sacode um calafrio de temor. A sabedoria moderna, que matou essa sensibilidade, poderá sorrir ceticamente. Mas, nas lágrimas de Jeremias, no gesto solene de Ezequiel que profetiza, nessa voz concorde que desde Isaías até Malaquias fala de Cristo, e que prossegue até a Voz de Joana D'Arc, que cria uma mártir e salva a França, sinto algo de tão terrivelmente poderoso que não encontro outra postura de espírito além da oração. Tudo mais é inconsciência. Inconsciência num momento em que a Europa inteira se arma, embora trema diante do espectro de uma guerra que sente seria o fim de sua civilização<sup>36</sup>. Cada gesto profético é dirigido pela mão de Deus. E a Europa será dividida, ao longo de uma frente mediana, em duas partes, a da ordem e a da desordem, em que lutarão objetivamente as forças cósmicas do bem e do mal. Se as forças desagregantes do mal chegarem a vencer as forças construtivas do bem, então as portas da Europa desorganizada se abrirão de par em par diante da ameaça imensa da Ásia, do dragão gigantesco e terrível que já levanta a cabeça, mirando a presa suculenta. Enceguece-o, porém. uma luz, que se irradia de Roma, centro espiritual do mundo. Na Terra e no Céu irrompe uma vastíssima

tempestade de pensamento que, em grandes correntes, luta e se lança à conquista da unidade espiritual do planeta.

\* \* \*

A principal idéia desenvolvida pelo profetismo hebreu, num ascensional movimento de evidência e poder, foi a idéia da centralidade espiritual de Jerusalém e da vinda do Salvador do mundo. Sempre mais nítida se faz essa visão, descendo a pormenores, e nela, na contemplação da doce figura do Cristo, se acalmam as tempestades angustiosas do espírito. Alimentada pela vibrante palavra dos profetas, a imagem messiânica se grava e se agiganta na consciência, até aos últimos tempos, em que se sentia, por toda parte, vaga, mas seguramente próxima, a realização tão esperada e predita.

A História, na plenitude da hora romana, continha os germes do desfazimento e da ressurreição, como hoje. Os deuses pagãos vacilavam e o equilíbrio do mundo se deslocava para um novo eixo. Algo abala a civilização até os fundamentos e também o mundo pagão desperta ao primeiro choque, que é sempre de almas, e o manso Virgílio vê:

**Ultima Cumoei venit jam carminis actas,  
Magnus ab integro soecolorum nascitur ordo,  
Jam redit et Virgo, redeunt Saturnia, regra;  
Jam nova progenies coelo demittitur alto.  
Tu modo nascenti puero, quo ferrea primum  
Desinet, ac toto surget gens aurca mundo,  
Casta, fave, Lucina; tuns jam regnat Apollo.**

**... Aspice, convexo nutantem pondere mundum,  
Terrasque, tractusque maris, coelumque, profundum;  
Aspice venturo laetantur ut omnia soeclo**

(VIRGILIO, *Écloga*, IV)

Com Cristo surge, em sua plenitude, um conceito que parece preparado, de há muito, no passado de toda a evolução espiritual da humanidade. Está esta já amadurecida para subir mais um degrau em sua ascensão espiritual e a revelação inicia um novo ciclo. O conceito de bem e de virtude adquire um novo valor e a dor se sublima na cruz como meio de redenção. É anunciada a boa nova de um novo reino dos céus, que está, antes de tudo, no coração dos homens. Atinge-se um novo poder que Moisés não possuía, o poder do amor. "Não penseis que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim aboli-los, mas completá-los", disse Cristo. (Mateus, V, 17). A revelação continuava.

Seria absurdo querer reduzir a idéia de Cristo a um fenômeno inspirativo, tanto o transcende, tão inadequados são os recursos da observação e da compreensão humanas, tão profunda e completa foi Sua unificação com o Centro conceptual do universo. Para nossa compreensão, temos necessidade de fenômenos mais acessíveis, mais mitigados de potência por motivo de fraqueza humana, menos transparentes de Divindade, a fim de que não pareçam cegar.

Tenho sentido, em meus profundos estados inspirativos, a proximidade de Cristo, não o Cristo reduzido à imagem humana, mas um Cristo real, cósmico, um espírito radiante, centro de atração espiritual em torno do qual gravitam os mundos, Cristo que me inflamou e me tem dado força para viver e trabalhar e a Quem tudo devo. Ele me atrai da vertigem dos céus para os quais me arrasta, de esfera em esfera, fustigando minha carne para que eu possa aligeirar-me e subir, numa visão de sabedoria e de bondade em que minha mente se perde. Outra coisa não sei dizer de Cristo, outra coisa não sou digno de dizer e calo-me.

Sinto que se aproximam para o mundo acontecimentos enormes e terríveis, sinto um distante fragor de tempestade, um vagalhão que ameaça a grande civilização. E são pouquíssimos os que vêem e sabem. Tenho implorado para que se veja e saiba. Neste ambiente pesado de ameaças em que louqueja o mundo, meu espírito oprimido não repousa senão na doce visão do Cristo, que acalma as águas enfurecidas e salva o barco que ameaça naufragar. Cristo é verdadeiramente uma força real, sempre presente, a guiar os centros espirituais do mundo, irradiando Sua luz. Conforto-me com Suas palavras, citadas pelo Apóstolo João: "Tenho ainda muitas coisas para vos dizer, mas, por enquanto, estão acima de vossa compreensão". (João, XVI, 12). "Tenho-vos dito estas coisas por comparações. Mas, vem a hora em que não vos falarei mais por parábolas, mas, abertamente vos falarei acerca do Pai" (João, XVI, 25). Eram as palavras de adeus. Mas, antes havia dito: "Eu rogarei ao Pai e ele vos dará um outro Consolador, a fim de que permaneça para sempre convosco, o Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós, porém, o conheceis, porque ele habitará convosco e estará em vós. Eu não vos deixarei órfãos; voltarei a vos. (João, XIV, 16, 17, 18).

Qual será o sinal dos tempos? O descobrimento completo dos mistérios, que a revelação dá à mente humana, já amadurecida pela ciência. Porque, como já dissemos, a revelação é progressiva e proporcionada ao desenvolvimento da inteligência humana e o Cristo está com ela sempre presente. É chegada a hora em que a mudança da civilização impõe um passo à frente na lenta e progressiva realização do Reino de Deus na Terra, de que o Evangelho não foi senão o anúncio; impõe sua atuação individual e a organização social na coletividade humana, o advento de Cristo à sociedade, a descida do espírito de verdade, de amor, de justiça às instituições, à vida dos povos. O Pentecostes, outrora limitado aos escolhidos, se estende agora a todos os dignos pela bondade e maduros pelas forças intelectivas.

O primeiro gigante da revelação cristã é o próprio S. João. João, alma profunda, intuitiva e ardente, enamorada e triste, impetuosa e sonhadora, João, que inclinava a cabeça no seio do



Senhor, perdido nos silêncios da contemplação, penetrava o pensamento profundo de Cristo por um estado de graça que lhe dava o amor. E até muito depois, até S. Francisco, nenhuma força aproximou tanto de Cristo o homem, abrindo de par em par as portas de seu coração, quanto o amor.

O Apocalipse do apóstolo João foi por ele escrito depois de seu Evangelho, pelo ano 96 de nossa era, no seu exílio da ilha de Patmos. O nome grego "Apocalipse" significa "revelação". Esta, que havia tomado o homem pela mão, desde o princípio, para acompanhá-lo até o nascimento de Cristo, agora continuava predizendo os destinos da Igreja, desde seus primeiros combates na terra até seu último triunfo no Céu. É uma visão grandiosa, cheia de mistério:

### *CAP. 1*

1. Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe concedeu a fim de fazer conhecer aos seus servos as coisas que cedo devem acontecer e que Ele, enviando-as por intermédio do Seu Anjo, significou ao seu servo João.

2. O qual testificou a palavra de Deus e tudo quanto viu de Jesus Cristo.

.....

9. Eu, João, vosso irmão e companheiro na tribulação, no reino e na paciência de Jesus Cristo, estive na ilha que se chama Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus.

10. Fui arrebatado em espírito num dia de domingo e ouvi por detrás de mim urna forte voz, como de trombeta.

11. Que dizia: escreve o que vês num livro...

12. E voltei-me para ver quem falava comigo, e voltado vi sete candelabros de ouro.

.....

Escreve, pois, as coisas que viste, as que são e as que devem acontecer depois destas.”

A percepção, a princípio auditiva, se transforma em visual. De quando em quando diz: “Eu vi”. A fonte da grande corrente nouírica, porém, é a mesma, não importando em que forma de vibrações sensoriais se materialize para ferir os sentidos. Há um comando explícito da voz: “Escreve”. Há um aturdimiento de sentidos que faz João cair como morto, mas a voz lhe diz: “Não

temas, sou eu, o primeiro e o último”.

\* \* \*

Passam-se os séculos. A voz que havia detido São Paulo na estrada de Damasco repercute numa multidão de mártires. Os primeiros séculos do cristianismo ecoam de vozes, mas, depois, a tenebrosa Idade Média trabalha duramente para reencontrar as fontes do espírito e a tradição se quebra.

Como Sócrates tinha o seu gênio, a voz superior que ele ouvia falar-lhe interiormente, dando nobilíssimos conselhos, também tinha seu gênio o filósofo Filon. Porfírio e Plotino declaram possuir num espírito familiar sua fonte de inspiração. Como Maomé ouve a voz do seu arcanjo, igualmente Alarico, rei dos Visigodos, se dizia inspirado pela voz de um espírito que o excitava a marchar contra Roma "Um gênio", dizia, "sempre me guia: Avante! Avante! Destrói Roma!" Esta última voz talvez fosse barôntica, que não se eleva pela nobreza de objetivos morais e sociais nem pureza de inspiração, não merecendo, pois, atenção.

As vozes elevadas só se encontram no seio de uma grande fé, quando a inspiração é também missão, apostolado, muitas vezes martírio. Só estas são dignas e me interessam.

Se o fio da revelação se rompera, talvez por razões profundas, ou talvez só aparentemente, a fé em Cristo não fora destruída. A ascensão espiritual, culminando nas figuras dos Santos que iluminam, em multidão, a Idade Média, era contínua e laboriosa. As correntes desciam sempre do Alto para os desposórios com a Terra, fecundando-a. E germinavam exemplos de holocaustos no esforço por abraçá-las. A grande emanção do Cristo jorrava ora aqui, ora acolá, como revelação; não mais heróica e guerreira, apocalíptica e tonante, mas apaixonada e gentil, amansando a ferocidade dos tempos com a doçura do amor evangélico. E surgem almas novas, ardendo em paixões mais elevadas. A Força se desmaterializa num perfume de sentimento. A voz não mais troveja o fragor das batalhas nem o terrível destino dos povos, mas canta as harmonias da criação.

E desponta Francisco de Assis, qual diferente cantor de Deus, que já não é como o rude Moisés, nem o tempestuoso Isaias ou o terrível Ezequiel, nem mesmo o apocalíptico João! Verdaderamente, com o Cristo, o mundo do espírito se transformara. A fé se dulcifica como o cântico de um poeta ou uma visão de artista, como se transmuda em beleza a própria verdade que se eleva a um plano mais alto. A fé canta e sorri entre os doces pintores das escolas umbra e toscana, gorgeante de crianças graciosas e perfumosas dos suaves semblantes das Madonas. E atinja poetas, artistas ou santos, é sempre a mesma fonte inspirativa que desce do alto e faz do "Trecento" o século das mais puras criações espirituais. Que importa a forma com que essa inspiração se imprime na matéria? Grande inspirado foi Dante, como foi Giotto e depois Rafael. Sempre, onde se manifesta um pensamento novo, profundo e nobre, o Alto vibra e se dá. O

"Trecento" parece uma descida de anjos para rasgar as trevas de um milênio. Foi a primeira dulcificação de costumes, na fé cristã, a primeira grande onda de preparação do reino dos céus. Falo a respeito de forças reais, presentes e decisivas na evolução da civilização. Falo da minha mística Úmbria, onde com tanta suavidade floresceu aquele sonho de fé!

A voz falou pela primeira vez a Francisco (1182 - 1226) em São Damiano, em Assis. Assim relata o acontecimento o Pe. V. Vacchinetti em sua "**Vida de São Francisco**":

"Existia então, como ainda hoje, no declive da montanha (o Subásio, próximo de Assis) uma capela dedicada a S. Damiano. São Francisco gostava de recolher-se na penumbra daquela igreja abandonada, a orar diante de um Crucifixo. Um dia estava ajoelhado diante daquela imagem do Redentor... e suplicava poder conhecer, finalmente, qual fosse a vontade divina a seu respeito. Eis que, então, ainda banhado em lágrimas e com o coração agitado pelo ardor da oração, tendo os olhos fitos no Crucifixo, o vê avizinhar-se de si e de seus lábios divinos percebe sair uma voz que lhe diz: "Não vês que minha igreja está a desabar? Vai, pois, e restaura-a para mim!" E por três vezes se repete o amargurado apelo, a divina oração: "**Vade igitur et repara illam mihi!**" (Aquele imagem conserva-se ainda hoje na Basílica de Santa Clara, em Assis). A essa voz, Francisco, tremendo de espanto e comoção, respondeu com entusiasmo: "Falo-ei de boa vontade, Senhor!" "**Liberter faciam, Domine!**" E logo se levantou, para iniciar o trabalho".

Esta a narrativa.

A voz do Alto a descer para salvar os destinos da Igreja. O impulso de Cristo volta a manifestar-se presente. Esses fenômenos de exceção não sucedem ao acaso, mas em momentos particulares com objetivos excepcionais. As correntes puras não descem ao nosso plano para curiosidade científica, mas obedecem a equilíbrios profundos, que as guiam para alimentar os valores espirituais do mundo, quando estes vacilam.

De há muito Francisco procurava, mas ainda não se havia encontrado a si mesmo. Esquecera-se, na quadra alegre da juventude, mas era momentâneo o esquecimento: ao primeiro choque sua alma desperta e do íntimo se elevam as realidades do espírito para as quais estava amadurecida. E na prisão dos perusinos e depois na enfermidade em Spoleto, as primeiras visões revelam a Francisco o seu verdadeiro ser. Creio que esses primeiros contrastes interiores sejam o momento psicológico mais decisivo para a compreensão daquele tipo de personalidade e de toda a fenomenologia supranormal que se lhe formou em torno. Esses deslocamentos de equilíbrio interior, que conduzem uma alma do mundo a Deus, projetando-a na vertigem da inspiração mística, têm raízes profundas em que se encontra a chave do mistério. Essas súbitas crises psicológicas não são senão o precipitar do equilíbrio biológico normal, em consequência de impulsos amadurecidos no eterno. E, como sempre, é necessário estudar e compreender o sujeito para entender o fenômeno. Francisco se isolava no silêncio dos bosques e dos montes para orar e para ouvir; essa necessidade de solidão, própria dos inspirados, foi para ele fundamental,

especialmente nos mais importantes momentos de sua missão.

**"Vade igitur et repara illam mihi!"** Nas Vizinhanças de S. Damião, o céu e a terra, tudo sorri numa nova luz, como que impregnado da grande emanção espiritual do Santo. A beleza natural parece brilhar em mais profunda beleza de alma. Toda a criação em torno se vivifica no espírito e também ora num impulso de fé, dobrando-se em sintonia para alimentar o fenômeno de Francisco e de sua vibração de amor a Deus. Nos momentos de sua grande inspiração, a natureza também é chamada a colaborar, em harmonia de fé e amor, como uma realidade viva, ardente, também enamorada de Deus, pois a grande recepção nouírica é um concerto imenso em que toda a criação canta em Deus. A inspiração dulcíssima do amor de Cristo se verifica, aqui, não mais entre as tempestades do Sinai, porque a nota de sintonização é completamente diversa, mas na musicalidade doce da paisagem úmbrica, que ainda hoje canta e sobe, simples e mansa, como por humildade, perdendo-se nos esplendores azuis do misticismo. Verdadeiramente, jamais encontrei mais apropriado ambiente de sintonização espiritual que esta paisagem úmbrica.

Francisco, entretanto, não havia compreendido bem. O despertar de uma alma imersa na carne, embora seja ela forte, não pode ser instantâneo. Seu olhar é, a princípio, exterior também nos conceitos, está materializado pelas sensações e só mais tarde atinge os profundos significados de espírito. Também com Joana D'Arc aconteceu o mesmo. Mas, depois, o ambiente se purifica, o contacto se faz mais vivo, a percepção mais transparente. Aqui, também embora preso num turbilhão, o fenômeno é progressivo. Não era, pois, a restauração material da igreja de S. Damião, obtida com o transporte de pedras, mas a restauração espiritual de Sua Igreja o que Cristo indicava. "Eu não vos deixarei; voltarei a vós", Ele já havia dito. Voz universal, ativa e presente, filtra-se no mundo através dos caminhos de quem sente, responde e fala, segundo o poder de cada um para ouvi-la. Que evidência deveria, pois, atingir através de uma alma como a de Francisco!

Tudo está em relação à capacidade individual, à sensibilização espiritual e esta se relaciona com o grau de purificação atingido. Aqui, ressalta em primeiro plano a relação, já notada, entre elevação moral e potência perceptiva da alma, pois, importa um estado de afinidade vibratória para poder obter-se a sintonização. Compreendem-se, assim, os três votos franciscanos — pobreza, castidade, obediência — que azorragam no corpo e nas paixões toda a animalidade humana.

Para sentir a palavra de Cristo, Francisco devia tornar-se semelhante a Ele na dor e no amor e tão intensamente os teve unidos a Ele que se imprimiram em seu corpo com os estigmas, no incêndio espiritual da Verna.

No espírito franciscano existe um conhecimento profundo dos caminhos desse laborioso esforço da ascensão espiritual. Basta recordar o episódio da perfeita alegria<sup>37</sup>, em que, diante dos ataques mais cruéis e dos decepamentos mais radicais impostos à natureza humana, Francisco

conclui sempre, com um crescendo impressionante de exemplos: "Ó Irmão Leão, escreve que nisso está a perfeita alegria" ("**Florinhas**", VII). Mas, uma verdadeira técnica de ascensão espiritual, uma descrição dos métodos usados pelo destino para impô-la ao homem, é descrita no cap. XXV das "Fioretti". Encontra-se aí narrada, na forma simbólica da época, o esforço do processo evolutivo do psiquismo humano, que em "A Grande Síntese" é explicado cientificamente<sup>38</sup>, concordâncias que reciprocamente se iluminam. Um frade sonha que:

"... ele foi arrebatado e conduzido em espírito a um altíssimo monte, junto ao qual se via um precipício muito profundo; e aqui e ali, penhascos fendidos e lascados, rochas desiguais que se elevavam da massa de pedra; era pavoroso o aspecto do precipício E o Anjo, que conduzia esse frade empurrou-o, lançando-o precipício abaixo. E o frade, bamboleando e ferindo-se de pedra em pedra, de calhau em calhau, finalmente caiu no fundo do precipício, completamente desmembrado e despedaçado, conforme lhe parecera. E jazendo, assim desacomodado, em terra, disse aquele que o conduzia:

— Levanta-te, que te é necessário fazer ainda uma viagem maior.

Respondeu o frade:

— Pareces-me um homem imprudente e cruel; vês-me quase morto pela queda, que me despedaçou, e ainda dizes que me levante!

O Anjo, porém, aproximou-se dele e, tocando-o, ligou com perfeição seus membros, curando-o completamente. E depois lhe mostrou uma grande planície, coberta de pedras pontiagudas e cortantes, de espinhos e sarças; e disse-lhe que seria necessário atravessá-la, descalço, até o fim, onde existia uma fornalha ardente, em que ele deveria entrar.

Tendo o frade transposto toda a planície, com grande angústia e pena, ouviu do Anjo:

— Entra nesta fornalha, porque assim te é necessário!

Respondeu o frade:

— Pobre de mim! Que guia cruel me tens sido! Vês-me quase morto, por atravessar esta planície e agora por repouso me dizes para entrar na fornalha ardente!...

E, olhando, o frade viu, em torno da fornalha, inúmeros demônios que seguravam forquilhas de ferro e com estas, porque ele demorava a entrar, o

arrastaram subitamente para as chamas...

... E o Anjo que o conduzia, impeliu-o para fora da fornalha, dizendo-lhe:

— Prepara-te, para uma horrível viagem, que ainda tens de fazer!

Recomendando-se, disse o frade:

— Ô duríssimo condutor, que nenhuma piedade tens de mim! Vês como me queimei na fornalha e ainda me queres levar a uma viagem perigosa e horrível!

O Anjo, porém, tocou-o e ele se tornou são e forte. Conduziu-o, depois, a uma ponte, onde não se podia passar sem grande perigo, porque era muito frágil e estreita, muito escorregadia e sem parapeitos; por baixo passava um rio terrível, cheio de serpentes, dragões e escorpiões, que exalavam muito mau cheiro. E disse-lhe o Anjo:

— Passa esta ponte. De qualquer modo deverás atravessá-la.

— Como poderei transpô-la sem cair neste perigoso rio?

Respondeu-lhe o Anjo:

— Vem após mim, e põe o pé onde eu puser o meu e assim passarás bem.

E o frade acompanha o Anjo, como este lhe havia ensinado e chega até o meio da ponte, quando, então, o Anjo ausentou-se num vôo e se postou no cume de um monte elevadíssimo, muito longe da ponte. Examinou bem o frade o lugar para onde voara o Anjo; viu-se, assim, sem guia e olhando para baixo viu os terríveis animais que levantavam, do seio das águas, suas cabeças e abriam as bocas, como se preparando para devorá-lo, se ali ele caísse. Estava tão amedrontado que não sabia o que fazer ou dizer, porque não podia recuar nem avançar. Vendo-se em tão grande tribulação e que não teria outro refúgio senão somente Deus, inclinou-se e, abraçado à ponte, e de todo o coração e com lágrimas, suplicou a Deus que, por Sua santíssima misericórdia, o socorresse. Feita a oração pareceu-lhe que lhe nasciam asas; e esperou com imensa alegria que elas crescessem a fim de poder voar até onde se encontrava o Anjo. Depois de algum tempo, pelo grande desejo que tinha de abandonar a ponte, pôs-se a voar. Como as asas, porém, não eram suficientemente grandes para o vôo, ele caiu sobre a ponte como também as penas. Novamente abraçou a ponte e, como já havia feito, recomendou-se a Deus. Terminada a oração, de novo percebeu que lhe nasciam asas; mas, como antes, não

esperou que elas crescessem perfeitamente: pondo-se a voar, uma vez mais antes do tempo, caiu outra vez sobre a ponte, e igualmente as penas. Percebendo que era a pressa de voar, sem que houvesse chegado o tempo próprio, a causa das quedas, começou a dizer a si mesmo: — Quando me nascerem asas pela terceira vez, esperarei até que sejam tão grandes que eu possa voar sem de novo cair.

E estando assim a pensar, notou que lhe nasciam asas pela terceira vez; mas, esperou que elas crescessem suficientemente. Pareceu-lhe que desde o primeiro surgimento das asas até o terceiro haviam decorrido bem cento e cinqüenta anos. Finalmente, levantou vôo, dessa terceira vez, com todas as suas forças e chegou até onde estava o Anjo; e batendo à porta do palácio, que atingira com seu vôo... começou a olhar as paredes maravilhosas do palácio; e eram estas tão transparentes que ele claramente podia ver os coros dos Santos e tudo que lá dentro se fazia... E logo que entrou, sentiu tanta doçura que esqueceu todos os sofrimentos por que havia passado, como se jamais os tivesse sofrido. .

Eis o caminho da sutilização espiritual, eis o gabinete de experimentação em que se prepararam os estados de ânimo para a recepção das mais elevadas correntes nouíricas. Atrás da narrativa cheia de imagens, sente-se o esforço, a luta, o caso vivido, a percepção direta das forças espirituais da vida, ouve-se o eco das assustadoras provas da iniciação egípcia, realizadas nos grandes templos de Tebas ou de Mênfis pelos sacerdotes de Osíris; há nela um senso difuso da ciência do bem e do mal que a alma dolorosamente aprende, como já narravam os mistérios de Elêusis a queda da virgem Perséfone, por obra de Eros, no tenebroso reino de Plutão. E verdadeiramente a divina Perséfone, caída no sofrimento do inferno, era o símbolo da alma humana, que expia na vida e na luta pela sua redenção, que cai e se purifica das baixas paixões e reencontra a visão da verdade Como já disse e repito, o fenômeno nouírico que estamos estudando não é senão o fenômeno da evolução, o fenômeno da ascensão da alma humana. Que a ciência não o isole, mas compreenda que é fenômeno de imensa vastidão em que se precipita o equilíbrio biológico de todo um passado, estabilizando-se num mais elevado equilíbrio de forças espirituais; compreenda que a alma não atinge a percepção inspirativa senão através da dolorosa elaboração dos milênios. Esse lampejo de intuição, que lhe permite sentar-se no Alto, diante do trono de Deus, finalmente digna de conhecer a verdade, está no ápice da escala da evolução humana. Concluo com as "Florinhas" de São Francisco:

**"A águia voa muito alto; mas, se ela tivesse ligado algum peso as suas asas, não poderia voar muito alto."**

A apoteose de Francisco é na Verna. A corrente divina desce na nova forma de amor desejada por Cristo e a alma de Francisco não a alcança completa senão na plenitude de sua maturidade, no fim de seu caminho terrestre:

**"Na dura pedra, entre o Tibre e o Arno,  
Recebeu de Cristo o último sinal  
Que seus membros por dois anos levaram.39"**

Eis, brevemente, a viva narrativa das "Fioretti":

“...e São Francisco, de manhã bem cedo, antes do despontar do dia, se põe a orar diante da porta de sua cela, voltando o rosto para o levante... E estando assim, e inflamando-se nessa contemplação, nessa mesma manhã, viu ele vir do céu um serafim com seis asas resplandcentes e flamejantes; e o serafim, num vôo veloz, aproximou-se de São Francisco, tanto que este o pôde discernir, percebendo claramente que tinha diante de si a imagem de um homem crucificado... E estando assim admirado, foi-lhe revelado por aquele que lhe aparecia que, pela divina providência, aquela visão lhe surgia de tal forma a fim de que ele compreendesse que, não por martírio corporal, mas por incêndio mental, teria ele de ser completamente transformado na positiva semelhança de Cristo crucificado.

Nessa aparição admirável, todo o monte da Verna parecia arder em brilhantíssimas chamas, que iluminavam todos os montes e vales em derredor, como se o sol houvesse descido à terra; e os pastores, que velavam nessas redondezas, vendo o monte incendiado e muita luz em torno dele, tiveram grande medo, conforme depois contaram aos frades, afirmando que aquelas chamas duraram sobre o monte da Verna por espaço de mais de uma hora. Igualmente, ao esplendor dessa luz, que atravessava as janelas das hospedarias da região, alguns tropeiros que iam para Romagna se levantaram, crendo que já fosse dia e carregaram seus animais; e, após iniciarem a viagem, no caminho, viram cessar aquela luz e levantar-se o sol.

... Nessa aparição seráfica, Cristo, que se tornou visível, falou a São Francisco certas coisas elevadas e secretas, que jamais em vida o santo quis revelar a ninguém... Desaparecendo a admirável visão, após falar durante muito tempo e em segredo, deixou no coração de São Francisco um ilimitado ardor de amor divino; e na sua carne deixou um maravilhoso sinal e imagem de paixão de Cristo..."

O fenômeno foi tão forte que assumiu forma visual e auditiva e atingiu efeitos físicos permanentes. O espírito do Cristianismo alcançou na Verna um dos mais elevados vértices de sua realização.

Atingido seu ápice espiritual, a vida de Francisco não mais tinha motivo de continuar sobre a Terra e cede ao cansaço do corpo, esgotado pelo grande incêndio, e se extingue cantando



as harmonias da criação.

No "Cântico das Criaturas" a unificação é atingida, a alma se harmonizou com a sinfonia do universo, tudo revive no espírito e à grande corrente espiritual do amor de Cristo que desce ao coração humano responde, em sintonia, o cântico de toda a criação:

“..... Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o senhor irmão Sol que nos dá o dia e nos ilumina...

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Lua e pelas estrelas, que no céu formaste claras, preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Vento e pelo ar, nublado ou sereno e por todo tempo, pelo qual a todas as criaturas sustentas.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Fogo, com que iluminas a noite. E ele é belo, alegre, robusto e forte.

Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã e mãe Terra...

.....

Louvado, sejas, meu Senhor, por nossa irmã a Morte corporal, da qual nenhum homem pode escapar..."

Os Laudes do Senhor por suas criaturas são o último canto do grande inspirado, com que a voz interior se cala. A emanção radiante do divino centro do universo, as vibrações espirituais cheias de reflexos do princípio animador de todas as criaturas e de todas as coisas, se fundiram, numa harmonia única, no espírito daquele que foi, a um só tempo, grande sensitivo, artista, poeta e santo. E o encanto dessa harmonia na qual toda a criação canta em Deus, terá tido seu paraíso no céu como o fora na terra.

Falei sobre Francisco com a alma trêmula de veneração e amor, como quem olha um gigante que se encontra na vanguarda do caminho da vida, que se move nos cimos vertiginosos da perfeição que desejaríamos atingir, mas em face dos quais as pobres forças humanas caem, prostradas.

\* \* \*

Falar sobre todos os inspirados desde a Idade Média até nossos dias, seria um enorme trabalho que não poderia caber nas breves páginas deste volume, seria um inútil alarde de

erudição, fácil de adquirir, de resto, nas páginas de uma enciclopédia, além de ser ainda um tratado demasiadamente denso para o leitor. Prefiro vagar, de braços dados às atrações de minha simpatia, que me garante, aliás, minha compreensão, permitindo-me uma visão mais cálida e mais íntima.

Apareceu, pouco depois de Francisco, em Foligno, uma mulher admirável pela sua inspiração, tanto que foi chamada magistra theologorum, embora desfavorecida de estudos, — a bem-aventurada Angela de Foligno (1249-1309). Diante de certas verdades elevadíssimas, muitas vezes é melhor sonhar, porque as descobre mais facilmente o poeta que o cientista, ou então, o cientista deve fazer-se poeta para saber olhar o mundo com a ingenuidade de uma criança.

Há também na vida de Angela um período preparatório de maturação, feito de dúvidas e contrastes, da vida mundana que, numa curva do destino, se modifica em vida de perfeição moral. E nesse momento, também uma voz fala, produz um choque e o ser se transforma. Existe sempre um momento crítico na evolução das almas em que os equilíbrios precedentes se precipitam para se restabelecerem novamente num plano mais alto. O despontar do estado inspirativo parece ser a nota fundamental do fenômeno da gênese mística; sempre o encontramos ligado à aparição de estados morais de elevada perfeição. Reaparecem aquelas relações que já de início, observamos. Angela ouviu a voz da inspiração na igreja de São Francisco, em Foligno, a poucos passos de distância de seu palácio, enquanto orava. Aquela voz a inflamou de divino amor e assinalou a mudança de sua existência para uma vida de pobreza e contemplação. A recordação de Francisco, falecido há pouco, era próxima; próxima estava também sua Assis. A vida mundana se transforma em vida de penitente e paralelamente explode a inspiração. Diz-se que se dirigia à famosa basílica de Frei Elias e Giotto, realizando a pé um trajeto de cerca de quinze quilômetros, sempre absorta em meditação. Retornando certa vez a Assis, pouco além de Spello, onde a estrada começa a subir, ouve o Espírito dizer-lhe: "Acompanhar-te-ei até São Francisco, falando contigo, fazendo-te provar divinas alegrias... Eu sou aquele mesmo que falava aos apóstolos... sou eu, o Espírito... não temas..." Despertando de seu êxtase ao ingressar no templo, pôs-se a clamar em presença de todos sua sobrevinda desilusão. Depois concluía, como São Paulo, que, arrebatado ao terceiro céu, confessava: "o olho não viu nem o ouvido jamais ouviu as misteriosas palavras..."<sup>40</sup>. o conceito expresso na tradicional terminologia religiosa permaneceria verdadeiro, embora traduzido para a moderna nomenclatura científica, demonstrativa e exata.

Sempre mais purificada pelo sofrimento e pela renúncia, Angela se torna mulher famosa, como Rosa de Viterbo e Catarina Benincasa, filha de Jacó, tintureiro de Fontebranda (S. Catarina de Siena). São inúmeros os casos de pessoas que, sem a mínima preparação cultural, muitas vezes analfabetas, sabem argumentar acerca de altos problemas de teologia.

Novamente penso em S. Félix de Cantalice, em S João de Cruz, em Santa Brígida, que afirma haver recebido da voz do Cristo as regras da ordem por ela fundada, em S. Agostinho, que nas suas "Confissões" assevera também a presença de uma voz que o guia. Penso em tantos que é impossível enumerá-los.

Certos caminhos, que se abrem aos humildes, parecem dever estar fechados aos sábios. "Há verdades que se **recusam a quem as investiga para serem concedidas a quem as sente**", disse **Carlos Delcroix**. A verdade não se conquista por violência de vontade, mas por estados de sutil penetração de alma. Acrescenta Schuré, em sua obra "**Grands Initiés**", em uma nota à pág. 649:

**"Les annales mystiques de tous les temps démontrent que des vérités morales ou spirituelles d'un ordre supérieur ont été perçues par certaines âmes d'élite, sans raisonnement, par la contemplation interne et sous forme de vision. Phénomène psychique encore mal connu de la science moderne, mais fait incontestable. Catherine de Sienne, fille d'un pauvre teinturier, eut, dès l'âge de quatre ans, des visions extrêmement remarquables"**.

*Esses seres excepcionais se elevam na graça divina, absorvem-lhe a essência e depois descem até junto dos homens para dar-lhes a sabedoria e a felicidade de que se inundou seu ser. Tudo isso foi chamado histerismo. Sabe, porém, a ciência o que é histerismo? Se o soubesse, curá-lo-ia. Isso chamo de simplismo. E se desse suposto mal patológico provêm produtos tão elevados que se impõem à atenção e veneração do mundo e ofuscam a sabedoria humana, se tudo isso é desequilíbrio, bendita seja então essa doença, bendito seja esse desequilíbrio, pois são os caminhos daquela luz que não é atingida pelos sentidos dos sãos e dos normais. Vêem-se, pelo contrário, aqui, os sinais de Verdadeira maturidade de espírito, que significa a conquista realizada dos mais elevados valores morais, individuais e sociais, aqueles por cuja conquista a humanidade ainda envolvida, vive sofre e trabalha; tudo isso significa a evolução realizada nos mais altos níveis biológicos, que são os do espírito, de que o homem comum, ainda muitíssimo próximo da animalidade, esta' imensamente distanciado.*

A alma de Angela maturou-se não no estudo, mas na dor. Analfabeta, talvez, não deixou ela, diretamente, nenhum escrito. O evangelista do verbo de sua alta intelectualidade foi o irmão Arnaldo, franciscano de Foligno. Em estado de êxtase, ela lhe falava das coisas elevadas que ouvia e que a palavra não lhe era suficiente para traduzir. Arnaldo escrevia, buscando atingir-lhe o pensamento sem consegui-lo e quando apresentava a Angela o escrito, esta se surpreendia, quase não o reconhecendo, e dizia: "Disse eu isso? Não te disse *isso*. Não reconheço haver pensado como escrever". Frequentemente, ficava absorta, durante dias, em suas visões. Também neste caso, Cristo é o centro de irradiação; Cristo, que foi precedido por uma corrente que no profetismo hebraico o esperou, agora, no Cristianismo, é seguido por uma corrente que o recorda e em que revive. Assim, essa insigne mulher da Itália alcançou, por elevação de conceito, os mais árduos campos especulativos; raciocinava, com engenho sutil e com tranqüila sublimidade, sobre a essência da Divindade e sobre Seus mistérios; alcançava, no campo teológico, uma orientação que os sábios não possuíam; navegava, segura, num mar de abstrações conceptuais que estavam absolutamente acima de seus normais poderes psíquicos. Voava, assim, por intuição,

constituindo-se modelo vivo, ela que era mulher inculta, de teologia mística, de coisas transcendentais do espírito, tanto que foi chamada "**magistra theologorum**", isto é, considerada como grande exemplo de sabedoria mística. Em vida muitos vinham de longe para conferenciar com ela a respeito de difíceis problemas do espírito e da fé; e depois de sua morte, recebeu a homenagem da ciência e das letras da Itália e da Europa.

Uma outra grande mulher apareceu logo após, no cenário da vida, para influir e impor-se à atenção do mundo: Catarina de Siena (1347-1380). Muitíssimo conhecida, não havendo necessidade de se repetir sua história<sup>41</sup>, faz pensar na coroa de delicadas flores que a Idade Média soube produzir. Ávida de solidão desde criança, nela se refugiava para deliciar-se em suas visões. "**O beata solitudo! O sola beatitudo!**", dela também se poderia dizer. Mas esse isolamento não é vazio; é apenas a busca de um ambiente apropriado à percepção interior. Aos 16 anos, tomava ela o hábito de S. Domingos; iniciada uma vida de sacrifício, a potência visual se apura, intensificando-se as místicas visões Alimentada por estas, desce depois ao mundo para fazer o bem. Começou-se, então, a compreender sua personalidade, formando-se em torno dela uma coroa de compreensão e de admiração e ela se dá totalmente à obra de conforto material e espiritual: ensina, defende, encoraja. Dilata-se, assim, sua vida pública e daí nasce um vasto epistolário, endereçado a papas, cardeais, reis, príncipes, capitães mercenários, homens de estado, nobres, homens do povo, grandes damas e humildes religiosas. Não escreve, embora o houvesse aprendido miraculosamente, mas dita, como era uso em seu tempo. Nasce, desse modo unia volumosa correspondência que, juntamente com o "Diálogo", todo escrito em êxtase, forma um monumento, admirável pela pureza de linguagem, beleza de imaginação, profundidade de conceito, altitude de perfeição moral Propaga, em torno de si, o incêndio de sua elevada paixão e induz, finalmente, o pontífice, exilado na França, a retornar a Roma, realizando assim uma missão política que se assemelha à de Joana D'Arc, que a biosofia venera como sua Patrona.

Pronuncia Catarina, mais tarde, um discurso no Consistório, em presença do colégio dos cardeais, para salvar a Igreja do cisma. Viveu uma vida de lutas e esforços imensos, em que era sustentada pelos seus íntimos contatos com o Alto. Cristo é sempre, como para Francisco, o grande animador dessas vidas que se movimentam como uma emanção de sua força e de seu pensamento. Dessa vez, a corrente de pensamento e de paixão desce para salvar a Igreja em perigo. O fenômeno obedece sempre a uma lei lógica de finalidade a que se proporciona. Histerismos, pois, também estes, que tiveram uma missão social, que inspiraram a arte, que forneceram uma produção literária, que interessaram o mundo, que são venerados pelas multidões nos altares entre as coisas santas?

Há um fato que ressalta evidente em todos estes casos, mas especialmente neste: as correntes nouíricas não se manifestam jamais através daqueles que parecem os mais preparados, isto é, os poderosos e os sábios, mas preferem os simples e os humildes<sup>42</sup>, escolhendo para instrumento os que parecem ser os últimos dos mortais. Característica do fenômeno, que tem seu

significado, porque a cultura é um preconceito e o poder, uma vontade rebelde, que obstam ao livre fluir das correntes e sua aceitação.

Há uma necessidade de solidão para a busca da sintonização receptiva: e a solidão dos anacoretas no deserto, dos eremitas nos montes, dos monges nos claustros, necessidade de silêncios do mundo para que neles se possa ouvir a voz da alma. Vêm depois a dor, a renúncia, que distanciam o espírito da terra e, freqüentemente, uma progressão de potência receptiva e de clareza perceptiva, proporcionais à purificação atingida através da dor e da renúncia. Existe na alma um senso de missão que justifica a dor, o esforço, a vida, que anima e sustém o árduo trabalho do apostolado, que tudo guia ao plano da ação.

Aparece, então, freqüente e evidentemente, o momento crítico da crise espiritual em que a voz se faz ouvir, distinta, inflamando a vida e jamais se calando. Verifica-se, simultaneamente, uma ascensão moral contínua e, no fundo de tudo, a grande força animadora que fala, que vibra, que inflama é Cristo. De Moisés aos nossos dias, temos visto, sempre idêntica, essa potência de divino pensamento descendo e governando o mundo. É uma realidade histórica que não se pode destruir. E freqüentemente há, em face dessa grande força, uma imolação de todo o ser, um martírio breve ou demorado de uma vida inteira. Sempre a mesma dor e a ciência de vencê-la num mundo mais elevado, que a mediania não vê. Só isso parece dar o direito e a coragem suprema de falar em nome de Deus. Saberá, pois, a evolução, sozinha, resolver o grande problema e obter a vitória sobre a eterna inimiga do homem — a dor?

É grande o número dos místicos, e quando dizemos místicos dizemos inspirados: de Santa Clara a Santa Gertrudes, a Santa Teresa (a carmelita de Ávila, reformadora de ordens, célebre por suas visões místicas; 1515-1582), à extática de Paray-le-Monial, que foi comparada ao extático de Patmos, o apóstolo da doçura, João, que havia repousado ao peito do Cristo, — a mística esposa Margarida Maria Alacoque (1647-1690). Nela o colóquio com Cristo é contínuo, intenso, dorido e inefável de alegrias espirituais. Como os profetas e apóstolos, Margarida Maria fala com Deus e recebe uma revelação que transmite à humanidade<sup>43</sup> (43); mas, tudo isso faz humildemente, silenciosamente, em afetuoso tom menor. Sua ascensão se gradua por colóquios sucessivos em que se revela o plano de sua missão. Por inspiração, recebe mensagens e as transmite entre as quais uma para o Rei Sol, Luís XIV, que não a escuta. É uma característica desses séculos, especialmente na terra latina, essa florescência de mulheres *místicas*, às quais parece confiada a divulgação do novo sentido de amor trazido por Cristo; a mulher, que não havia aparecido no seio do severo e tempestuoso profetismo pré-cristão, pode agora fazer brotar sua flor de delicadíssima fragrância O poema gentil de Francisco continua e através dos séculos se estende uma sinfonia de almas harmonizadas em torno de um pensamento único e de uma missão constante: fazer reviver o Cristo na Terra, mantê-lo presente, a fim de que se realize sua palavra: "Eu não vos deixarei órfãos; voltarei a vós" (**João, XIV, 18**). E o novo cântico que continua o profetismo hebreu, o cântico da realização, na Terra, do Reino dos Céus.

\* \* \*

Assim chegamos aos tempos modernos, em que o fenômeno assume novos aspectos. Poderia referir-me a muitos outros, como Catarina Emmerick, a grande vidente alemã do século XIX. E que dizer de Teresa Neumann, de Konnersreuth, a famosa vidente bávara, a estigmatizada que nas suas visões segue a paixão de Cristo, revive-a no seu corpo, ouve e repete palavras em grego, hebraico e aramaico, línguas que ela não conhece?44. Também neste caso, há paixão, amor e dor, sublimação no espírito, o elemento moral elevado ao primeiro plano, a virtude heróica do sacrifício para o bem dos outros. Existe um contacto espiritual com Cristo, tão profundo que constitui para Teresa sua principal nutrição e substitui o alimento de que, por lei orgânica, todos têm absoluta necessidade de ingerir para viver.

O fato, que é tendência geral dos místicos, de descuidar-se do alimento material, preferindo o espiritual, faz pensar que nos mais elevados graus de evolução o ser possa conseguir seu reabastecimento dinâmico diretamente de fontes imateriais, sem ter de percorrer o longo caminho dos órgãos digestivos. O estudo, porém, destes problemas colaterais nos levaria a grande distância.

Omiti, para sobre ela falar agora particularmente, pois que se eleva como cimo solitário entre a multidão dos inspirados, quer pela potência da percepção, quer pela vastidão da missão e tragédia do martírio, a grande inspirada, a heroína da França, Joana D'Arc (1412-1431). Seu caso, que é inspirativo por excelência, se distingue sobre o mesmo fundo místico pelo caráter heróico que lhe confere a particular missão imposta pelos tempos. Essa distinção nos é necessária para traçar, com exemplos, as notas fundamentais do fenômeno, as mesmas que nos darão a expressão de sua lei.

Observemos como neste caso as forças superiores organizaram a missão e dispuseram os elementos decisivos na estratégia do destino de Joana. São estes, queiramos ou não, os elementos que individualizam o fenômeno e lhe acompanham o desenvolvimento. É a uma consciência das causas, que são essas correntes que iluminam, guiam e querem, que devemos juntar a lógica e inegável concatenação dos efeitos. E a essa história interior que eu vejo, a esse drama que se agita nas profundezas da trama histórica externa que todos conhecem, que dou a maior importância. Lendo novamente, desse modo, a vida de Joana, nos planos mais elevados do espírito, podemos compreendê-la. Para entender esses fenômenos importa haver penetrado a personalidade e toda a vida espiritual do sujeito; é preciso, quando se afrontam essas vidas de missão e de martírio, possuir uma alma sensível a esse mundo de sutis vibrações. De outro modo, seremos incompetentes como um matemático que quisesse resolver problemas sem possuir o senso da matemática. Tal foi Anatole France na sua "**Vie de Jeanne D'Arc**". Nesses casos o pensamento

permanece negativo e não atinge senão a destruição. Reservamo-nos, porém, para o trabalho mais difícil, que é o de afirmar e criar.

Encontramos novamente aqui, como já vimos em muitos outros casos, os elementos do fenômeno inspirativo, que o preparam e o acompanham. Para compreendê-lo, eu o reduzo à sua estrutura essencial, que é um cálculo de forças, imponderáveis e reais, provenientes de centros superiores de emanação nouírica e que descem para unir-se e combinar-se com as correntes espirituais da História e do destino individual.

A elevada origem dessas forças, sua proveniência dos mais altos planos espirituais não padece dúvida no caso de Joana D'Arc. Ela havia feito pintar em sua bandeira, de um lado, as palavras: "De la part de Dieu", e do outro o moto "Jhesus-Maria". Este moto ela escrevia em suas cartas, como fazia Santa Catarina de Siena. Isso demonstra que também aqui o pensamento de Cristo era dominante no espírito de Joana. Ela amava imensamente sua bandeira e a quis a seu lado na catedral de Reims, na plenitude do cumprimento de sua missão política e guerreira, quando da coroação de Carlos VII. Do seu estandarte dizia: "Il avait été à la peine, c'était bien raison qu'il fut à l'honneur". (Proc. 1, 187). A última palavra que Joana pronunciou, na fogueira, em face da morte, quando já não se pode mentir, foi Jesus. Além disso, aquele "Venho da parte de Deus" é a invocação suprema que traz Deus como testemunha, é o juramento que empenha toda uma vida até o martírio. Um instintivo terror impede de mentir, de falar em nome de Deus quando disso não se é digno. Joana, que era uma inspirada e deu sua vida para testemunhar a verdade de suas vozes, não poderia deixar de sentir quão tremenda é esta expressão: "Falo em nome de Deus".

A Igreja, que jamais mutilou as capacidades intelectivas humanas, recorrendo, na interpretação do fenômeno de Joana, à tese da sugestão do histerismo e da neurose, nem sequer no momento da maior cegueira, quando Joana foi condenada à fogueira (grande responsabilidade moral para a Universidade de Paris), a Igreja só teve uma preocupação, que foi a de saber se as correntes provinham do Alto ou do baixo, de Deus ou de Satanás, se eram, pois, de verdade e de bem ou de erro e de mal. Essa é a questão fundamental. E se, num primeiro momento, no processo de condenação de 1431, o sereno julgamento é ofuscado por ódios de facção, por interesses, por invejas, por erros do clero local, que se impõem, enquanto o papado (Eugênio IV) está longe e não informado, talvez na própria impossibilidade de salvar Joana, a Igreja se dispôs à mais completa e explícita reparação no processo de reabilitação, empreendido quase imediatamente, em 1456. Esse processo de revisão, iniciado quatro anos antes por vontade do Pontífice Calixto III, do rei Carlos VII e da mãe de Joana, é encerrado com uma sentença de reabilitação, em que a inspirada já aparece em sua linha de santidade, que a coloca nos elevados níveis da inspiração cristã. Finalmente, a própria Igreja, após a beatificação (1909), proclamou a canonização em 1920 e Pio XI, em 1922, a declarou santa.

No fenômeno inspirativo de Joana D'Arc refulge logo, e sempre mais intensa, esta característica, que considere fundamental para a pureza da revelação — a altitude espiritual da fonte. Não nos admiremos da diferente compreensão daquele tempo. Uma idéia não poderá ser compreendida no seu século se este é surdo às ressonâncias que ela excita. Quando as almas são surdas a esse gênero de vibrações, então a maioria nega, o fenômeno se refreia numa aparência de falsidade, desaparecendo no silêncio para levantar de novo sua voz mais tarde, quando as almas souberem responder. Nem todos os tempos são capazes de compreender. Assim, Joana dormiu quatrocentos anos e depois despertou; foi esquecida pela frivolidade do século XVIII, negada pelo materialismo, mas despertou na religião e desperta na ciência, que já não pode negar. Quando os tempos são surdos à compreensão, o fenômeno sabe esperar a época de sua ressonância, em que finalmente a vagarosa alma coletiva haja sabido atingir sua altitude, condição necessária para o contacto da compreensão.

Esse lado moral de que a ciência prescinde é para mim fundamental nesses fenômenos, porquanto, é ele que define o timbre das vozes e estabelece o seu valor. A elevação moral da fonte encontra-se espelhada toda no sujeito, no gênero de vida que lhe é imposto pela inspiração; projeta-se, desse modo, também em nosso mundo, em atos que são garantia de pureza nouírica, o sinal que nos garante estarmos longe daquelas horríveis comunicações barônticas, de que tenho horror como de um incubo. E a grandeza moral de Joana é triunfante, em todos os momentos Sozinha contra todos, ela impõe à França sua salvação. É humilde e obediente às suas vozes. Jamais coisa alguma solicita para si, mas dá-se em abnegação completa à sua missão e, para não renegar sua verdade, afronta o martírio. As mesmas forças do Alto a mantêm nesse caminho de pureza, mas, apenas realizado o esforço da vitória e dominada a ameaça de um repouso entre glórias humanas, elas se ausentam de Joana, fazendo-a cair numa prisão. A ascensão moral lampeja mais intensamente na última fase da missão de Joana que, logo após a apoteose do triunfo heróico na terra é subitamente lançada à conquista da vitória espiritual no céu. E lei das elevadas correntes o dar sempre ao espírito, tudo negando ao corpo. No nível humano, Joana, combatendo os ingleses, que eram a injustiça e a opressão, combatia pela legalidade, que era, então, a base do poder e a forma que naquele tempo assumia a justiça, e por isso faz consagrar Carlos VII em Reims. Só um rei assim coroado poderia, conforme o conceito da época, governar legitimamente diante de Deus e dos homens. Joana usa e suporta a guerra como um recurso indispensável e um mal inevitável, em face da justiça de seus objetivos. Guerra pela salvação da pátria, pela glória de Cristo, pelo triunfo de um princípio de bem coletivo. Joana não é uma partidária da guerra até o extermínio; embora hábil estrategista, inovadora, rápida, inteligente comandante, não amava a guerra, mas a paz. Guerra justa e oferecimentos de paz — é o seu sistema. Em suma, embora no inferno guerreiro a que teve de descer para o bem de sua pátria, sua posição moral encerra sempre o máximo de altitude que as condições do trabalho imposto permitiam. Elevação que foi de todos os instantes, jamais desmentida, coerente e imutável, elevação que avança até a paixão e o martírio. Há também uma progressão ascensional no caminho espiritual de Joana, assinalada pela intensificação de sua dor. Sofrimento e desapego,



também neste caso, paralelizam com o avanço da perfeição espiritual. Sempre o mesmo processo de purificação, que é sublimação de espírito. É sempre a dor que põe em relevo a intervenção do Alto, proporcionada, em sua intensidade, a altitude da fonte. Superando as quedas da fragilidade humana, a dor é a garantia indiscutível do valor da inspiração, pois o espírito só se aformoseia se é flagelado. A ascensão é o esforço de sua reação, a dor é a força que o desnuda, o purifica e lhe dá brilho como a um diamante.

Demonstrado este ponto da elevação inspirativa de Joana D'Arc da progressão de sua ascensão moral, fenômeno paralelo a uma intensificação de sua dor, depois de haver recordado, também no presente caso, a relação já descrita anteriormente entre sofrimento e progresso espiritual, observemos agora como se comportam as suas vozes, como agem quais forças conscientes. Qual seja a técnica científica de sua descida é outro problema, de que cuidaremos posteriormente.

No caso que estamos examinando, as correntes nouíricas revelam uma consciência do momento histórico; sua intervenção supranormal é justificada por uma necessidade excepcional e impelente; sua ação direta, que guia uma camponesinha, uma criança quase analfabeta, é proporcionada aos eventos, oportuna, vitoriosa. A causa, portanto, é suprema mente inteligente, de uma potência volitiva e compreensiva superior aos homens, inclusive o escol da época, que formam o fundo cinzento e baixo de vileza sobre que se move o destino radioso de Joana.

O momento histórico não poderia ser mais trágico para a França. Existem uma proporção e uma tempestividade entre ele e a obra de Joana, embora o quadro histórico completo de seu tempo ela não o pudesse ver, não só porque ignorante, mas também porque continha ele germens de longínquos desenvolvimentos, para cuja compreensão seria necessário distanciar-se do momento contemporâneo e obter aquela visão de conjunto que somente à distância de séculos se pode possuir. De fato, a missão histórica de Joana não foi compreendida senão muito mais tarde; os contemporâneos, atentos às coisas próximas, em geral vêm pouco ou nada desses destinos de vanguarda.

Naquela época, a civilização européia, que é civilização cristã, ameaçava ruína. Da Itália, da Alemanha, da Espanha nada se podia esperar. A Europa está confundida pelo cisma, por contínuas guerras e os infiéis ameaçam do Oriente. A França, esgotada pela Guerra dos Cem Anos, entre heresias e pilhagens, está material e espiritualmente prostrada. Importava restituir a paz à Europa, fazer cessar a invasão inglesa que, submergindo a França, ameaçava seu destino e sua missão de desenvolvimento da civilização européia. Essas coisas os contemporâneos não poderiam enxergar. As almas, prostradas por longuíssimas e extenuantes lutas, encontravam-se abatidas e a anarquia triunfava. Faltava a centelha que reacendesse a esperança e a coragem. Joana responde à necessidade impelente de arrastar para o Alto a alma coletiva. A História não é feita pelo homem, mas pelas forças imponderáveis que o guiam. E elas intervêm de maneira evidente

quando existe um grande motivo e, no caso que examinamos, urgia salvar uma civilização que, criada pelo Alto, pelo Alto foi sempre guiada e protegida.

Olhemos mais de perto o momento histórico.

Desposada com Carlos VI, Isabel de Baviera, ávida, viciosa e traidora, tanto quanto louco era o rei, lhe impõe o tratado de Troyes que, em 1420, abre as portas da França aos ingleses. O rei é abandonado e Carlos VII, seu filho, vem a ser o Delfim da França em 1416. Basta olhar-lhe o retrato. Por amor à vida tranqüila, faz-se rebocar, como um peso morto, pesadamente, por Joana, pondo a perder o fruto das conquistas da heroína.

Em 1415, Henrique V da Inglaterra pretende o trono da França e se prepara para conquistá-lo, a fim de fazer dele um só reino com a Inglaterra. A alma da França está dividida por rivalidades e discórdias de partidos. Os ingleses avançam. Em 1420, Carlos VI firma o tratado de Troyes, pelo qual a coroa da França passa ao Rei da Inglaterra. Em 1422 Carlos VI morre e Carlos VII torna-se rei, mas não ainda legitimado pela coroação de Reims, que será obra de Joana. Os pequenos senhores estão divididos, inconscientes do momento, ambiciosos, passivos diante do perigo. Quem salvará a França, governada por um rei irresoluto, empobrecido, abandonado? Urgia uma ação guerreira e política, um impulso que mudasse o curso da História. Esse impulso não poderia provir de nenhum recanto da terra.

Joana nascera em 1412. Aos 13 anos, em 1425, ouve as primeiras vozes. Por quase quatro anos, de 1425 a 1429, escuta-as, amadurecendo a própria preparação espiritual. E ao despontar de 1429 a heroína de dezessete anos entra em ação. São quatro rápidas e progressivas etapas: encontro em Vaucouleurs com o capitão Roberto de Baudricourt, encontro em Chinon com o Delfim, libertação da cidade de Orléans dos ingleses, coroação de Carlos VII Rei em Reims. Foi em julho que se deu essa consagração Três anos e meio de incubação do fenômeno, cinco meses e meio para traduzir o pensamento em realidade. O impulso, que não poderia originar-se da terra, desce do Céu. A centelha que faltava à consciência nacional, Joana a encontra no espírito, grande força também nos eventos políticos. Políticas e guerreiras eram as necessidades do momento e essa é a forma que assume a inspiração. A fonte das correntes inspirativas não é apenas moralmente elevada, senão também supremamente inteligente.

A obra de Joana é, assim, aqui sentida como força ativa que intervém e atua na História. As noúres, que eram bondade e justiça, pensamento e consciência, eram também vontade e energia de ação. E o caso de Joana não é único. A História, como todos os fenômenos, tem sua meta e se desenrola segundo um princípio lógico de desenvolvimento. Vejo nesse desenvolver-se de todos os fenômenos, inclusive no histórico, um último termo substancial, que é a força que os movimenta. Existe uma lei de equilíbrio entre os impulsos de todos os fenômenos e todos são imateriais, conexos, obedientes a uma única lei central, que é Deus. Nos momentos de depressão

nas forças diretivas dos acontecimentos humanos, o vazio do inferior, na terra, atrai por equilíbrio uma corrente espiritual do céu e esta desce por vias inspirativas. Os impulsos do mal têm de ser equilibrados com os do bem. Esta é a lei que faz nascerem os heróis, os gênios, os santos, quando urge uma missão redentora. No momento decisivo da crise que ameaça os sagrados valores do espírito, que sintetizam uma civilização, alguma coisa "tem" que nascer. Por isso nasceu Joana.

Cristo, a grande força que havia fundado a civilização cristã, velava, sempre presente, pela sua conservação. Desperta, então, o Destino e sacode as almas adormecidas. Carlos VII, embora rei, substancialmente era um nada; Joana, não obstante ser uma pastorinha, substancialmente era a força que explodia a seu lado.

Na História, entra em ação, nos momentos decisivos, a realidade do valor e não a aparência da posição social. E que diferença de armas e de métodos! Joana caminha rápida, reta e seguramente porque maneja as forças do bem, da justiça e da verdade; o rei e seus cortesãos vão pelas estradas tortuosas da dúvida e da traição, incertos, vazios, desunidos. O espírito e o bem tudo governam e Joana os possuía ambos. Ela era uma chama viva, os outros um archote apagado. Eis o segredo de seu triunfo -

A inteligência do centro inspirativo, neste caso de Joana, não é somente provada pela tempestividade da intervenção, pelo seu proporcionar-se aos acontecimentos da época, mas também pelo desenvolvimento lógico inegável que aquele centro imprime ao destino de Joana. A inspiração tinha uma exata meta, constante, um plano de ação complexo que muda de natureza ao longo de seu desenvolvimento, tem um período de preparação para a formação gradual do instrumento.

Observemos de perto como nasce e se desenvolve a inspiração de Joana, qual motor espiritual de toda a sua missão ativa. Reencontraremos muitos dos conceitos já observados. A forma imposta pelas circunstâncias ao desenvolvimento dessa missão, que é confiada a uma adolescente, não poderia permitir os longos períodos de maturação através da dor, que achamos em outros casos. A distribuição das fases é invertida e o fator dor é todo condensado no final. E isso porque o primeiro escopo, em ordem de tempo, é a salvação da França; o segundo é a purificação espiritual da heroína. A dor atinge, pois, somente a segunda fase do desenvolvimento individual da missão, quando o remate da obra política se deu.

Aos treze anos, no verão de 1425, Joana ouve as vozes no jardim da casa de seu pai. Essas vozes são o "leitmotiv" da vida de Joana, sempre presentes, sobretudo nos momentos mais decisivos. Elas se encontram à retaguarda dos fatos, são o centro motor de toda a sua missão. Dos treze aos dezessete anos, do verão de 1425 ao fim de 1428, isto é, três anos e meio dura o período de preparação do instrumento, três anos e meio para que a inspiração se apoderasse inteiramente

daquela alma. O fenômeno é progressivo. Antes de a luta exteriorizar-se na terra, através de fatos concretos, deve ela completar-se no espírito, tem de ser antes solidamente estabilizado o equilíbrio interior das forças motrizes do fenômeno. Eis como Joana descreve sua primeira percepção das vozes:

**"Losque j'avais 13 ans, j'ai eu une Voix de Dieu pour m'aider à me gouverner; et la première fois, j'eus grand peur. Cette Voix, vint vers midi, en été, dans le jardin de mon père; je n'avais pas jeuné la veille. J'ai entendu cette Voix sur la droite, du côté de l'église, et je l'entends rarement sans voir une clarté. Cette clarté est du côté où la Voix se fait entendre et elle est habituellement très vive".**

(PROC. 1,52)

O primeiro sentimento é de medo e também aqui a primeira advertência da Voz é: **"não temas": "ne crains rien"**. Mais tarde, quando o costume já houber tranquilizado Joana, a Voz se fará mais forte e segura, iniciando seus apelos de comando: **"Va, va, fille de Dieu, va..."** e acrescenta: "a missão vem de Deus": **"De la part de Dieu"**.

As vozes são diversas. A primeira é a de São Miguel, o anjo guerreiro, o santo das batalhas, que guia os exércitos. Chegam-lhe, depois, em auxílio, como que para proporcionar-se melhor, ameigando-se à feminilidade de Joana, outras duas vozes: S. Catarina e S. Margarida. Existem também aí razões de simpatia, de atração e de afinidade de missão.

Esta última santa era representada na capela de Domremy, terra natal de Joana, por uma estátua que ela venerava. A Voz guerreira de S Miguel desaparece depois, nos fossos de Melun, ao término da missão guerreira da heroína, quando seu destino se eleva pelas vias místicas do martírio. Então, somente falam as duas santas do sacrifício e da virgindade.

Joana vê também um resplendor na direção da Voz Ouve, vê, tem até sensações táteis e olfativas: as correntes assumem as mais diversificadas formas de vibrações sensórias, mas, acima de tudo, ela ouve. O ambiente de sintonização está inundado de uma paz idílica, de singela musicalidade campestre, cheia de poesia. Nesse ambiente, as correntes espirituais saturam de suas energias a alma de Joana, o veículo que devia, depois, comunicar a transfusão espiritual à alma da França.

Os bosques deviam ser seu ambiente de sintonização preferido, porquanto durante o processo, imersa em vibrações mais baixas e opacas, Joana despendeu maior esforço para ouvir e numa sessão chegou a dizer: "Se fosse num bosque ouviria minhas Vozes". Joana, naqueles três anos e meio de sua preparação espiritual, como camponesinha que era, vivera no ambiente rural, entre bosques e igrejinhas das aldeias tranqüilas, na mais harmoniosa atmosfera vibratória. Nesse

ambiente, ela assimilava as correntes, intensificando suas qualidades de ressonância, aperfeiçoando sua afinidade com as mesmas correntes até fundir-se e tornar-se, ela própria, o impulso que lhe foi transmitido.

A primeira voz se manifesta no jardim da casa paterna, continuando-se o contacto, prosseguindo a iniciação, não mais com interrupções, mas constantemente, várias vezes por semana, um pouco em toda parte, pelas colinas do Mosa, aonde Joana conduzia a pastar seu rebanho, sob a árvore chamada "das fadas", pelos bosques que cobriam a região, junto das fontes, entre o canto dos pássaros e o perfume das flores, ao som dos sinos que Joana muito amava e que verdadeiramente, especialmente se grandes, são dotados de uma extraordinária potência de harmonização vibratória. Eram estas as doces vibrações que as correntes espirituais seguiam como vias de descida, como fundo de ressonância, constituindo o harmonioso motivo de matéria sobre que se apoiava a sinfonia divina. O concerto devia ser perfeito, sem dissonâncias, até seus ecos longínquos no mundo físico.

Assim descia a noúre ao espírito de Joana, através da voz interior das coisas boas e doces que se lhe inclinavam em torno em coroa, oferecendo-se como canais de sintonia. Assim se escondem na humildade as grandes coisas.

O ambiente das Vozes é, pois, quase sempre nos campos e em lugares distantes e solitários, onde Joana gostava de refugiar-se. E a campina de Domremy, onde vivia Joana, é ainda hoje verdadeiramente sugestiva pela sua tranquilidade e silêncio.

As Vozes, entretanto, falam também na igreja, outro ambiente místico excelente, isto é, na igreja de Domremy e no vizinho santuário de Nossa Senhora de Bermont. Na primeira havia a estátua de S. Margarida e diante dela Joana orava. O santuário de Bermont, isolado em silêncios, entre árvores, era o ambiente afastado ideal de suas inspirações. A solidão daqueles silêncios era necessária a Joana, a fim de ouvir melhor e ela a buscava para sua preparação. Ocupada em seu profundo trabalho interior, sua alma tinha necessidade de paz no exterior. Nesse ambiente, a camponesinha da Lorena teria feito sua promessa solene, aceitando sua missão e comprometendo-se com o Céu a segui-la até o fim. A História não assiste a essa íntima cena, em que a alma de Joana deveria haver falado e talvez também lutado longamente com suas Vozes. Certamente Elas estavam presentes como estiveram no Sinai, em Patmos, em S. Damião. Existe na capela de Bermont um Cristo dorido e amargurado a Cujos pés a juvenzinha deve ter pronunciado o seu sim, um voto solene recolhido pelo Cristo moribundo e do qual não mais poderia afastar-se. Aquele voto era também de dor e de paixão.

A Lei de Deus desce e se humilha perante o consentimento da alma, porque, respeitando a liberdade desta, respeita a si própria. Somente agora Joana, desenvolvida antes de tudo interiormente, poderia lançar-se pelos caminhos do mundo. O doce período das efusões

espirituais está terminado. Iniciar-se-á agora a grande batalha da conquista e do martírio.

Disse **lutando** (com suas Vozes). Sim, porque Joana não aceita passivamente, mas discute e freqüentemente resiste às suas Vozes. Ela lhes opõe os raciocínios do seu bom senso, que calcula as dificuldades tanto quanto as próprias forças. As Vozes eram sempre distintas do seu eu, com o qual às vezes colide, sem se confundirem jamais. Dá-se um encontro entre sua vontade humana e a vontade superior, uma como progressiva tomada desta sobre aquela; mas, não existe qualquer violência, que anule vontade e liberdade. Se Joana obedece, é porque anteriormente discutiu, compreendeu, convenceu-se. Forma-se um pacto entre dois seres livres, conscientes e conscientes. As forças do céu e da terra são distintas, encontram-se e lentamente se fundem numa força única. Para isso, foi necessário um longo período de incubação, muito mais longo que o da conquista guerreira e do martírio; um período de preparação invisível, antes que o fenômeno pudesse explodir em sua maturidade; um processo de progressivo desenvolvimento antes de ele atingir sua plenitude.

Se as duas vontades se põem de acordo, permanecem, todavia, distintas, como distintos são os trabalhos a realizar. A vontade mais alta e mais sábia permanece na direção e guia; a outra a segue. No caso de Joana, as Vozes não revelam todo o plano, mas, embora demonstrando conhecê-lo completamente, só lhe comunicam, nos momentos oportunos, a parte dele que interessa à sua execução. O inspirado é, pois, sempre guiado pela mão, como uma criança. A missão é revelada aos poucos e a comunicação se limita ao mínimo necessário. Parece quase que as Vozes amam esconder no silêncio o que a alma não teria força para aceitar, guiando-a, docemente, com o menor dispêndio possível de energias.

Observemos como as Vozes se comportam na vida de Joana. Concluída a tarefa de preparação, Joana é lançada pelas Vozes em sua missão e parte no momento justo. Ela não sabe outra coisa senão isso: "Va, va, filie de Dieu, va. . .". As Vozes, porém, sabem e precisam, imediatamente, quatro objetivos: Vaucouleurs, Chinon, Orléans e Reims, conexos entre si por uma proporção e lógica de desenvolvimento que ascende a uma única meta. Quando as Vozes não têm de ser precisas não o são. Há um acordo entre a sabedoria do céu e as exigências dos acontecimentos.

Elas sabem que Orléans é a chave de toda a posição e que, perdida esta, desabaria a missão, que é de salvar a França do domínio inglês. Orléans está sitiada desde outubro de 1428. Ao iniciar-se 1429, Joana já se acha em movimento. Reims é o objetivo político que não se pode atingir senão numa segunda fase. Primeiro, a vitória que permita a legitimação e depois a legitimação que confirme a vitória.

A marcha heróica se desenvolve com uma segurança de guia que os grandes chefes daquela época não possuíam. Tudo é predito. Joana, no caos, segue reta como uma flecha. "**Mau grado os inimigos, o Delfim se tornará Rei e sou eu quem o conduzirá à consagração.**" (Proc.

II, 450). Assim afirmou a pequena pastora. Como podia uma tão humilde criatura afirmar isso sem ser louca e se era louca como acertar com tamanha precisão?

Em março Joana está em Chinon e reconhece o Delfim entre a multidão dos cortesãos... **"par le conseil de ma voix, qui me le révélait"**. (Proc. I, 56) **"Quand j'ai vu le Roi pour la première fois il y avait là plus de 300 chevaliers et de 50 torches sans compter la lumière celeste. E j'ai rarement des revelations sans qu'il y ait de lumière"**. (Proc. I, 75). **"Je l'entends rarement sans voir une clarté..."** — já havia dito Joana a respeito de sua primeira aparição. Ao falar com o Delfim, ela lê no íntimo de seu espírito, atingindo suas secretas dúvidas, isto é, se ele era filho legítimo de Carlos VI e Isabel. E Joana lhe diz que justamente por sê-lo ela o fará consagrar em Reims.

Um outro sinal se acrescenta: o miraculoso encontro da espada enterrada de S. Catarina, coisa que Joana não podia saber e que lhe foi indicada pelas Vozes44a. (44 a) Em Orléans, a inspiração sustenta a estratégia e a técnica militar com uma capacidade que Joana não podia possuir e que superava a dos chefes de seu tempo. Em poucos dias uma camponesa de 17 anos consegue o que não o puderam fazer, em vários meses, os homens aguerridos da época. Orléans é libertada. As Vozes tiveram uma confirmação exata. Joana, porém, sabia que era preciso tudo realizar rapidamente e tem pressa de concluir sua missão guerreira. Importava consagrar no rei a vitória conseguida, completá-la num plano de direito. E avança contra Reims. Na tarde de 16 de julho, Carlos VII entra na cidade, como as Vozes haviam predito. Imediatamente, no dia seguinte, um domingo, é realizada a coroação

"Gentil Rei" — diz-lhe Joana — "acaba de realizar-se a vontade de Deus, que queria se levantasse o sítio de Orléans ~ vos conduzisse a esta sagrada cidade de Reims para receber a Santa Consagração, mostrando, desse modo, que sois o verdadeiro Rei a quem o reino da França deve pertencer". (Proc. IV, 186).

A França estava salva. As Vozes, que haviam atingido seu primeiro objetivo, já não têm por algum tempo, a precisão e a potência de Domremy. De fato, com que proveito, se seu objetivo é outro? A Pucela havia despertado a alma nacional. O desforço francês por ela preparado avançará e libertará sua pátria. Todas as suas profecias se cumprirão. O ânimo de Carlos VII ressurgirá e quatro lustros mais tarde a França será livre. Era suficiente aquela centelha. As forças haviam limitado sua intervenção ao mínimo indispensável.

Depois de Reims, é outro o objetivo das Vozes e para essa nova meta se dirigem e com ele se harmonizam. As Vozes permanecem em seu método de dizer, guiar, encorajar e promover acontecimentos, parceladamente. Aí começa um novo destino de Joana, mas Elas não lho revelam; só falarão claramente na Páscoa de 1430 em Melun. O seu destino sobe, lenta e inadvertidamente, dos triunfos humanos aos triunfos divinos; já não se trata da salvação da

França, mas da sublimação da alma de Joana através da dor. E sua paixão começa. É uma vitória maior, que deve consolidar a primeira e fazer de Joana uma santa. Progressão ascensional do fenômeno, que o conduz a um limite imensamente mais elevado, em que o sofrimento, como já vimos, é o fator fundamental. Para Joana era necessário consolidar e consagrar sua idéia no martírio, que continha algo de maior que a salvação da França e que, no testemunho da morte, devia estender-se ao mundo inteiro. Para que Joana, entretanto, pudesse realizar sua ascensão era indispensável, para ela, a falência de seu triunfo humano, importava que sua grandeza terrena naufragasse na traição e no abandono, por parte dos ingratos em favor de quem ela havia lutado. Não devia ser ela quem colhesse, para si, glórias terrestres. Sua glória devia ser seu puríssimo sacrifício pela França. Recompensas e gozos humanos teriam dissipado completamente essa sutil fragrância do espírito.

Uma vez mais, vemos, no fundo de todas as missões, Cristo a resplandecer, Cristo que atrai a si, na renúncia e no martírio, as almas eleitas. Há, pois, um desenvolvimento lógico no íntimo progredir do fenômeno: o primeiro cuidado das forças superiores foi, assim, despojar a Pucela de todos os triunfos humanos, que naturalmente estavam para envolvê-la, ameaçando seu triunfo maior. Importava avançar ainda mais. As Vozes, porém, guiam com delicadeza, sem esmagar o espírito com uma perspectiva imediata, demasiadamente vasta, que o desorienta, que excita revolta ou temor. Elas o encaminham para a inevitável estrada, conservando-se sempre presentes, embora às vezes pareçam ausentes, mas apenas usam a inteligente estratégia do silêncio.

Na vida eterna de Joana era chegada a hora da grande vitória e importava afrontá-la com uma grande prova, porque é esta a lei das almas maduras. Até o fim as Vozes usam a piedade do mistério, fazem-na entrever a libertação, entendida, porém, num sentido espiritual, não lhe revelando que horrível morte a esperava, justamente a que ela mais temia. Falam-lhe, mas suavizam os caminhos da dor. O Alto, diferentemente dos planos inferiores, conhece essa piedade e se não pode evitar o sofrimento é porque este é parte essencial e integrante da ascensão que o mesmo Alto deseja, por ser o caminho da felicidade. Quantas coisas sutis e profundas nos ensina esse ponderado avançar das Vozes pelos caminhos do Senhor!

Somente quando a alma adquiriu a força de olhar, face a face, o martírio, é que as Vozes falam mais claramente. Quando Joana foi capaz de compreender o verdadeiro sentido da sua libertação, só então as Vozes lhe disseram: "**Encara tudo isso com bom ânimo. Não te preocupes com teu martírio. Entrarás, finalmente, no reino do Paraíso**". E isso porque o significado profundo do fenômeno que estamos estudando se acha na evolução do espírito, no trabalho de sua potencialização, que lhe permita, como vimos nas "Florinhas" de Frei Francisco, levantar vôo para superiores planos de vida.

Vejamos, porém, mais de perto os acontecimentos. Depois de Reims, a estratégia de



Joana é deixada aos seus recursos humanos. Ela havia trabalhado no baixo mundo humano e é lei que esse mundo devesse reagir: ela havia triunfado demais e não poderia deixar de excitar ciúme e inveja de muita gente. A grandeza a isolava. Os níveis de consciência humana comuns são baixos e os homens não sabem aliar-se senão por interesse, raramente por um ideal. É natural que o conhecimento limitado de Joana, não mais sustentado pelas forças superiores, tivesse logo de despedaçar-se de encontro às astúcias de gente dada a todas as insídias e ela cai vítima da traição. Os homens eram cegos: só enxergavam o interesse mesquinho, por ser próximo e individual. Somente as potências do Alto haviam demonstrado uma superior consciência do momento histórico, dominando no espaço e no tempo. Os homens inferiores são, porém, os mais tenazes e armados de vontade, de astúcia, de mentiras. O plano lógico de Joana era de avançar logo sobre Paris e aí concluir a paz, como vencedora. Carlos VII, por quem ela lutava, pessoalmente lhe frustra os planos, preferindo um armistício com Paris e uma paz acomodatória. Todo o impulso moral dado à França por Joana é quebrado: ela é traída pelo seu próprio rei. No momento da ação decisiva, que deveria recolher todos os esforços anteriores, o rei vadia e espera. Em setembro, Joana ataca Paris. Aí se dá a primeira traição. Vários comandantes, não desejando a vitória da empresa, retiram-se da luta. No dia seguinte anuncia-se que a expressa vontade do rei se abandone a ofensiva.

E a traição continua. A primeira derrota ofusca a auréola da heroína. O povo quer o triunfo, a esmagante persuasão do fato concreto, que tudo justifica, o delito ou o milagre. Em face da derrota a santa é transformada em feiticeira. Joana permanece cada vez mais sozinha, contra todos. O rei não quer senão mandriar; não cuida de Joana; sonha a paz. Naqueles tempos, ninguém desconfiava das demolidoras hipóteses do materialismo. Hoje, Joana estaria entre os loucos. Mas, naquela época só poderia ser ou feiticeira ou santa. Para os franceses, enquanto lhe foi útil com suas vitórias, era naturalmente uma santa. Para os ingleses, por ser inimiga de seus interesses, era uma bruxa, tese que lhes foi querida e que farão triunfar. As nações, como os homens, acreditam que Deus esteja sempre de seu lado, que imaginam ser sempre o lado do direito e da justiça. O pior foi que, por inveja, os franceses, desde a primeira derrota, começaram a considerá-la feiticeira, apertando em torno dela um círculo total e fatal que finalmente a estrangulará. Entretanto, se os séculos se recordam daquele tempo e de todas aquelas personagens insignificantes, é somente em virtude da heroína perseguida que eles quiseram esmagar. Somente a dor, nunca a astúcia ou a força, cria as coisas eternas.

A hora, porém, da maior traição se precipita. O destino tomou resolutamente um novo caminho e as Vozes voltam a falar. Até então se haviam calado. Em face da derrota de Paris, silêncio. "**Quando caminhava para Paris, não tive revelações de minhas Vozes**" (Proc. 1, 146), diz Joana: "**não foi nem a favor nem contra a ordem de minhas Vozes**" (Proc. 1, 169). As Vozes deixaram, pois, que seu destino de mártir se cumprisse, que a traição, que o condicionava, prosseguisse. Assim também Cristo deixou Judas por ocasião da Ceia. Existe, desse modo, um senso de fatalidade no destino, que, uma vez fixado em suas causas, não mais se pode

interromper.

As Vozes encontram de novo a potência de Domremy, numa nova curva decisiva. "Na semana da Páscoa, quando me encontrava nos fossos de Melun, foi-me anunciado pelas Vozes, isto é, por Santa Catarina e Santa Margarida, que eu cairia prisioneira antes da festa de São João e que assim deveria suceder; que eu não me surpreendesse, mas recebesse tudo de bom ânimo, porque Deus me ajudaria". (Proc. 1, 115-116). Estávamos em abril de 1430. São um fato verificado esses períodos de silêncio: parece que a Voz se ausenta e se extingue, todavia, no momento oportuno, ela ressurge, vibrante; compreende-se, então, que ela esteve sempre presente, guiando tudo sem que se revelasse. Silêncios necessários, que fazem parte do plano diretivo, da estratégia dos repousos e dos retornos em que amadurecem os impulsos mais elevados. Joana, pois, deveria cair prisioneira: esta, a vontade de Deus. Requer-se uma nova aceitação, mas, ao mesmo tempo, se encoraja e se promete um divino auxílio que, depois de Orléans, vai operar o segundo milagre da inabalável firmeza de Joana até à fogueira.

De fato, Joana foi feita prisioneira em Compiègne, por uma nova traição. Entra na cidade sitiada, sem de nada suspeitar, mas, ao fazer uma incursão pelas suas proximidades (o inimigo talvez estivesse mancomunado com os próprios chefes da cidade), os ingleses lhe cortam a retirada. Nesse ínterim, Compiègne levanta as pontes e fecha as portas. Joana teve de render-se e foi aprisionada, em virtude da traição dos próprios franceses. Diz-se que a traição foi regamente compensada.

Prisioneira! Assim, de mãos a mãos, ela passa aos ingleses, aos quais é vendida, e que pagam alto preço pela rica presa. Os acontecimentos se aceleram. Joana arrasta sua paixão, de cárcere em cárcere, até que se inicia seu processo. Nas mãos dos ingleses, Joana deveria ser considerada uma feiticeira — esta a conclusão preposta a todo processo, porque deveria este servir ao interesse de anular a consagração de Reims, reduzida, desse modo, a um sacrilégio, destruindo com isso a autoridade conferida a Carlos VII por esse novo juízo de Deus. Na incerteza das vicissitudes humanas o povo havia percebido essa milagrosa intervenção divina, que era garantia da legitimidade real. Entretanto, os trezentos homens do processo, tão aguerridos em sabedoria, não compreendiam esta verdade elementar — que todas as suas astúcias e violências, se podiam aniquilar Joana, o rei e a França, não tinham poder de violentar Deus, tampouco aqueles que por Ele eram protegidos, isto é, ligados ao círculo das forças superiores da Divindade. Os juizes, ao buscarem o ponto de contacto entre Joana e Satanás assinalaram, ao contrário, o ponto de contacto entre a Santa e Deus. Contra ela foram utilizadas as palavras de São Paulo. Sua perseverança foi considerada pecado de orgulho. Melhor não se poderia mentir. Não obstante tanta dialética, tanta pompa de encenação judiciária, tanta fúria de força e astúcia, não puderam cancelar uma sílaba da simples e sublime verdade de Joana Para destruir o que representava a salvação da França os juizes procuraram aniquilar a heroína e a santa, pondo em seu lugar a figura de uma feiticeira. Importava inverter a situação e substituir Deus por Satanás. Pobres

míopes que não viam que essa inversão de valores era justamente o pedestal da grandeza da santa, porque era a condição de seu martírio! Eles eram a força ignara que o Alto utilizava para a vitória de Joana!

Na Idade Média era fácil a acusação de feitiçaria. A atmosfera parecia estar saturada da idéia do demônio e, verdadeiramente, com todas aquelas mortes violentas e cruéis, com tantos ódios e vinganças, ela devia estar espiritualmente irrespirável, profundamente impregnada de emanações barônticas.

Joana está sozinha, oprimida, privada até do conforto da religião; sozinha, diante dos insultos dos carcereiros e dos ataques à sua pureza; sozinha, diante de uma terrível assembléia de juizes inteligentes e de má-fé, que tentavam, por todos os meios, arrancar-lhe a renegação de suas Vozes, para terem, assim, o meio legal de condená-la e a forma da justiça fosse salva. Eles criam que aquela ilusão da forma pudesse bastar para sustentar um fato que era mentira e hipocrisia. As forças reais da vida, porém, depois se levantam e impõem a reabilitação. Quando se compreenderão essas leis?

No caso presente estamos vendo, no entanto, a que extremo de injustiça pode chegar a justiça humana

As Vozes, porém, falavam com Joana e ela respondia a todos, simples e sublime. Esta é a grande força sem armas, a força do justo e do verdadeiro. Quando são iniciados certos caminhos, não mais se pode retroceder. Dois dramas se desenrolam nesta última fase: o drama exterior — que é o do processo em que a autoridade cega, cheia de idéias preconcebidas, de má-fé, se precipita de erro em erro, até bater a cabeça na fogueira, diante da qual um dos juizes ingleses gritará: "Nós nos enganamos! Queimamos uma santa!" O bispo Cauchon, juiz no processo e a quem Joana havia admoestado mais de uma vez, chorará. Ao lado de tudo isso se desenrola o drama interior de Joana, que resplandece sobre o fundo cinzento de tantas baixezas. Neste drama se agiganta a grandeza do céu e Joana, destruída, fulgura, repleta da potência do infinito. Está sozinha, mas suas Vozes estão com ela. Isso lhe basta. A unificação se completou em Vermont e não mais poderá romper-se, nem sequer na hora do Getsêmani e do Gólgota. São liames que não se desatam no tempo e permanecem além da morte.

As Vozes são piedosas: amparam, não amedrontam. Prometeram a libertação e não mentiram, porquanto se referiam à libertação maior. Não tiravam de Joana a esperança de uma libertação humana, para não a afligirem antes do tempo, para oferecer-lhe uma oportunidade de compreender seu novo esforço e amadurecer, gradativamente, para a grande idéia do martírio. Busca a fuga, espera a salvação material e essa interpretação lhe é deixada como uma doce piedade que mitigue sua paixão. Muitas vezes é benéfica a ignorância das disposições do destino; certas ilusões da alma são freqüentemente necessárias para que ela afronte situações que a amedrontariam. As Vozes a encorajam a resistir até à libertação. Só mais tarde haveria de

compreender. "Ne crains rien" — Elas haviam dito desde o princípio.

Era necessária a prova suprema para dar ao mundo o testemunho da origem divina das Vozes. O destino de Joana não tinha de atingir somente o alvo de salvar a França, de santificar sua alma, mas, também, de afirmar ao mundo a verdade do espírito. Joana deu a vida por essa afirmação. Jamais renegou suas Vozes e sempre repetiu seu moto: "**De la part de Dieu**": venho da parte de Deus. E repete no final: "Se eu dissesse que Deus não me enviou, eu me condenaria. Verdadeiramente, Deus me mandou". Somente na jornada do cemitério de Saint Ouen tem um momento de fraqueza humana. Seu cansaço cedeu em face a tantas pressões e astúcias, talvez tivesse sido enganada com substituições de textos ou talvez se houvesse enganado pensando que aquela fosse a esperada libertação. Vacilou um momento, vencida pela vontade tenaz de seus juizes, que, no entanto, não passava de uma força que desejava sua retratação para condená-la de qualquer modo. São bem humanos esses desânimos que obscurecem o senso de responsabilidade. Joana, porém, apenas readquire alguma força, teme, em face de suas Vozes, por havê-las desmentido, embora por um momento; e imediatamente recobrou ânimo. E seu último grito, o maior lançado ao mundo, entre as chamas da fogueira de Ruão, foi: "**Minhas Vozes vinham de Deus**".

Testemunho solene, feito em face da morte, quando não se pode mentir; relâmpago de verdade eterna, descida como sempre de uma cruz, verdade provada com o martírio.

Que diz a ciência dessa espécie de provas? Na apoteose do sacrifício, Joana reafirma, dando por isso a própria vida, as supremas verdades do espírito, testemunhando que elas existem e se atingem através da dor.

No momento supremo a Pucela de Orléans encontra o ponto de contacto que a une a Cristo; novamente penetra e se fixa, como força palpitante de vida, no plano divino da Sua redenção. E Cristo é seu derradeiro grito, que é de vitória.

Jamais na História, como neste caso, as forças do espírito descenderam tão perto da terra e numa luta corpo a corpo tão resolutamente se impuseram aos acontecimentos humanos; jamais o contraste foi tão vivo, a intervenção tão evidente, nem os acontecimentos foram tão intensamente violentados pelos impulsos do imponderável. Os dois mundos se defrontaram e olharam face a face, desafiando-se. E o espírito venceu.

## *TÉCNICA DAS NOÚRES*

Quando do estudo do meu pequeno caso nos elevamos à interpretação dos gigantescos casos da inspiração, devíamos ter percebido que a ciência com suas concepções é muitíssimo pequena para contê-los, pois eles envolvem algo de sobre-humano, indispensável para sua compreensão, e fatores transcendentais que a ciência ignora. Existem no fenômeno elementos substanciais e determinantes que encontramos em todos os casos, que representam, portanto, suas características fundamentais, elementos não menos reais por serem imponderáveis, embora a ciência moderna, por suas premissas e orientações, se houvesse tornado incompetente para apreciá-lo.

Para trazer o fenômeno aos termos da psicologia científica moderna, impõe-se uma redução, quase uma mutilação do próprio fenômeno, em seu aspecto técnico e mecânico, qual é o da psicologia. É este lado particular, técnico e científico, do problema que vamos aprofundar neste capítulo. Buscaremos, simultaneamente, elevar a ciência, infantil neste campo, até à compreensão destes fenômenos e das forças imponderáveis que os governam.

Temo-nos movido, até agora, num campo supercientífico, num mundo de sonhos, de emoções e de esperanças, o mundo do espírito. Para quem o sente, tudo isso já é por si mesmo supremamente persuasivo. Agora vou mudar a engrenagem do meu pensamento e falar a quem não sente, a quem, para convencer-se, tem necessidade de tocar, medir, experimentar. Importa, porém, considerar aqueles fatores espirituais, embora exista quem os negue por não os possuir na própria consciência, porquanto constituem fatores integrantes do fenômeno, fundamentais na definição de seu desenvolvimento. De resto, já afirmei que eles são produto de estados evolutivos que se elevaram além da mediania. É óbvio, pois, que somente através de uma descensão eles se possam reduzir aos limites da psicologia normal da realidade sensória.

Assim, pois, ao falarmos sobre vibrações e ondas, recordemos que apenas tocamos a fase perceptiva humana do fenômeno, a última e mais baixa zona da transmissão nouírica, seu termo inferior e seu momento final de chegada, que é o mais compreensível por ser o mais próximo da fase sensória que chega ao contacto humano. A fase mais elevada é uma emanção abstrata, supersensória e superconceptual, que se verifica numa outra dimensão de consciência e num outro plano de evolução, fase que a ciência e a própria psique humana normal não podem perceber e conceber por falta de meios, a não ser que haja uma redução dimensional, que é justamente o que a recepção inspirativa opera nas correntes nouíricas.

Quando, na fonte, nos encontramos num nível evolutivo supertemporal e superespacial, é absurdo pretender compreendê-lo inteiramente nos termos de uma pura questão técnica. No seu estado de emissão, a nouíre não é ainda pensamento, qual normalmente o concebemos. Para

falar nos termos da psique normal, eu mesmo tenho de operar uma redução da emanção originária e de minha percepção dela à dimensão pensamento, que é um estado vibratório muito mais denso; operarei um regresso involutivo ao mundo mais concreto das oscilações da matéria, vestindo a irradiação primitiva de um invólucro físico que lhe permita estimular a reação sensível da psique imersa nos centros cerebrais. Recordemos, pois que este estudo do fenômeno no seu menor aspecto técnico não o abrange senão no plano humano de chegada e não no sobre-humano, de partida. Neste estudo, a fim de atingir a solução desses inexplorados problemas, para a qual não encontro no conhecimento humano elementos guias, servir-me-ei, quando não me bastarem cultura e razão, do método intuitivo e da pesquisa por captação de correntes noúricas. Neste momento, sinto que apenas possuo uma idéia vaga e inicial do assunto, mas sei que, ao escrever, irei tendo resposta a cada interrogação.

Ao estudar o fenômeno, em seus casos grandes e pequenos, já delinee uma sua interpretação sumária; nas características, que vimos retornarem com uma constância que tem um significado, traçamos uma linha fundamental de sua figura. Entre essas características, vimos estar em primeiro lugar a progressividade, pela qual defini o fenômeno inspirativo como um caso normal de sensibilização por evolução biológica continuada nos superiores estádios de evolução psíquica e ascensão espiritual. O caso, como evolução, é normal; como posição, em face da relativa da mediania, é supranormal. Trata-se de um processo evolutivo de desmaterialização do ser em planos superbiológicos, de um processo de purificação psíquica e orgânica, cujos fatores são dor, renúncia, regime de purificação passional e dietética. A esse respeito já falei nos capítulos: "O Fenômeno e "O Sujeito".

Encontramos esses elementos na história dos grandes inspirados. Suprimindo-se esses fatores determinantes, naturalmente o fenômeno se detém ou retrocede. Estes conceitos, embora vão ter a um campo supercientífico, possuem bases científicas, pois representam a continuação da evolução biológica darwiniana, evolução orgânica que, se deve continuar, como a lógica impõe, já não pode ser senão psíquica e espiritual.

É necessário que a ciência materialista, se quer continuar seu progresso, compreenda justamente este problema da desmaterialização do organismo humano, obtida lentamente por progressiva atrofia de funções orgânicas e hipertrofia de funções psíquicas. Refiro-me a posições relativas ao momento evolutivo atual. Também isso é lógico e sobre o assunto já falei. Esses princípios gerais, como sempre sucede na natureza, passam por adaptações no caso particular, que é sempre o de um tipo especializado, e permanecem verdadeiros, embora não apareçam no breve âmbito de uma vida.

Falei em progressividade de sensibilização. E que é a evolução senão um processo de sensibilização contínua? Num primeiro plano temos o mineral, que também sabe modelar-se, sentindo a resistência do ambiente nas formações cristalinas, depois a planta, com uma sensibilidade que abrange a vida vegetativa; em seguida, o animal, que vê e ouve e em que se delinea o mundo sensório; logo após, o homem, que da síntese sensória se eleva a uma interpretação racional da vida; depois, o super-homem que, com a capacidade da intuição, supera os limites da razão e sente diretamente o universo. E poderíamos continuar com os seres incorpóreos chamados anjos, através de toda a hierarquia de sua elevação.

O mineral se orienta, a planta sente, o animal percebe, o homem raciocina, o super-homem conhece por intuição eis a evolução da sensibilidade.

Se com a civilização diminui a ferocidade é porque aumenta a sensibilidade, à qual é ela inversamente proporcional. Como se cultivam as plantas, cultivam-se os espíritos e se domesticam os animais. E a planta cultivada perde os espinhos; o animal domesticado, os instintos ferozes; os homens civilizados se enobrecem nos pensamentos e nos atos. É um idêntico e universal processo de sensibilização esse, que absorve a ferocidade. Por isso, a sensibilidade dolorífica dos animais e dos selvagens é muito menor que a do homem civilizado. A reação investe sempre mais os estratos profundos. Os limites do universo são dados unicamente pela capacidade perceptiva e se dilatam à medida que essa capacidade aumenta

Notamos também uma outra característica do fenômeno inspirativo, comum a certos inspirados, isto é, a crise espiritual em que o fenômeno explode, após uma longa e invisível maturação. Essa explosão se liga a profundas deslocções nos equilíbrios evolutivos e a novas estabilizações em planos mais elevados. Vimos, depois, o problema das melhores condições de ambiente e a importância deste para a pureza da recepção. Existe sempre, para todos os inspirativos, uma necessidade de solidão, que funciona como isolante. E também de oração, que é elevação de espírito, que põe a psique em estado de receptividade, o que significa corrente elétrica negativa, necessária para fechar o circuito com a corrente das noures, que é positiva e ativa. A prece pode ser também um desejo, que auxilia a elevação da tensão nervosa necessária para atingir os planos superiores de consciência, mais sutis, porém, mais potentes, e que representam, portanto, em face das correntes nervosas no estado normal, correntes de alto potencial. Tudo que eleva o potencial nervoso facilita a recepção nouírica, porquanto dinamiza; e na evolução, a desmaterialização é proporcionalmente compensada por esta sua inversão dinâmica. A percepção nouírica, de fato, dá uma sensação de alegria e de potência ao espírito, verificando-se em organismos purificados da animalidade e representando, em si mesma, um raio de ação e sensibilização muito mais vasto que o normal.

Descrevi minhas progressivas posições até alcançar a sintonização com a emanção nouírica, processo de adormecimento da consciência a um potencial normal e de ativação da consciência a um alto potencial, que momentaneamente neutraliza e reabsorve o funcionamento da outra. Começam a delinear-se aqui o significado e o porquê das condições do fenômeno.

Nesta primeira parte do capítulo, procurei eliminar os aspectos mais espirituais e menos técnicos da questão, a fim de sondar o fenômeno até seu aspecto mais simples e esquemático, mais facilmente analisável, portanto. Das outras características, sumariamente indicadas nos primeiros capítulos, como captação consciente e ativa das noures, individualidade ou natureza de sua fonte, minha capacidade de oscilação entre consciência e superconsciência, sintonização por afinidade entre centro transmissor e meu centro psíquico registrador, etc., falaremos no estudo técnico que se segue, que não poderia ser feito na primeira parte, preponderantemente descritiva,

mas só agora, que já expus e fixei os elementos de fato.

São dois momentos, estes, que tinham de ser bem distintos: primeiro, a descrição e depois, a interpretação dos fatos; observação exterior de conjunto, a princípio e penetração do significado, no final. Compreender-se-á, então, a necessidade de um ambiente bem sintonizado, como o dos bosques e montanhas, dum templo ou do próprio gabinete saturado de emanções nouíricas; a necessidade de estados de ânimo de paz e do afastamento de interferências de vibrações psíquicas baixas, que perturbam a pureza da regisração; compreender-se-á a necessidade da purificação orgânica e psíquica, processo evolutivo que leva à afinidade com a fonte, possibilitando, portanto, a sintonização, com ela, do instrumento de ressonância, que é toda a personalidade do médium; compreender-se-á o paralelismo que existe entre ascensão espiritual e sensibilização receptiva. Compreender-se-á como o instrumento, como tem acontecido com alguns místicos, possa a princípio interpretar mal, se ainda não se encontra bem maduro; compreender-se-á, no meu caso, a transformação progressiva da minha mediunidade, de passiva e inconsciente, a princípio, a uma forma sempre mais ativa e consciente, em seguida. Compreender-se-á, finalmente, como todos esses fenômenos nouíricos, não obstante a diferenciação individual que os separa, encontram sua unidade na grande corrente central que se chama DEUS.

Aprofundemos, pois, o aspecto técnico do fenômeno, focalizando novamente nossa atenção. Qualquer fonte de emanção irradia em torno de si um impulso que se transmite. Chamemos essa fonte de centro transmissor. Verifica-se por lei geral, em todos os planos de evolução, inclusive os superpsíquico e, portanto, superespaciais, este fenômeno de expansão cinética, que é um princípio de unidade e amor que coliga em suas partes e elementos todo o universo. Faltam-me palavras superespaciais, supertemporais e superconceptuais que me permitam exprimir-me; mas, evito qualquer referência às dimensões espaço e tempo, que no centro transmissor não existem mais. Para entender também este aspecto técnico importa haver compreendido o universo, escalonado como é em suas fases evolutivas, que significam planos ou níveis de existência, de sensibilidade, de concepção. As fases mais concebíveis e mais próximas de nosso universo são matéria, energia e espírito: o universo físico evolue para universo dinâmico, que evolue para universo psíquico; mais além, evoluciona para planos superpsíquicos que, atual e normalmente, constituem para o homem um inconcebível. É preciso haver compreendido e ter presente a teoria da evolução das dimensões, como é desenvolvida em "*A Grande Síntese*"<sup>45</sup>, pois, a passagem, por evolução, de um plano a outro, provoca mudança de sua dimensão ou unidade de medida. Voltando ao conceito inicial: aquele princípio de irradiação lança, nas várias dimensões de evolução, emanções que, ao encontrarem um centro sensível, podem ser registradas. Veremos, depois, se se trata de recepção passiva ou de captação ativa. Este segundo centro é o instrumento receptor.

Estão, assim, determinados os dois termos do fenômeno, que é essencialmente um fenômeno de transmissão e recepção, que tem sua correspondência no plano inferior do universo



dinâmico, na transmissão acústica e, num nível relativamente mais elevado, na transmissão radiofônica por meio das ondas hertzianas, forma de energia mais evolvida das ondas acústicas.

Trata-se sempre de oscilações no centro transmissor, comunicadas por vibrações do meio (ar ou éter) ao receptor (ouvido ou aparelho radiofônico). As variações ou modulações do impulso originário são repetidas exatamente pelo órgão de chegada, pois os dois centros distantes são aproximados pelo meio, que os torna realmente comunicantes e fundidos numa união de movimento. O símile acústico ou radiofônico não prejudica a espiritual imaterialidade do transmissor, porquanto, efetivamente, o universo, nos seus vários planos, responde a um princípio único que, embora no Alto seja um inconcebível, se reflete em nosso universo físico, se bem que tornado rude pelo seu revestimento mais denso. No Alto, apesar de nos movermos em dimensões superespaciais, permanece, ainda quando destilado como pura emanção cinética, o princípio que, nos planos inferiores, é transmissão espacial por ondas esféricas. A analogia implica uma redução de potência e de pureza, mas é exata, considerando-se que a vibração ondulatória é a forma de chegada (pensamento) e não a forma noúre, de partida. Por isso, apenas chamamos **emanção**, a fim de exprimir o mesmo princípio de difusão, recordando, entretanto, que estamos além do plano espacial, dinâmico e do próprio plano psíquico.

Existe, todavia, uma grande diferença entre o caso inspirativo e o confrontado. Ao passo que neste, transmissor e receptor se localizam ambos no mesmo plano de evolução (dinâmico), no caso inspirativo os dois termos comunicantes estão situados em dois planos diversos de evolução e, portanto, em duas dimensões diferentes. Na recepção radiofônica o período final é acústico como o inicial; a vibração acústica originária é transformada em vibração elétrica para retornar, finalmente, acústica; e tanto melhor será a recepção quanto mais o fenômeno final se identificar com o inicial. Houve apenas uma transformação da forma dinâmica menos evolvida e, portanto, mais lenta, menos ágil e veloz porque mais aprisionada na matéria, — o som —, na forma elétrica, mais evolvida, mais rápida, mais livre da dimensão espacial e que, portanto, domina um campo espacial muito mais amplo. E nisso consiste justamente a utilidade e o progresso da descoberta.

Na recepção ultrafônica temos muito mais. Não existe apenas uma transformação temporária, com o objetivo único de transmissão, para voltar ao ponto de partida. Em radiofonia há uma permanência no âmbito da dimensão espaço-tempo do mundo dinâmico. Em ultrafonia atravessa-se uma mutação muito mais substancial e profunda, que não é uma simples transformação de ondas acústicas em elétricas e vice-versa, nem uma simples transmissão espacial. A fonte inspirativa se localiza numa outra dimensão e a transmissão não se dá num sentido espacial, isto é, no campo da mesma dimensão espaço, porém, através de diversas dimensões.

Como já disse, aqui, os conceitos científicos não bastam e é necessário que a ciência faça

seus estes conceitos transcendentais, indispensáveis à compreensão também do aspecto técnico do fenômeno.

O centro genético das emanções nouíricas não possui nem os caracteres do mundo dinâmico nem os conceptuais do mundo psíquico humano, mas está situado numa dimensão superconceptual de caráter abstrato, onde se encontram os princípios universais. A fonte não vibra, não irradia vibrações no sentido por nós conhecido, sejam elas embora de pensamento; não transmite ondas-energia na dimensão espaço-tempo, mas emana um **quid** absolutamente imaterial, um impulso, uma potência que não se pode definir com os atributos das dimensões do nosso universo. Dessa sua dimensão mais elevada, a emanção deve descer; essa potência deve precipitar-se sobre a dimensão conceptual do pensamento humano e a chamada recepção não pode realizar-se senão em virtude dessa descida.

O fenômeno muito mais complexo da inspiração, e que a distingue da radiofonia, é justamente este. Os dois termos do circuito estão qualitativamente distantes e, portanto, a comunicação, que determina a repetição do impulso originário no receptor, não se pode estabelecer senão através de um processo de transformação dimensional. Este processo nouírico poder-se-ia comparar ao de um transmissor que pensasse ou compusesse "diretamente" em ondas hertzianas que, para serem percebidas no plano sensório, devem sofrer uma transformação involutiva até se tornarem energia mecânica (vibração da membrana microfônica) e, finalmente, sonora.

Para unir os dois pólos do circuito é necessário realizar esta inaudita operação, que é a passagem de um plano evolutivo a outro, o que significa mudança de substância, de uma a outra forma sua. Noutros termos, para exprimir a emanção originária como pensamento, dentro do concebível humano, importa operar uma redução de dimensão; essa descida à terra significa que aquela potência tem de percorrer um regresso involutivo: é esta a condição para que ela possa manifestar-se na dimensão humana do inteligível. Essa redução de dimensão e esse regresso involutivo são um processo de íntima transformação da substância cinética da forma radiante e se realiza não no espaço, mas atravessando várias dimensões de diversas fases evolutivas para chegar, sozinho, ao termo de sua transformação, à nossa dimensão e fase de evolução. O caminho não é, pois, percorrido em sentido espacial mas, sim, em sentido evolutivo, isto é, ao percorrer a dimensão evolução, envolvendo se ascende para o transmissor e envolvendo se desce para o receptor.

Como vemos, não obstante a correspondência entre os vários planos, inevitável num universo orgânico regido por um princípio unitário, o fenômeno inspirativo é bem mais profundo e complexo que o fenômeno radiofônico. Se, por exemplo, em telepatia se pode falar de ondas-pensamento porque existe pensamento, na inspiração falar de vibrações é um absurdo, porquanto a dimensão da zona psíquicoconceptual foi superada. Direi mais exatamente: no fenômeno inspirativo não encontramos a forma vibratória da onda-pensamento senão na

extrema fase da recepção, no final da redução involutiva, qual último derivado, por continuidade, da emanção original traduzida em termos do pensamento humano. Por tudo isso se compreende quanto estes fenômenos superam a psicologia experimental de gabinete e como é necessário, para seu estudo, que a ciência se afine e faça seus esses elementos do transcendental.

As duas estações estão, pois, situadas, uma, na fase evolutiva ou plano dinâmico (se se trata de mediunidade à base de percepções sensórias) ou psíquico (se se trata de conceitos como na mediunidade intelectual-inspirativa) isso do lado humano; a outra, do lado super-humano, está situada na dimensão superconsciência, que supera a do psiquismo humano. Não me refiro à mediunidade barôntica ou física, em que o transmissor pode encontrar-se no mesmo nível humano ou ainda inferior a este. E se evolução é desmaterialização e espiritualização, a comunicação entre o transmissor evolvido e o receptor humano relativamente envolvido não se pode realizar senão materializando a emanção, o que significa redução de potência e revestimento do conceito abstrato, sintético, instantâneo com a forma do pensamento objetivo, analítico e progressivo na palavra, qual é o humano.

Vejamos, agora, como se pode estabelecer a comunicação entre os dois centros. É evidente, que sendo o universo sempre todo presente em suas várias fases evolutivas e dimensões que os seres atravessam no infinito, o limite do perceptível somente existe nos meios individuais de percepção e não nos fenômenos. Assim, por exemplo, o ouvido humano não abarca senão uma determinada amplitude na frequência de vibrações dos sons, além da qual não há percepção. É óbvio também que, como com a criação de novos instrumentos e recursos de pesquisa se alcançou a revelação de um novo mundo, do mesmo modo toda extensão de sensibilidade desloca o limite do cognoscível, que é justamente uma função daquela, um relativo suscetível de contínua evolução. O perceptível, pois, não tem fronteiras em si mesmo, mas apenas na relatividade de nossa posição evolutiva; se esta se eleva, automaticamente também se dilata o perceptível.

Já expliquei como evolução é progressividade de sensibilização. A percepção e a concepção do universo são, portanto, relativas à sensibilidade individual, e mudam, dilatando-se, com o progredir desta. Amplia-se a visão do universo à medida que a consciência evolve. Do mesmo modo, também, o concebível é progressivo, a visão da verdade é relativa à potência individual e não pode ser atingida senão por sucessivas aproximações. Se quisermos traduzir graficamente o conceito, poderíamos graduar a sensibilidade progressiva do ser em evolução ao longo de uma escala, nesta ordem: mineral, planta, animal, homem, super-homem, — capazes de responder a uma gama de radiações sempre mais vasta e profunda. Isso equivale ao processo de exteriorização cinética, que é a substância da evolução; é simultaneamente dilatação de consciência ao longo da linha da sensibilização psíquica e manifestação da Divindade, duplo processo de aproximação dos dois extremos, através do qual a criatura volta ao Criador.

Pode-se, pois, estabelecer para todo indivíduo, conforme o ponto mais elevado que alcançou na escala, uma amplitude de capacidade perceptiva que compreende todas as menores,

mas em que se excluem as mais amplas. Para que dois seres inclusive no mundo humano, possam comunicar-se isto é, compreender-se é necessário que usem a mesma linguagem e expressem a mesma sensação do universo, o que significa que sua sensibilidade abranja o mesmo campo de capacidade perceptiva. A compreensão só é possível até onde o campo se sobrepõe, até onde haja coincidência de amplitude. Assim, o mais pode compreender o menos, mas não o contrário. Experimentemos explicar um conceito abstrato a um ignorante; ele não o compreenderá se não soubermos reduzir a idéia abstrata à sua dimensão conceptual de representação sensória. Esta é a condição da comunicação.

Tudo isso também pode ser dito doutro modo. Se, postos dois diapasões vibrantes à mesma nota, percutirmos um deles fazendo-o vibrar, também o outro se porá em vibração emitindo o mesmo som. Este princípio de ressonância é universal e verdadeiro tanto no campo acústico ou elétrico quanto no psíquico e superpsíquico. O contacto da consciência com o mundo exterior pelos caminhos dos sentidos é devido justamente a um fenômeno de ressonância. Nisso se baseiam a radiofonia e a telepatia. Muitas vezes quando uma pessoa está para dizer-nos uma coisa, nós já a sentimos no próprio pensamento. "O fenômeno de ressonância consiste no fato de que dois órgãos suscetíveis de oscilações, tendo a mesma característica ou freqüência (no caso de um diapasão, o número de vibrações por segundo) podem influenciar-se reciprocamente, se um deles, mediante as próprias oscilações, produz ondas num meio que abranja ambos". (Eng. E. MONTÚ, "Rádio", pág. 31). Também o pensamento pode transmitir-se por ressonância quando os centros cerebrais, nos movimentos atômicos de sua estrutura celular sejam suscetíveis de oscilações que possuam idênticas características. Então, os dois centros psíquicos podem influenciar-se mutuamente, através de um meio comum que receba e transmita suas vibrações. É indubitável que o pensamento seja uma vibração, porém, reduzida a sutilíssima e evolvidíssima forma dinâmica, em vias de superar a dimensão espaço-tempo. Na verdade a psique humana é um órgão capaz de vibrar e de entrar em ressonância, de transmitir e registrar normalmente correntes psíquicas, porquanto é assim que se forma, se projeta, se comunica e se recebe o pensamento, que, como a luz, circula por toda parte na atmosfera humana e além dela. Assim se transmitem estados de ânimo sentimentos, além de conceitos. O segredo dos oradores, dos caudilhos que arrastam as massas, está em saber despertar essas ressonâncias. O pensamento vibra no universo, repercute, reage, volve à fonte, une em sintonia os centros distantes, anula-se, acumula-se, soma-se, desintegra-se; nós irradiamos e recebemos irradiações do ambiente humano, dos planos inferiores, do Alto, num mar de noures, de vibrações infinitas. Cada um entra em correspondência como sabe e como pode, conforme sua capacidade; mas, a consciência do sensitivo é uma caixa harmônica fremente de todas as irradiações do universo.

A telepatia outra coisa não é que um fenômeno de ressonância. Ressonância significa sintonização no mesmo estado vibratório, base da percepção sincrônica. Significa simpatia, afinidade. E por ressonância não só se transmite, mas também funciona o pensamento que é levado a mover-se por conexão de idéias, que é sua forma de menor resistência. As idéias se

atraem espontaneamente por afinidade. Sua reaparição na consciência se deve à excitação de um estado vibratório que se propaga às formas semelhantes, capazes de ressonância. Os caminhos da mnemônica são os caminhos dessa ressonância por conexão. As estradas reais da consciência coletiva são as da ressonância. A compreensão é um fenômeno de ressonância. O pensamento, finalmente, tende, como todas as formas menores do mundo dinâmico, à difusão e, uma vez projetado, é indestrutível.

Tudo isso nos conduz às mesmas conclusões do início. Para que se efetue a comunicação entre os dois centros é indispensável a mesma capacidade de ressonância, isto é, que eles sejam suscetíveis de deslocamentos cinéticos, dotados das mesmas características. Ora, para obter isso é necessário partir do mesmo equilíbrio cinético, isto é, importa achar-se no mesmo grau de evolução e de sensibilização que abranja o mesmo campo de capacidade perceptiva ou conceptual. Só então pode realizar-se a sintonização. A base desta, portanto, é a afinidade. Para que se possa estabelecer a comunicação é necessária uma sintonização entre a consciência do médium e o centro de emanção, um estado de simpatia que permita a atração, um estado complementar e de semelhança que estabeleça a fusão. As leis de afinidade se encontram na base de todos os fenômenos, inclusive daqueles comumente controláveis, de atração psíquica. Eis porque tanto tenho insistido sobre o paralelismo entre sofrimento e mediunidade inspirativa, justamente porque o primeiro é instrumento de evolução, que é sensibilização conducente à afinidade com os mais altos centros transmissores. A recepção nouírica, que é comunicação com centros superevolvidos, exige a ascensão espiritual até àquele nível. Para que se possa estabelecer o contacto com a fonte é necessário que a consciência se sensibilize por evolução, até o ponto de atingir uma amplitude de capacidade perceptiva que se sobreponha à da fonte: esta é a condição da compreensão; importa adquirir por ascensão de espírito a capacidade que lhe permita responder às sutis emanções nouíricas. "Para comunicar-se, o espírito desencarnado se identifica com o espírito do médium e esta identificação não se verifica senão quando existe entre eles simpatia, pode dizer-se mesmo, afinidade", diz Allan Kardec no seu "Livro dos Médiuns", pág. 31946. "A alma exerce sobre o espírito livre uma espécie de atração ou de repulsão, conforme o grau de semelhança ou diferença entre eles; ora, os bons sentem afinidade pelos bons e os maus pelos maus, donde se segue que as qualidades morais do médium têm uma influência essencial sobre a natureza dos espíritos que se comunicam por seu intermédio. Se ele é vicioso, em torno dele se agrupam espíritos inferiores, sempre prontos a tomar o lugar dos bons espíritos que foram chamados. As qualidades que atraem, de preferência, os bons espíritos são a bondade, a benevolência, a simplicidade de coração, o amor do próximo, o desprendimento das coisas materiais; os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões por meio das quais o homem se prende à matéria. Todas as imperfeições morais são outras tantas portas abertas que dão acesso aos maus espíritos".

Temos, portanto, dois centros, transmissor e receptor, situados em planos diversos de evolução. Comunicam-se pelo princípio de ressonância, que se dá somente quando exista

capacidade de vibração em uníssono, o que sucede, por sua vez, apenas quando os dois centros se encontram no mesmo nível evolutivo, isto é, de sensibilização, perfeição moral e potência perceptiva conceptual.

Kardec considera particularmente o lado moral da afinidade, mas evolução é ascensão de todo o ser e implica também uma sensibilização às ressonâncias mais sutis, uma expansão perceptiva e uma potencialidade conceptual. O fenômeno da mediunidade intelectual inspirativa é, pois, um fenômeno de sintonização, cuja condição é a afinidade. O problema da comunicação reside, portanto, na afinidade. Há uma distância qualitativa, de capacidade de correspondência, entre os dois centros e é preciso preenchê-la. Para sua união, em sintonia, se impõe, então, uma transformação e são dois os casos: ou a transformação se processa por obra do transmissor, que envolve suas emanções (os dois centros são ativos e conscientes) até o nível perceptivo sensorio do receptor, e este é o caso das audições acústicas, visões óticas e outras percepções sensorias de vários místicos, cuja fonte, embora de efeitos físicos, se distingue sempre das produções barônicas pela elevação da proveniência demonstrada pelo tipo de aparição e pelo seu elevado conteúdo moral. O encontro, pode, assim, dar-se também no plano sensorio humano, se esta é a via de menor resistência, dadas as características do médium. Este pode ser um santo do sentimento e da bondade e não da intelectualidade, não especializado, portanto, no lado psíquico, até a superconsciência. Ou então, — segundo caso — a transformação se efetua por obra do receptor que pelo seu grau de evolução, sabe elevar-se por si mesmo até o plano conceptual do transmissor. Este é o meu caso de mediunidade intelectual inspirativa e consciente. Agora se começa a compreender sua estrutura e seu complexo funcionamento.

Neste caso, a capacidade do médium consiste em saber a distância que o separa da fonte inspirativa, ascendendo ele próprio a escala evolutiva e alcançando a afinidade, que é base do fenômeno da ressonância, e isso no campo particular (moral, intelectual, artístico, heróico) que diz respeito à comunicação<sup>47</sup>. O inspirado deve saber emergir ativa e conscientemente na dimensão conceptual própria do centro transmissor e, para atingi-lo, deve haver atravessado todo o tormento de sua purificação, porque só esta pode sensibilizá-lo até à captação das noures mais elevadas. Se, atingida a imersão numa atmosfera rarefeita, a recepção é espontânea, agradável, dinamizante, o esforço, não só da longa maturação evolutiva, mas também o imediato, de colocação em fase de alta sintonização e de atingir a necessária tensão nervosa em alto potencial, é todo do médium. E ele tem de manter-se, demorada e normalmente, em casos de registrações volumosas, naquele estado de tensão; tem de suportar sozinho, sem conforto e sem compensações humanas, a exaustão orgânica subsequente e a tristeza na solidão que sucede ao esforço supranormal. Atingida a noure, ele deve manter o contacto em perfeita consciência, tudo relacionando e conservando completamente a própria lucidez e potência de análise. Finalmente, embora imergindo numa diversa localização em fase de consciência, o inspirado não deve fechar as pontes atrás de si e sim deixar unidas sua superconsciência e sua consciência normal, a fim de que seja possível, após haver subido evolutivamente, descer involutivamente para transmitir à sua

consciência comum e com esta aos seus semelhantes, o conteúdo de sua visão.

Indispensável é, pois, saber manter desperta a consciência nos diferentes planos, não só no Alto, mas também nos planos inferiores e saber sustentar as já referidas união e comunicação para poder sempre surgir à superfície da consciência humana normal. Continuamente se faz preciso o dinamismo dessas deslocções, que permitem a tradução das sensações e concepções de um a outro plano. O inspirado tem, pois, não só de dominar uma amplitude perceptiva amplíssima, em que sua sensibilidade é posta a dura prova; seu ouvido psíquico não deve captar somente uma gama musical imensamente mais ampla que a do concebível humano; tem ele que possuir rapidez de mutação interior, agilidade de deslocção ao longo da linha da evolução, presteza de adaptação às sucessivas focalizações dos vários visuais de perspectiva. Sem essas qualidades seu trabalho seria impossível. E essas deslocções ele tem de efetuar sem descontinuidade, sem zonas de inconsciência, sempre cientemente. Deve movimentar-se comodamente de um a outro extremo, seja na pequena consciência sensória e racional, apropriada aos conceitos analíticos e ligados à vida humana, seja na consciência intuitiva, adequada aos grandes conceitos longínquos, abstratos e sintéticos do absoluto. Somente neste caso se pode falar de mediunidade inspirativa consciente, a que domina o fenômeno, sente, joieira e escolhe as correntes, controla seu pensamento, julga-o e aceita-o. Quando o grau evolutivo do ultrafano é inferior ao da noúre captada, então a redução dimensional não pode efetuar-se em sua consciência e se tem a mediunidade mais comum, passiva e inconsciente, em que o sujeito é um mero instrumento que regista sem compreender. O verdadeiro ultrafano consciente tem de realizar, nas profundezas de seu eu, um laborioso esforço, pois, funciona como transformador de emanações nouíricas em vibrações-pensamento, como instrumento de redução do superconsciente inconcebível ao consciente concebível. Se não executasse essa descida psicológica não saberia exprimir-se e se conseguisse expressar-se seria julgado um louco. Além de tudo isso, deve ele possuir também a memória precisa de seus complexos estados, para poder oferecê-los como elementos de observação; deve ter igualmente qualidades de auto-análise e introspecção, que lhe permitam analisar e interpretar o fenômeno e apresentar e usar o método intuitivo na pesquisa sistemática do inexplorado científico.

No meu caso, a regisração dos conceitos não é recepção passiva, mas captação ativa, de sinal não negativo, mas positivo. Minha inspiração pode ser definida, então, como mediunidade intelectual (regisração de conceitos), inspirativa (isto é, proveniente dos mais elevados planos de evolução), ativa (isto é, por captação) e consciente (nos vários planos e dimensões). Tudo isso se torna para mim um método normal de pesquisa por intuição, uma verdadeira técnica de pensamento para mim, um sistema intelectual e cultural que domino perfeitamente.

Já descrevi os meios com que o consigo e conservo. Se particulares condições são requeridas, isso não tira o valor dos resultados práticos que com ele obtenho e que constituem um fato.

Nos descritos estados de adormecimento da consciência normal, eu realizo, por iniciativa e com esforço próprios, a transformação acima descrita, que faz ascender meu eu consciente a uma dimensão superior. E quando a visão superespacial, instantânea, abstrata, atravessa minha sensibilidade, devo saber descer novamente ao nível psicológico normal, realizando a transformação em direção inversa, pois que sem isso não me seria possível comunicar-me nem me fazer compreendido. Devo, assim, saber oscilar ao longo da escala da evolução e da involução, com diferentes focalizações de consciência, que me permitam exprimir, em termos racionais e de análise, a intuição sintética que em sua forma originária é inexprimível.

O que descrevi é, sobretudo, a técnica funcional do meu fenômeno, que melhor que ninguém eu conheço. Assim, confiando-me, nos pontos mais salientes, à intuição, defini o problema, para mim também até agora incerto, de minha inspiração.

\* \* \*

Estabelecida, assim, a estrutura central do fenômeno, completei-lhe a interpretação em outros aspectos seus.

O pensamento é, portanto, totalmente uma noção e se comunica e ecoa de centro a centro; o universo está saturado de emanções conceptuais que são percebidas todas as vezes que o ser, por evolução haja alcançado o grau de sensibilização suficiente para entrar em ressonância. No plano dinâmico e psíquico, o universo aparece ao sensitivo como um oceano ilimitado de irradiações de todo gênero. Essas emanções, cada uma em seu nível em formas diversíssimas obedecem ao mesmo princípio universal de expansão, coligam o universo em todas as suas partes e representam o órgão de sua sensibilidade física e psíquica. Quando mais se ascende evolutivamente mais sutilmente se sente o universo, mais claramente se percebe e concebe a si mesmo. A consciência altíssima que conhece todo o funcionamento do grande organismo é a idéia diretriz de Deus. E este o Centro a cuja direção ascendem os vários planos da evolução, a meta longínqua a que tendem esses sobrepujamentos de consciência e de dimensões. Eis porque o conteúdo da mediunidade inspirativa é a revelação, eis porque ela conduz à unidade e à verdade.

Isso nos faz compreender como somente em nosso mundo envolvido em que o pensamento é continuamente estorvado em sua circulação pelas resistências da matéria, ele se possa conceber aprisionado, separado na forma da individualidade humana. Somente nesses planos mais baixos o pensamento pode permanecer diferenciado, entre barreiras pessoais; mais no alto, ele circula livremente, fundindo com facilidade na mesma ressonância os centros hipersensíveis, que assim se unificam no mesmo modo de ser e cujo timbre é definido pela corrente de seu plano. Nesse nível a forma do ser é psíquica, não mais física; não é mais um corpo, mas um estado de consciência e é definido pela irradiação naturalmente dominante naquele plano, em que os seres automaticamente se equilibram, pelo seu peso específico, na escala da evolução. Como estamos vendo, é possível afrontar e resolver problemas de alta teologia com os conceitos mais exatos da psicologia científica.

Pode-se, agora, melhor compreender o que já foi dito sobre o problema da



individualidade do centro transmissor, o que já foi por outrem percebido, isto é, que essa voz inspirativa "não deve ser entendida como um ser invisível individual, mas como uma emanção de energias espirituais fundidas num feixe". (Ferder, "O Ciclo Progressivo das Existências").

Quando a inspiração toca um certo nível, não mais se pode falar de uma entidade como centro psíquico, num sentido pessoal humano, não se pode definir nem limitar a fonte a um nome; pode-se apenas indicar a direção de proveniência e falar de planos de evolução e de correntes nouíricas que os percorrem e definem.

Foi nesse sentido que falei de Cristo como centro de emanção, fonte de revelação, corrente de pensamento sempre presente que governa o mundo. Somente esta concepção cósmica do Cristo, muito superior à histórica e humana<sup>48</sup>, pode dar-nos o sentido de Sua divindade e de Sua presença, atividade e função histórico-social. A imprensa sul-americana, com muita precipitação e simplicidade atribuiu, sem mais, a Cristo as "Mensagens" e a "Grande Síntese", pelo seu sabor evangélico. É preciso, porém, compreender quanto é perigoso e anticientífico, definir de forma tão categórica, uma proveniência que reduz o Cristo à comum concepção histórica humana; é preciso entender que o Cristo real não pode ter, em Sua essência, nenhuma forma em nosso concebível, que não o alcança e encerra senão reduzidamente. No meu caso, pois, só se pode falar de direção da descida das noures; pode-se dizer que, desde a direção, ninguém sabe quão longínqua e de qual vertiginosa altura, que tem seu início em Cristo e na Divindade, procede uma noure, através não se sabe de quantos planos e sofrendo desconhecidas reduções de adaptação, até o plano em que minha mais alta consciência inspirativa, ascendendo faticosamente, pode captá-la, para realizar o último e certamente o mais rápido caminho que devia levá-la à forma da psicologia humana.

"A vós venho do Alto e de muito longe" diz Sua Voz na Mensagem do Perdão<sup>49</sup>. "Não podeis perceber quão longo é o caminho que nós, puro pensamento, devemos percorrer a fim de superar a imensa distância espiritual que nos separa de vós, imersos na terra lodosa. Vossas distâncias psicológicas são maiores e mais difíceis de ser vencidas que as distâncias de espaço e de tempo".

Isso significa distância conceptual da fonte e longo caminho percorrido, isto é, redução dimensional operada para superar aquela distância e descer daquela altitude ao nosso plano de evolução: distâncias psicológicas, evolutivas, de dimensão conceptual. Só agora, que delineamos este estudo técnico sobre as noures, podemos compreender qual processo de redução implique essa descida de correntes espirituais, qual série de filtragens seja necessária, através de vários planos, para que a luz seja perceptível e a irradiação acessível; quantos intermediários, de gradual transparência espiritual, devam colaborar para que a cegueira espiritual do intermediário possa alcançar o alto e a potência conceptual possa chegar, límpida, sem ofuscar-se, ao plano terreno. Nesse complexo processo, muitos auxílios são necessários ao lado de meu esforço e, não obstante minha forma de mediunidade inspirativa consciente, grande parte da transformação tem de se

realizar fora de minha consciência, em planos superiores aos que me são acessíveis; um trabalho de preparação, que ignoro, tem de realizar-se acima de mim, para trazer a noúre até o plano de minha captação. O fenômeno é vasto, feito de diversas colaborações, através de gradações de pureza e elevação de que eu sou apenas o último termo, o mais baixo e envolvido. No Alto, como realidade objetiva e científica que eu sinto, se acha um coro de hierarquias que gravitam, de esfera em esfera, na grande luz de Deus; até os planos inferiores se prolonga a hierarquia e a Terra recebe as irradiações do Alto e é guiada.

Após tudo isso, compreende-se sempre melhor que o problema para mim fundamental, como primeira condição para minha captação noúrica, é o da ascensão espiritual; compreende-se como, para mim, a questão da mediunidade e a do aperfeiçoamento espiritual devem coincidir.

Se a fonte da inspiração está no Alto, eu devo viver sempre estirado para o Alto, para poder atingi-la. Sou uma antena, sensibilizada pela dor, e deve elevar-se o mais possível aos planos superiores, a fim de trazer deles ao nosso suas concepções. Quanto mais me purificar a mais alto poderei subir e mais se ampliará meu raio de sintonização e captação. Em ultrafania vigora a lei de afinidade. É princípio geral que cada médium não pode entrar em sintonia consciente senão com a noúre do próprio nível evolutivo. Isso porque a recepção inspirativa não se deve a uma transmissão individual, mas é uma imersão minha numa corrente de pensamento ou atmosfera conceptual, em sintonia com a qual se determina a forma de minha consciência. Por isso, se eu descer moralmente me dessensibilizo também e perco a consciência daquele plano de noúres, densifico meu peso específico e perco a capacidade de mover-me naquelas alturas. Devo afinar diariamente o delicado instrumento da minha ressonância no sofrimento e no desapego, a fim de poder facilmente superar, sem correspondência, o mar das noúres envolvidas e barônticas que me circunda. Devo sensibilizar, cada dia, o ambiente para que, por diferença de sua natureza, permaneça surdo às vibrações mais baixas e se lance, pelo contrário, para o alto, somente vibrando se percutido por emanções elevadas. Do mesmo modo que a onda elétrica, por ser mais evolvida é também mais potente e mais livre que a onda acústica, isto é, domina um raio de ação mais vasto, chega mais depressa e mais longe porque mais supera a dimensão espaço-tempo, também a emanção ultrafônica, captada pela minha recepção, quanto mais estiver situada evolutivamente no alto, quanto mais é poderosa e livre e mais amplamente supera os limites das dimensões inferiores, tanto mais vasto é o campo conceptual que domina. De qualquer modo, quanto mais elevada for, mais poderosa será. Quanto mais eu subir evolutivamente mais potente será a fonte que poderei atingir, mais se dilatará, pois, o raio de minha captação conceptual, mais profunda será minha visão das verdades absolutas. O progresso e o fortalecimento de minha inspiração provém inteiramente de meu progresso espiritual, **porquanto basta subir para saber**. Eu não estudo em livros, mas leio na vida. **"Há mais coisas no livro de Deus que nos vossos"** — dizia Joana D'Arc — **"e eu sei ler num livro que vós não sabeis ler"**. A sabedoria mais profunda é dada pela evolução e não pela cultura. Isso poderá parecer absurdo em face da psicologia prática, mas os fenômenos têm uma lógica e preciso segui-la até às profundezas.

Compreende-se, deste modo, como eu situo o problema de minha mediunidade inspirativa e por que acredito que assim se deve orientar o estudo dos casos de ultrafania elevada. Ao passo que grande distinção da mediunidade comum é entre vida terrena e além, a minha diferenciação fundamental é entre involvido e evolvido; meu problema mediúnico é problema ético, é o problema da ascensão do universo e, enquanto imerge suas raízes na mais baixa animalidade, expande suas ramificações no céu das dimensões superconceptuais. No meu caso, por isso, não tem sentido, deixando-me indiferente, a comunicação com os espíritos de defuntos que, situados mais ou menos no nosso nível, nada sabem, nada têm para dizer-nos, repetindo as velhas e pobres coisas humanas<sup>50</sup>.

A mim urge, ao contrário, superar este plano humano em que vivos e mortos se agitam e em que se permanece sempre aqui em baixo, na sombra. Hamlet **dizia: "ser ou não ser"**. Eu digo: **"subir para saber, eis o problema"**. Estabelecida a premissa, demonstrada na "*Grande Síntese*", da evolução das dimensões e da ascensão dos seres através de planos de sensibilidade, de perfeição moral e de potência conceptual; estabelecido o monismo, também na "*Grande Síntese*" demonstrado, isto é, um universo gerado por um princípio único — Deus — e admitida, finalmente, esta teoria, já agora evidente, por mim realizada, da percepção nouírica por sintonização, compreende-se como minha mediunidade não pode ser senão a forma da evolução psíquica e espiritual do homem, o repetir da aspiração de todo o universo, a encaminhar-se para seu centro, Deus.

Minha mediunidade, por isso, é religião, ora e adora; e assim se coloca em face da ciência, porque possui e demonstra a verdade. O fenômeno da minha captação nouírica está aberto diante da eternidade. Sinto que, através dele, de corrente em corrente, de esfera em esfera, eu me remonto àquele divino centro de poder e de conceito. Sinto que Ele me chama das profundezas do meu eu e das profundezas dos seres. Imergindo por meio de minha mediunidade, nos estratos mais íntimos de minha consciência, sinto que, através deles, subo aos vários planos evolutivos e que meu espírito encontra a unidade, o princípio, a substância, o absoluto. Nas entranhas do relativo e além dele, sinto a verdade imóvel em torno da qual ele vai girando no vórtice da evolução. Porque a direção das noures está nas profundezas do nosso eu e das coisas, onde se encontra Deus.

\* \* \*

Dirijamos agora o olhar para o outro extremo, mais baixo e mais acessível, do fenômeno. É evidente que, em suas zonas superiores, o fenômeno não pode ser atingido pela observação e que, além destas declarações que só eu posso fazer, o fenômeno permanece em sua fase de origem, cientificamente incontrolável. Pensemos na relatividade da nossa posição na escala da evolução intelectual dos seres e como nosso maior gênio representa uma redução de dimensão, um meio

denso e material em relação a fases mais evoluídas e espirituais. Já nos espantam a instantaneidade do pensamento e a profecia, que domina o futuro, e estas são apenas as primeiras vitórias sobre a dimensão temporal. A ciência, produto da psique humana, não pode possuir os meios de observação do que supera a capacidade da própria psique.

Em sua origem, a noúre elevada da revelação não é pensamento que se transmite esféricamente, por ondas, embora através dum meio sutilíssimo, aos últimos limites da dimensão espacial; é, porém, emanção de um superior estado cinético da substância que, transportado ao nosso concebível, constitui uma realidade inimaginável, porque estendida numa gama de estados cinéticos com os quais a psique humana normal não sabe entrar em ressonância (compreensão).

A noúre penetra na zona do perceptível normal somente em sua fase de chegada, assumindo a forma vibratória de pensamento só depois de concluído o processo de transformação involutiva na consciência do médium. A ciência não possui, por isso, outro meio de pesquisa, não pode atingir o fenômeno senão através desse instrumento. Não existe nenhum veículo mecânico que possibilite a alguém percorrer a dimensão **evolução**, senão o próprio eu que evolve. Não existem meios para captar o supersensório a não ser esse órgão ultrafônico que funciona como transformador nouírico ou redutor de dimensões. Não resta, pois, à ciência senão uma observação indireta do fenômeno, tal como aparece refletido na psique do médium inspirado. Por isso, quis analisar o meu caso porque só eu o tenho, completo e à mão, para as observações. Só reunindo na mesma pessoa a função da ciência que observa e a do ultrafano que sente e regista, se pode estudar intimamente o problema. Outra pessoa, embora mais sábia, não possui o contacto direto com os fatos do meu mundo interior. Somente eu assisto ao processo de minha captação nouírica e não me é permitido fazer com que outros a ele assistam senão através destas minhas descrições. Para estes, não existe senão a possibilidade de estudo das minhas declarações e da estrutura psicológica das registrações conceptuais por mim realizadas. Permanecerão de fora, contudo, porquanto as mesmas leis do pensamento, que também agora permanecem reais, não me permitem comunicar minhas sensações senão a quem é capaz de entrar em ressonância com tal ordem de vibrações; e quem não o puder, não compreenderá. É natural, pois, que muitos neguem, porque não acham nenhuma correspondência na própria sensibilidade. Nada por eles posso fazer. Não se pode fazer ouvir o som a um surdo nem fazer ver a luz a um cego. Os fatos, porém, permanecem, representando um enigma, e com a acusação de desequilíbrio neurótico me será atribuída a paternidade absoluta da "**Grande Síntese**", o que esta o desmente com toda a evidência. Para todos, permanece indestrutível o produto do processo inspirativo, a verificação de que é difícil consegui-lo com os recursos culturais normais; permanece a lógica desta minha interpretação, uma construção conceptual que se estende através de todo este volume só para sustentar uma inexplicável humildade que renuncia a fazer próprio um produto intelectual que eu tinha a meu alcance.

Desçamos, agora, da altura da emanção nouírica ao nível humano, onde se detém a transmissão e se fixa a recepção. O último termo da transformação nouírica, o mais baixo do

processo fenomênico, a zona de máxima involução está no organismo nervoso-cerebral do médium. Já mostrei que importa elevar o potencial nervoso para atingir a percepção nouórica. É-me necessário, por isso, um aumento de tensão elétrica, que me permita entrar em ressonância com a corrente nouórica, assumindo uma freqüência maior (intuição) do que a racional normal. O período de adormecimento da consciência normal, que inicia a recepção, é o trabalho de colocação em fase, com uma freqüência de percepção superior à normal, saindo da ordem de vibrações comuns para sintonizar com outra mais poderosa. A vontade é uma irradiação mais involvida, proveniente de uma freqüência vibratória inferior e cuja presença tem um poder destrutivo desses mais evolidos e, delicados estados vibratórios que permitem a sintonização com a noure. Por isso, o inspirado é um sensitivo e raramente um volitivo, dominador e apto para dirigir, tipo que, diante de tais problemas, por sua vez, é impotente.

Tudo isso explica o trabalho de sintonização ambiental que auxilia minha regisração, a necessidade que tenho de encaminhá-la, a uma harmonização vibratória de meu próprio eu, e esta quanto mais se eleva mais tem de ser profunda. Daí o fato de um afrouxamento de tensão de minha parte, por cansaço ou por distúrbios no ambiente, poder produzir verdadeiros fenômenos de evanescência, analogamente ao fenômeno de evanescência (fading) das radiotransmissões. Em sua zona mais baixa o fenômeno tem características elétricas e é constituído, na verdade, no plasma cerebral por disposições de cinética atômica E o átomo é um organismo elétrico

Essa oscilação, pois, que meu ser psíquico tem de realizar ao longo da escala de evolução e involução para ascender a uma dimensão superior e depois reduzi-la à normal, se reflete em sua zona mais baixa, em mudanças de potencial, de tensão e de freqüência vibratória no meu sistema nervoso e cerebral. A transformação de dimensão, iniciada pela emanção originária por processos imateriais supersensórios, incontrolláveis pela observação, à medida que desce involutivamente, vai-se tornando acessível aos métodos da ciência, porque se manifesta, finalmente, em forma de onda-pensamento no meu cérebro e termina através de movimentos musculares da mão sobre a ponta da pena. Esta é a fase final, a mais densa, da materialização da noure. O pensamento, que antes era móvel e fluido, solidifica-se agora na palavra, cristaliza-se numa forma imutável. O pensamento, que antes eu sentia completo, instantâneo e contemporâneo, justamente porque numa dimensão supertemporal, devo transformá-lo, na redução, em consecutivo e filiforme como na palavra: redução de dimensão volumétrica a linear

O momento em que o fenômeno se torna tangível é o da coagulação da substância mobilíssima e evanescente, rapidíssima para escapar, e que eu trago segura, num estado de extrema delicadeza perceptiva, que é também vulnerabilidade nervosa, que me faz estremecer a cada perturbação ou interrupção. Isso se mostra lógico desde que se pense no processo que se tem de realizar em minha psique e no meu cérebro. Acompanho a corrente nouórica como arrebatado em êxtase; devo enfrear e dominar sua contemporaneidade na gênese filiforme do pensamento; devo fazer transparecer na modulação racional e lingüística a modulação da emanção

superconceptual originária; devo manter a percepção supersensória anímica e abstrata através da minha tensão como uma ligação delicadíssima que ao mínimo choque se rompe. Medite-se em quanto está distante a emanção de origem da regisração final e, no entanto, elas devem estar unidas em ressonância e a modulação de chegada, embora reduzida, deve coincidir, sem distorções, com a modulação de partida. A mínima vibração desarmônica (quanto mais alto se sobe mais o estado harmônico é necessário, porque é um avizinhar-se da unificação), qualquer choque heterogêneo, acústico ou psíquico, que penetre o ambiente pode produzir distorções por interferência. Nesse caso eu sofro e me canso (e aí não deve haver cansaço) pois que tenho de reconstituir a tensão.

Um conceito é um estado vibratório individuado e delicadíssimo que, uma vez perdido, não mais se acha nem com a lógica e muito menos com a vontade, não retornando senão quando excitado por conexão de idéias isto é, por uma nova passagem próxima num estado vibratório afim. Por isso, eu escrevo rapidamente, deixando a forma aos automatismos; minha cultura me é necessária, por esse motivo, porque certos conhecimentos inferiores para alcançarem mais depressa o objetivo devem ser instintivos. Neste caso, as capacidades culturais representam a exercitação e o crisol do instrumento e são necessárias pela lei do meio mínimo<sup>51</sup>.

Se a tensão é igual, a sintonização aderente, sem perturbações e interferências, a regisração se processa segura, perfeita no conceito e na forma. Por isso, tomo as minhas precauções e escrevo à noite, quer pela ausência de ruídos quer pela segurança de não ser interrompido, mas sobretudo pela tranqüilidade que, com o sono, sobrevêm ao estado psíquico geral, que, durante o dia, pelas emanções violentas, me é verdadeiramente atordoante, finalmente, porque sinto que os próprios raios solares têm um poder destruidor.

Sei que muitos escritores e artistas trabalhavam à noite (por exemplo, Debussy). Sinto até os distúrbios elétricos da atmosfera. Tudo que perturba o rádio também me prejudica, embora relativamente. Porque as descargas elétricas, se bem que poderosas, provenientes de planos de evolução diferentes, dinâmicos e não psíquicos, sendo de natureza diversa, estão qualitativamente mais distantes de mim, ao passo que um estado de ânimo barôntico (igual envolvido) dos meus semelhantes, por maior afinidade com minha natureza humana, se introduz mais facilmente em meu estado vibratório. Ferem-me, por isso, um impulso de ira que se dê nas vizinhanças, as emanções dos alcoolizados e de qualquer ambiente moralmente pouco evolvido. Tudo isso, especialmente se inesperado, pode constituir para meu sistema nervoso, um choque que é agudo sofrimento. Certas músicas, ao contrário, especialmente se de profunda orquestração, têm para mim um poder sintonizante acentuado, como Bach, Wagner, o piano de Chopin e Liszt, Rimsky Korsakow, Mussorgsky, Glasunow, Albeniz, Palestrina, Debussy e muitos outros, ao passo que Stravinsky, por exemplo, me irrita, a potencia de Beethoven como a de Miguel Ângelo me esmaga, Mozart não sofre e não clama como eu desejaria. Tenho necessidade de compositores cuja noúre se afine com a minha, para que sua música me ajude, fundindo-se em minha sintonização.

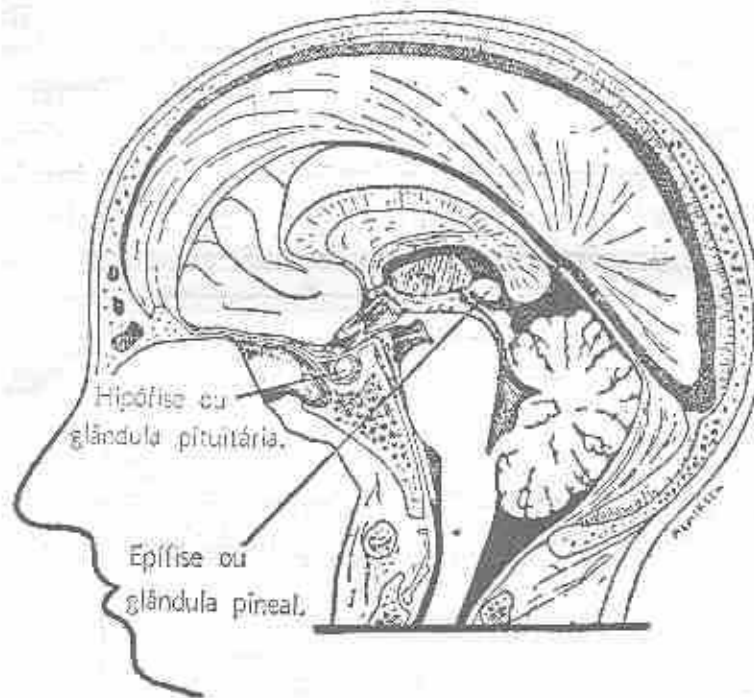
Resumindo, pois: quanto mais é abstrato o pensamento tanto mais é desmaterializada pela forma dinâmica a onda de sua vibração. O conceito, em sua origem, nem sequer de palavra se reveste, não tem linguagem, envolvendo-se, em descida cada vez maior, até à percepção sensória e à imobilização no escrito.

Quanto mais desce o fenômeno, involutivamente, mais é apreciável na forma ondulatória das ondas hertzianas e do som, da luz, etc., localizando-se também especialmente numa sede física: o cérebro. Pode-se buscar aqui o órgão específico da inspiração ultrafônica: a epífise. A epífise pode definir-se: "o órgão do cérebro, não ainda suficientemente conhecido e que é indicado, ultrafonicamente, como o meio mecânico através do qual as noures são recebidas pelos hipersensitivos". (TRESPIOLI, "**Biosofia**", pág. 232). O órgão da sintonização nourica se encontra no cérebro e é particularmente a glândula pineal<sup>52</sup>. Disse — "particularmente". Devemos entender-nos logo a respeito dos princípios de fisiologia. A ciência materialista teve a mania da localização das funções cerebrais, dando-se à caça da sede fisiológica das funções psíquicas através de experiências de extrações localizadas. Tudo isso é resultado de sua orientação materialista e não poderia revelar-lhe senão relações e associações superficiais, nunca o princípio funcional do cérebro. Este é somente o órgão das funções psíquicas e sua estrutura é efeito e não causa de funções. O pensamento não é uma secreção do cérebro, mas, sim, o cérebro é, se se pudesse dizer, uma secreção do pensamento.

O órgão cerebral é o produto mais elevado da evolução biológica; é o órgão através do qual a química inorgânica do mundo pré-vital, internando-se, posteriormente, no complexo metabolismo da química orgânica, atinge um estado de superquímica em que os íntimos movimentos planetários atômicos se deslocam até à desmaterialização da matéria.

A ciência não admite nem possui os recursos de observação para conhecer as formas de vida invisíveis, mas reais, que a evolução biológica produziu após o cérebro, isto é, a consciência. Encontra-se, pois, estudando o cérebro, nas mesmas condições de um selvagem que observasse um aparelho de rádio sem conhecer-lhe o princípio. É inútil olhar exteriormente os fios, lâminas e válvulas, se não se conhece o princípio das ondas hertzianas. É inútil pesar o cérebro, medir-lhe o volume, se é a qualidade e não a quantidade que importa; inútil estudar-lhe a anatomia, contar-lhe as circunvoluções, localizar centros corticais, perseguir os circuitos elétricos centrífugos e centrípetos através do sistema nervoso. A ciência se achará sempre e unicamente em face dos fundamentos do edifício, não lhe enxergando a superelevação evolutiva no mundo do imponderável, um outro organismo vivo, em funcionamento, palpitante de vibrações, mas imaterial, cujo conhecimento anatômico é atingido por outros caminhos e com outros instrumentos, porque situado em dimensões hiperespaciais. O cérebro é o substrato material

destas forças superbiológicas, contacto com o animal; é o meio do qual o psíquico entra com o mundo matéria. O que foi meio psiquismo é invólucro apoio material e está para a como o para o humano que de que não revelar nem o o complexo funcionamento. compreender o não basta,



*Secção mediana da cabeça em que se notam a sede e o volume da epífise e da hipófise. (Prof. Rouvière)*

seu exterior com simplismo pueril, mas importa penetrar na orientação cinética dos movimentos planetários dos átomos de suas células, observar as deslocções que as vibrações ondulatórias do pensamento operam nessas disposições e as mudanças que aí operam as emanações nouíricas, quando chegam, por redução involutiva, a esse plano de oscilação dinâmica. A anatomia tem de descer à análise da natureza magnética dessas correntes imponderáveis que de todas as coisas emanam e que impressionam esses centros, nos quais a sensibilização é máxima, porque se encontram no ápice da evolução biológica.

Compreender-se-á, então, como o cérebro, órgão normal da consciência, em certos momentos e casos não a possa conter completamente e ela dele rompa, superando as limitações do meio com uma percepção anímica direta, supersensória. E tanto a consciência supera o meio que só revive à sua destruição, com o grau de sensibilidade que é dado, como vimos, pelo plano de evolução espiritual alcançado em vida, isto é, proporcional ao grau de desmaterialização realizado.

Leio num tratado que a consciência pode persistir também embora a destruição de um hemisfério cerebral completo. Isso demonstra a loucura da teoria das localizações e como é absurdo pretender estabelecer o lóbulo central da consciência. O cérebro não pode ser reduzido à

seu ponto de organismo órgão por organismo em contacto sensório da cérebro, pois, construtivo do igualmente seu exterior, seu funcional e consciência esqueleto está organismo sustenta, mas poderá jamais princípio nem

Para órgão cerebral portanto, olhar



função mecânica de um órgão muscular. Pense-se que ele funciona não somente movido por correntes elétricas nervosas internas, mas é percutido por correntes ondulatórias que percorrem, sem suporte material, o espaço, ao influxo das quais ele também vibra.

Tudo isso expus para demonstrar que a localização da recepção nouírica na glândula pineal é relativa e aproximativa, melhor direi, é preponderante, pois todo o cérebro vibra de ressonância, todo o sistema nervoso, todo o organismo. A glândula pineal é o órgão central, o condensador variável da sintonização e, também podemos dizer, o órgão de amplificação da regístiação nouírica. Mas, todo o organismo colabora mais ou menos diretamente, em conexão, funcionando como caixa ressonante em que as radiações se repercutem e se harmonizam.

Na epífise a percepção nouírica se realiza por uma diversa orientação impressa pelas vibrações da corrente nouírica, degradada na forma de onda, nos movimentos planetários internos dos átomos das moléculas, lançadas no metabolismo celular da substância glandular pineal. O último termo dos fenômenos está sempre na cinética atômica. Todo o cérebro, porém, é sempre percutido e percorrido por correntes psíquicas que o mantêm em contínua oscilação e ele funciona constantemente como transmissor de vibrações-pensamento. Assim como o olho sempre vibra à luz e o ouvido ao som, do mesmo modo vibra o cérebro ao pensamento. Este princípio geral se aplica no caso da recepção nouírica, em que se destaca, evidente, a ressonância. Na percepção sensória a ressonância se dá dirigida por um meio condutor; na nouírica, processa-se livre, mas sempre se trata de vibração por sintonização. Isso é compreensível hoje, quando também a telegrafia se tornou sem fios.

No meu caso, a epífise deve haver atingido um grau evolutivo de potencialidade (não volume, mas orientação cinética atômica) e de sensibilização, a fim de poder funcionar como antena na dimensão evolução e como transformador, isto é, como redutor involutivo.

O outro problema afim é o de saber como estes órgãos atingem esse grau evolutivo. O funcionamento e o desenvolvimento evolutivo de um órgão é dado pela corrente nervosa que o mantém e lhe excita as trocas, fornecendo-lhe a alimentação dinâmica. Quando do centro não descem mais essas correntes nervosas, o órgão se atrofia, desenvolvendo-se, ao contrário, quando as correntes se intensificam

Essas correntes não são mais que impulsos elétricos que modificam a orientação dos íntimos movimentos do átomo, que é um organismo elétrico, alterando, assim, toda a química da troca, que assim pode encaminhar-se para a atrofia ou para superiores formas de evolução.

O centro irradiante destas correntes está além do sistema nervoso e do cérebro, que são dois intermediários mais baixos; é a própria consciência que está à frente da marcha evolutiva e que à medida que se vai elevando, retira as correntes do funcionamento nos níveis inferiores, centralizando-as num funcionamento evolutivamente mais alto. Desse modo, no inspirado, o

organismo tende ao emagrecimento muscular, as funções digestivas não mais admitem labores pesados, tudo tende à atrofia do que é físico para alimentar o que é psíquico. É absurdo procurar no intelectual e no gênio um cérebro mais volumoso, quando ele se acha justamente no caminho da desmaterialização. Estamos nos antípodas da ciência. No caso do órgão cerebral, a desmaterialização progressiva de funções por evolução é, como já disse, problema de cinética atômica e é neste sentido que aqui falei de funções espirituais.

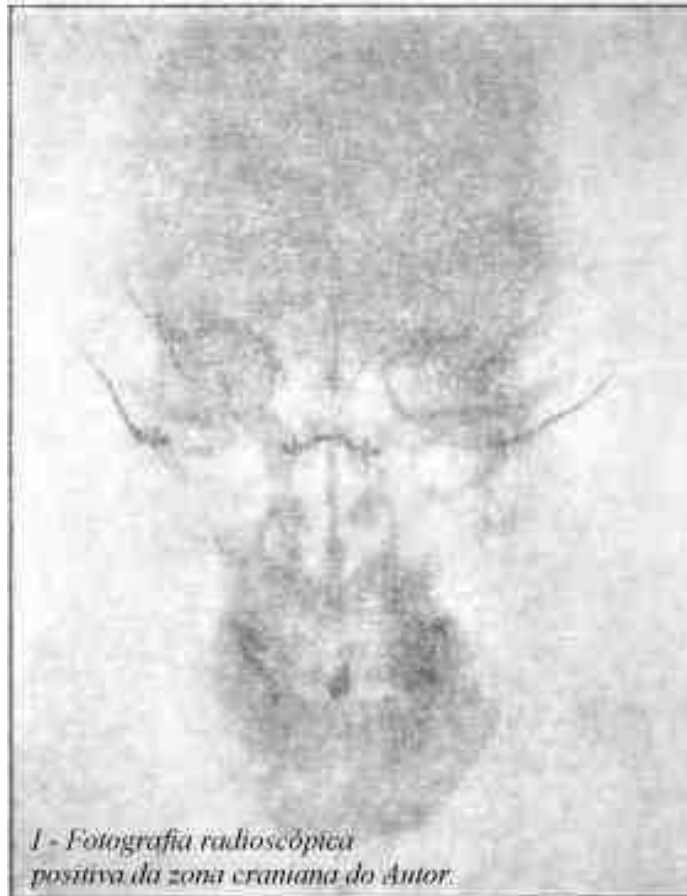
A glândula pineal órgão central da psíquica e da sintonização meu caso, essa glândula é principal da ressonância superconceptual e, simultaneamente, de transformação de isto é, o órgão em que se deslocam cinéticas na estrutura dos átomos, a emanção noúrica em pensamento.

As ressonâncias, são todas iguais nos ultrafanos. Alguns deles extensa gama de de sintonização, embora num nível mais baixo; e existe muitas vezes a

preferida, que é aquela de maior afinidade. O meu caso, pelo contrário, poder-se-ia chamar — de sintonização fixa, de ressonância única — porque, por instinto de simpatia, eu me ligo ao máximo contacto que minha evolução me permite e rejeito todos os outros. Pelo fenômeno da ressonância, que é unificação de vibrações, estabelece-se uma como fusão do meu eu mais elevado com o centro emissor, uma reabsorção de minha personalidade na noúre, pela qual, naquele nível, não mais existe distinção entre o eu e o não-eu e tudo se torna a mesma força, o mesmo pensamento, a mesma corrente.

A matéria separa, mas quando nos elevamos e nos aproximamos da unificação, a evolução nos conduz ao centro divino.

Naquele plano, não mais faço distinção entre a entidade inspiradora, a noúre captada e o meu eu mais profundo. É natural que o mais absorva o menos, que a pobre chamazinha de meu



*1 - Fotografia radioscópica positiva da zona craniana do Autor.*

é, pois, o ressonância noúrica. No o órgão

dimensão, forma, por intima redução da forma de

porém, não diversos têm uma possibilidades mantendo-se entre todas, sintonização

espírito se confunde no incêndio e eu não mais saiba dizer — eu. A distinção renasce, rápida, apenas quando, na redução de dimensão, torno a descer, involutivamente, até minha personalidade humana. O meu caso é, pois, de ultrafania especializada na captação conceptual, e esta é verdadeiramente a marca das minhas registrações.

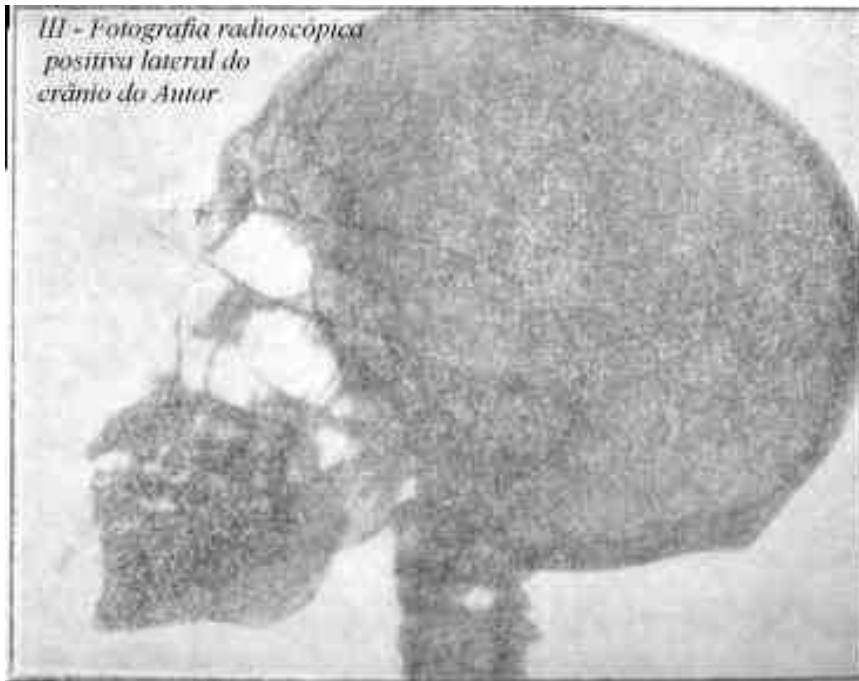
Tendo à ligação máxima dá o conceito máximo. Isso não ressonância possa formar-se, e ferir-me, também com seres e inferiores. Eu, porém, não os como elementos secundários harmonização; poderiam eles ser inspiração artística e musical, mas conceptual. Existe também na minha psique o poder seletivo, daria, como em alguns velhos confusão de harmonias. Há em pineal um órgão de seleção, de não para captar, mas para afastar, reconhecido, as ressonâncias que minha registração conceptual e como dissonâncias barônticas, de que procuro

Se a pineal ou órgão da sintonização não pode



II - A mesma fotografia radioscópica em negativo.

porque esta me impede que a indiretamente coisas de planos aceito senão ambientais de úteis para a não para a profundezas de sem o qual se rádios, uma minha glândula que me utilizo, após havê-las se apartam de que me soam como distúrbios isolar-me.

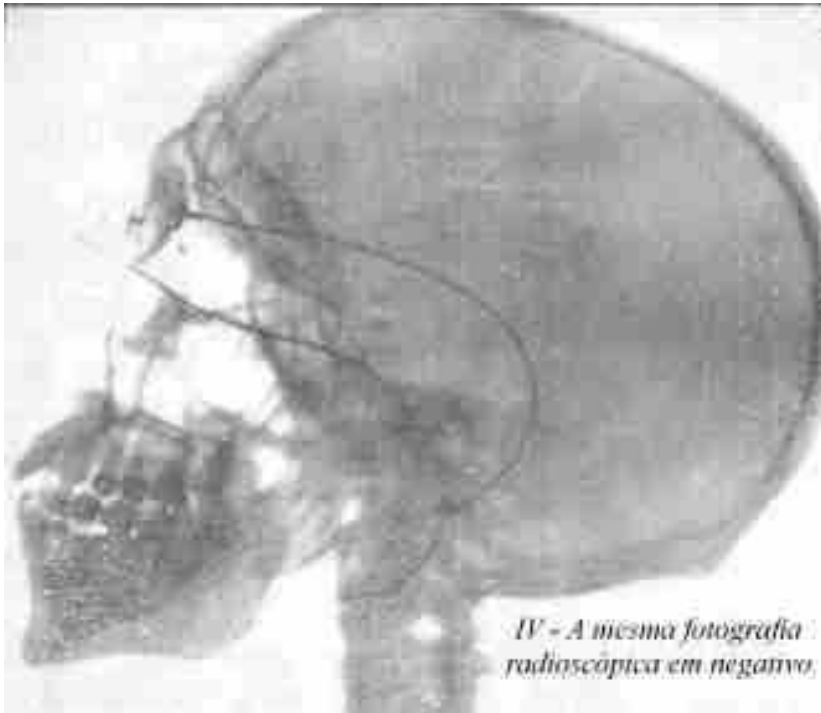


III - Fotografia radioscópica positiva lateral do crânio do Autor.

glândula epífise, nouírica, sobressair

radioscopicamente, pela transparência aos raios dos tecidos, todavia zonas de maior sombra na fotografia positiva e maior luz na negativa, na zona craniana central (nas fotos I e II um pouco

acima do centro, olhos; nas fotos III e centro da caixa indicam a sede da nouírica, no ponto esfera cerebral e que funciona como exterior, protetivo e ressonante. Se, ao dessas zonas de densidade, se o condensador da sintonização e o órgão de amplificação da regístiação nouírica, quase-esfera de cerebral, delineada



entre os IV, no craniana) função central da craniana, invólucro centro maior localizam variável também a matéria pela

quase-esférica caixa craniana, como tecido especializado, exerce sua função de caixa harmônica de ressonância e segundo órgão de amplificação. A estrutura geométrica desse primeiro ambiente fechado é apropriada à potencialização da onda transmissora e da onda captada, o que se verifica na emanação e na recepção nouíricas. Sobretudo neste último caso, da regístiação de emanações provenientes de dimensões superconceptuais, quando a corrente atinge por redução dimensional a fase dinâmica, assumindo a forma de onda, que se transmite por pulsações esféricas, então, a caixa craniana, fechada em si, multiplica e amplifica, por refração interna (no ambiente cerebral particularmente apto a entrar em vibração, se excitado pela ação de tais ondas psíquicas) aquelas ondas que, justamente na zona cerebral, realizam a última fase de sua redução dimensional, já iniciada antes, fora do espaço e depois no espaço de emanação psíquica do sujeito. Assim transformadas e potencializadas no cérebro, em que se revestem. por absorção, de energia nervosa, ribombando, fechadas finalmente, na caixa craniana, isolante e internamente quase-esférica, as ondas podem impressionar muito mais energicamente a epífise nouírica.

Na radioscopia lateral é visível, como em seção, à margem, a caixa óssea, que funciona como invólucro isolante do ambiente amplificador cerebral. Esta massa se abre para uma zona de maior transparência e menor densidade, que na positiva é uma zona de maior luminosidade e isso na direção do alto, que é a direção das correntes nouíricas. E esta seria, por razões de direção e de menor resistência, como também de equilíbrio vibratório, a zona normal de penetração nouírica, a porta aberta através da qual a epífise pode comunicar-se externamente com as ondas que, na fase dimensional mais próxima, são espaciais. E esta não seria apenas a zona de penetração, mas,

também, a janela aberta da projeção nouírica, o ponto em que aflora e se projeta exteriormente a irradiação espiritual. Quando, através dessa investigação e dessa técnica, a emanção atinge o sujeito e penetra em sua caixa craniana, a corrente nouírica, degradada em forma de onda, está apta a imprimir, e imprime, uma diferente orientação aos movimentos planetários dos átomos das moléculas das células cerebrais. Então, a pura excitação nouírica se materializa ainda mais, revestindo-se de energia psíquica e nervosa e tornando-se praticamente perceptível, inclusive com instrumentos e como sensação, e então, atingida sua última fase de transformação, é suficientemente densa, podendo por isso impressionar a epífise, que, arrastando consigo, em sua sintonização, o cérebro e o sistema nervoso, dirige a função mecânica muscular da escrita.

## VI

### CONCLUSÕES

Esse mundo em que nos temos agitado até agora não é um mundo fantástico. Num campo muito menos elevado, a rabdomancia, renascente hoje com o nome de radiestesia, demonstra que se o sensitivo que passa sobre um manancial de água ou uma jazida mineral sente algo que pode especificar com grande exatidão, isso quer dizer que eles emitem qualquer coisa, alguma irradiação de ondas eletromagnéticas que o sistema nervoso humano, sensibilizado, percebe. Os minerais, portanto, também emitem correntes e no seio do universo subsiste toda uma emanção imaterial. E se emitem correntes os minerais, também as produzem as plantas e uma paisagem será uma sinfonia de vibrações que o musicista poderá transformar em harmonias musicais. E correntes transmitem todos os seres e entre todos a central mais dinâmica que é a psique humana.

O problema das noures adquire, assim, uma importância muito mais vasta que a mediúnica. O problema das noures é o problema da inspiração artística, que só elas podem explicar; é o problema do desenvolvimento psíquico da humanidade, dos sistemas de aquisição cultural, dos novos métodos de pesquisa necessários ao ulterior progresso da ciência, métodos de concepção que dêem novos rumos à filosofia e a todo o cognoscível humano, com repercussões na direção da vida social, de modo a tornar possíveis as bases de uma nova civilização.

Observemos estas últimas conseqüências que enunciamos.

É um fato verificado, para os que estão habituados à criação intelectual e artística, que esta não se realiza, verdadeiramente, pelas vias da consciência quotidiana normal, que tão útil nos é para as necessidades e relações da vida. Parece quase que o processo da racionalidade consciente e reflexa é como que suspenso para que, por construções superiores, um mecanismo mais íntimo e complexo seja posto em movimento, numa zona mais profunda de nosso eu, a funcionar com métodos supervolitivos e super-rationais.

Os inspirados sempre tiveram uma voz; os poetas, as musas; os musicistas, a inspiração.

Wagner dizia no seu diário de vida veneziana, a propósito de uma passagem do seu "Tristão": "Aquela passagem me apareceu clara; transcrevi-a rapidamente, como se de há muito já a soubesse de memória

Perosi diz que o compor é para ele uma necessidade impulsiva do temperamento, que tem necessidade de produzir.

Chopin compunha numa espécie de êxtase.

Na realidade, artistas e gênios são ultrafanos. registadores de nóres.

É um fato que todas as mentes, sejam de artistas, sábios ou santos, cada um em seu campo, todas as vezes que verdadeiramente se projetaram na direção do alto para arrancar uma orla do grande mistério das coisas — verdadeiros tentáculos que a evolução lança, antecipadamente, de encontro ao infinito — usaram esses meios que escapam à racionalidade comum; esta aparece, em confronto, como coisa vulgar, inferior, condenada por natureza a jamais saber elevar-se acima do plano em que se move no infinito trabalho de análise, sem esperança de síntese. E questão de grau, porém, a inspiração artística se esfuma na mediunidade, como no caso de Rosvita Bitterlich, a menina de Innsbruck, cujas telas, tanto pelo conceito como pela técnica, assombram os pintores e confundem os psiquiatras.

Existe um outro fato, que é a fundamental unidade interior da inspiração, idêntica para todos em suas origens e que se espedaça e modula em diversas formas somente quando desce ao mundo exterior, pelos caminhos oferecidos pela capacidade do sujeito. Isso corresponde àquela unidade de princípio, de que já falei, e a que se tende por ascensão evolutiva.

Desse modo, a idéia abstrata do bem pode tornar-se música, poesia ou pintura, renúncia martírio ou ação heróica, conforme o ambiente humano em que se materializa. Cada realização concreta é um processo involutivo em que a unidade se ramifica no particular. Por isso, cores e sons e as várias sensações humanas se equivalem num plano mais alto então passam de diferentes vestiduras do mesmo conceito. Esse conceito foi percebido por Franz Liszt quando, de Roma, escreve ao seu amigo Berlioz dizendo-lhe como sentia um secreto parentesco entre Rafael e Mozart, entre Miguel Ângelo e Beethoven, entre Ticiano e Rossini. Poder-se-ia afirmar que na profundidade da consciência se tocam os planos superiores, onde a idéia, antes de descer e diferenciar-se na forma concreta, é abstrata e existe em tipos simples e únicos para muitos grupos de manifestações diversas; e que, quanto mais subimos para o centro, tanto mais a idéia originária se faz abstrata e única, até identificar-se naquele monismo absoluto, que é Deus. Assim, a arte e a fé, a ciência e a ação não passam de diferenciações produzidas pela descida daquele e único princípio.

Estes elevados problemas de psicologia têm também uma grande importância prática, porque sua compreensão e solução revolucionam todos os rumos intelectuais e científicos de nossos tempos. Revolucionam os métodos de pesquisa científica, tanto quanto os sistemas de aquisição cultural.

Estou persuadido de que o saber humano, em todos os campos, não mais pode avançar com os velhos métodos e que é iminente e necessária uma mudança de rota. É evidente que a verdade, que tão laboriosamente se acomete, já existe íntegra, completa, funcionando desde toda

a eternidade. O universo é, não de agora, um organismo perfeito e não espera, por isso, a compreensão humana. Possui ele sua sabedoria e suas leis e sabe aplicá-las com consciência e equilíbrio. Não se trata, pois, de criar coisa alguma, mas de saber enxergar o que já existe, de atingir conceitos que se distanciam de nosso relativo. É absurdo continuarmos a observar eterna e exteriormente os fenômenos, multiplicando observações e classificações, e permanecermos esmagados sob a mole divergente do particular. Importa aperfeiçoar e potencializar esse instrumento de pesquisa que é a consciência humana, se quisermos algo que produza um resultado prático.

Para mim, o método racional analítico não passa de uma redução involutiva do método intuitivo sintético. A evolução psíquica do homem impõe a ascensão a este método mais profundo. Estou convencido de que a solução dos problemas não se acha no exterior sensorial, mas no interior intuitivo e só pode ser alcançada se nos projetarmos dentro de nós mesmos com a introspecção e não fora de nós, com a observação.

Sinto que os princípios não se podem encontrar senão por visão, por uma transformação de consciência que se identifique com o fenômeno, por uma transferência do eu a um novo plano conceptual; enquanto se permanecer na dimensão atual da razão, certos problemas permanecerão insolúveis. É fato comprovado que as mais elevadas verdades, as sínteses conceptuais sempre se descobrem a golpes de gênio, isto é, de revelação por inspiração e não por análise objetiva e racional. Esta não sabe tomar a seu cargo senão o desenvolvimento metódico de um princípio, quando este e sua orientação já foram apresentados.

A audácia de minhas conclusões está no propor à ciência o método de pesquisa por inspiração nouírica como método normal, a fim de que o método da intuição complete o dedutivo experimental; estou convencido de que os conceitos já existem em forma de emanções radiantes, de correntes em expansão, e que basta captá-las; sinto que o problema do conhecimento só é solúvel com este novo método de sintonização nouírica que tenho vivido, aplicado e aqui amplamente descrito. Certamente que é um método delicado e complexo. É necessário antes compreendê-lo para se saber usá-lo. Exige uma delicadeza psicológica para que não se maltrate nem prejudique o delicadíssimo instrumento de pesquisa que é a psique do ultrafano. Será preciso tempo; dever-se-ão superar as resistências opostas pelo misonéismo do passado; será laborioso reformar a psicologia da ciência, mas não existe outro caminho para avançar.

A própria evolução tem de levar, inevitavelmente, à normalização da intuição.

O homem, chegado a uma determinada fase de sua evolução psíquica, tem de atingir, normal e naturalmente, o conhecimento pelas vias da captação nouírica.

Os tempos já sentem, confusamente, essas iminentes revoluções que abalarão em suas bases o pensamento humano; já se pronunciam vagas palavras que exprimem tentativas e tendências. Importa indicar exatamente, aprofundar, falar de coisas reais e casos vividos, já haver aplicado o método e realizado os resultados. Os inspirados se têm mantido até agora, comumente, no campo dos princípios gerais, nos termos vagos do sentimento, nas elevadas, mas imprecisas aspirações do misticismo; se se mantiveram na linha da inspiração artística, não fizeram da intuição uma verdadeira técnica de pensamento, metodicamente dirigido na direção da pesquisa científica. Importava chegar a uma revelação científica exata, dando à ultrafania um conteúdo vasto e concreto, que dela fizesse um instrumento portador de contribuições tangíveis à ciência.

Nesta efervescência dos tempos, ansiosos de novas direções, foi lançada uma corrente de idéias que não poderá ser detida. Achará ela ressonâncias que a amplificarão. Repercutirá nas consciências que, fazendo-a sua, a

elevanto a grandes distâncias.

O futuro da humanidade está biologicamente em sua espiritualização. Ou espiritualizar-se ou morrer.

O materialismo aprisionou e comprimiu o espírito na matéria, talvez somente para que ele pudesse melhor explodir. Um sopro novo tem de dinamizar tudo no espírito, pois, de outro modo, a vida se apagará. E deve ser uma espiritualidade não vaga, sentimental, enfermiosa, porém, viril, operante, científica, volitiva, consciente do titânico trabalho construtivo que a espera e que ela tomará para si. A luta pelo espírito será a luta mais digna da vida.

Ainda outras conseqüências de índole prática se pode extrair desses conceitos. Frequentemente tenho perguntado a mim mesmo: — Sabemos pensar e aprender? Não encontraremos nessas profundezas psicológicas novos métodos mais fáceis e mais produtivos em favor da aquisição cultural?

Ao estudar e aprender atemo-nos aos sistemas mais empíricos, como ler, repetir, memorizar, sem percebermos a essência do pensamento e dos fenômenos psíquicos nem de que complexa entrançada de vibrações e de ressonâncias sejam eles a síntese, sem nos preocuparmos de quais interferências de ondas e de quantas captações nouíricas a mente seja suscetível. Não atiramos, talvez ao acaso, diante da mente um alimento para que ela o assimile, não se sabe como?

Reconheço bem quanto a psique humana é imatura, na massa comum, para estas sutis operações de pensamento e minha audácia está justamente em pensar na normalização de tais métodos. Entretanto, estou certo de que o homem se acha numa grande curva de seu caminho evolutivo, que a eterna criação biológica está operando atualmente no nível psíquico e que novos métodos se impõem pela lei do meio mínimo. Por que o método intuitivo deve limitar-se apenas às formas artísticas e poéticas? E por que não poderá existir uma nova e normal inspiração filosófica, matemática, social, moral, científica? Por que não reconheceremos que a sabedoria não se encontra nos livros, farrapos do passado, mortas cristalizações do pensamento, mas, sim, nas vivas correntes conceptuais em que palpita e em que se sustém todo o universo? E que, para saber, esse grande livro do infinito é o único que importa ser lido? E para a formação cultural, por que às longas e exaustivas vias do estudo não se preferirão as da purificação da consciência, da evolução, que a conduz à dimensão superconceptual, onde a visão da verdade é espontânea? No Alto, a sabedoria é gratuita e, através de sua progressiva espiritualização, o homem adquirirá, um dia, o conhecimento por imersão em estados vibratórios e por exposição da psique às correntes nouíricas.

Por que, ao invés de um esforço mnemônico para acumular noções, a formação cultural não deverá ser um processo de sensibilização da psique, que lhe permita a captação das ondas-pensamento por sintonização?

Tenho a sensação de um erro fundamental em todo o sistema cultural moderno, consistente na descentralização do conhecimento no particular, o que conduz ao desnorreamento na especialização; tenho a sensação de que sob o peso esmagador de uma série enorme de noções, ao invés da centralização conceptual que, nos princípios, nos fornece a chave de todos os problemas, se atinge a dispersão. O saber não é uma congêrie de conhecimentos: é uma superfície que não se domina permanecendo no chão, percorrendo-a em todos os sentidos, mas, somente, elevando-se à altura de uma dimensão superior. A verdadeira cultura é algo de qualitativamente diferente da erudição, é um sentido. Para o registo e armazenagem da erudição não bastam as bibliotecas? A psique tem funções diretivas a cumprir mais importantes que as registrações mecânicas, semelhantes a pesada carga para a inteligência, correspondente ao trabalho material de caráter inferior.

Na verdade, hoje se começa a pensar, mas como? A produção é caótica, paleontológica, estrondecante: não é um concerto. Tenta-se, mas não se domina. A mole cultural é embaraçosa,



não auxiliando, antes dificultando a síntese; o saber é exterior e desorientado e não destila na transparência que deixa ver os princípios. É raro o caso da intuição que se desembaraça do passado, deixando de repetir velhas coisas que existem em todos os livros e se lança, virgem, pelas vias da criação. A orientação materialista do século mecanizou também o saber, criou um tipo de sabedoria utilitária acessível a todos, uma vestimenta que todos podem usar; a cultura, porém, é um impulso interior, cujo segredo está na força da alma.

É necessário impelir o atual desfraldar de competições para uma direção diferente, importa deslocar o centro psicológico da vida. Atualmente o pensamento é um esforço, porque tem de emergir da cegueira da matéria; porém, em fases mais altas de sensibilização, é espontâneo, jubiloso, repousante. As atmosferas mais rarefeitas da evolução são construídas de pensamento; basta atingi-las.

A escola deveria ser uma palestra de formação de consciências, nunca de fatigados carregadores de conhecimentos, oprimidos pelo trabalho aquisitivo de noções.

A sufocante supercultura moderna deve ser aligeirada em verdades mais simples e sintéticas. Estas podem parecer coisas longínquas, mas o são talvez menos do que se acredita. A vida caminha e não pode parar. A evolução se dirigirá necessariamente à normalização de todas estas audácias; a ciência não poderá permanecer sempre tão limitadamente utilitária e sentirá necessidade de completar-se e o mundo explodirá nesses psiquismos superiores. O pensamento superará seu hodierno período paleontológico e será a potência do homem do futuro, pois o mundo tem vivido sempre e sempre viverá de superações.

Já agora tudo disse a respeito do meu caso. Na "*A Grande Síntese*" descrevi as noures como as senti; aqui descrevo as minhas sensações ao senti-las. Observamos o fenômeno inspirativo em muitos outros casos, separamo-lo tecnicamente e agora concluímos com as conseqüências práticas. Agora se pode compreender o que é "*A Grande Síntese*". Exteriormente é uma nova filosofia da ciência, com conclusões ético-sociais, uma demonstração racional de problemas científicos e éticos até agora ainda não resolvidos e demonstrados. É uma reconquista de todo o disperso conhecimento humano para levá-lo à unidade. É por esta sua amplitude de visão conceptual que reúne o pensamento religioso e o científico a gênese mosaica e o evolucionismo darwiniano já expresso pela esfinge egípcia, porquanto religando-se a todas as revelações atinge a verdade única e é realmente a obra da unificação. Unificação mais profunda do pensamento humano, mais completa fusão de ciência e fé não se poderia imaginar. A evolução biológica tem seu prosseguimento na ascensão espiritual das religiões, ao longo de uma única linha. "*A Grande Síntese*" realizou a audaciosa obra de fazer a ciência flanquear a revelação na mesma linha de desenvolvimento. É também o fato completo a demonstrar a prática aplicabilidade do método da intuição, que nela oferece seus produtos, concretos, úteis. É uma nova pedra do edifício inspirativo, que prova a realidade da captação nouírica e, mais longe, da evolução psíquica em vários planos de consciência.

"*A Grande Síntese*", porém, é algo mais. Possui um seu aspecto interior e é o documento que comprova a existência real do supersensório, atingido através da inspiração. Poderá tudo isso parecer exaltação, entretanto, tudo está preso em cadeias de lógica. As pedras são inertes, o espírito é vivo e audacioso e eu o prendi num cárcere de racionalidade a fim de que esta oferecesse a garantia da seriedade.

No seu aspecto interior e profundo, a "Síntese" é uma revelação. Num mundo em que todo ser é estrangido por uma lei feroz a reclamar da carne do semelhante seu próprio alimento, esta é uma Voz que tem um timbre diferente. É uma revelação atingida conscientemente através de métodos precisos de que apresentei a técnica. Sua vestimenta científica é exterior e cobre, realmente, uma substância evangélica que une a "Síntese" ao desenvolvimento gradual, na Terra, do pensamento de Cristo, que, como vimos, é uma contínua emanação. A

"Síntese" torna a trazer ao seio da vida o Evangelho, que hoje parece constituir suprema utopia, unido à grande inimiga — a ciência — como um novo passo no caminho milenário que conduz à realização na Terra do Reino dos Céus.

Séria afirmação! Ondulou vagamente na profundidade de minha consciência, através de todo este escrito, e somente agora, quando tenho de concluí-lo, encontrou um caminho para explodir em sua plenitude. Eu mesmo não havia avaliado a profunda significação desta ou daquela sentença por mim proferida e este conceito só agora o compreendo, ao investir-me ele como uma revelação. A forma da mediunidade possui uma gradação evolutiva: envolve na direção da forma física; evolve no sentido da forma inspirativa.

**Agora compreendo o** significado da dor, da purificação, da ascensão moral, colocadas no caminho da evolução de minha mediunidade, caminho único que me pode permitir alcançar estas noures mais elevadas, que são minha meta. **Agora compreendo** porque, no conjunto dos grandes inspirados, escolhi, instintivamente, por simpatia, os inspirados da revelação cristã, apartando-me dos outros, embora também grandes. **Assim, compreendo agora** que me movo na linha da inspiração cristã e reconheço com que imensa noure me acho em sintonia. Entendo porque ao traçar a história dos grandes inspirados, anteriores ou posteriores a Cristo, sempre os vi encaminhando-se para Sua figura, central no mundo, e eles me apareceram naturalmente unidos em corrente na linha de lógico desenvolvimento desta grande noure em cuja esteira também se arrasta minha inspiração. **Agora compreendo** todo o significado da "**A Grande Síntese**" e como existe na verdade, essa grande noure cristã que, de Moisés até hoje, jamais silenciou.

Com tudo isso, quero indicar apenas a direção de proveniência da minha fonte nourica que, localizando-se no Alto, está próxima daquela unificação em que tudo se funde em Deus. Não é Ele a fonte de todas as coisas? Que há de extraordinário em uma inspiração descer do Alto? Por que essa grande potência central deveria estar ausente, distante da Terra? Não existe Lá para erguer continuamente as criaturas no caminho das ascensões do espírito? Falo do Cristo cósmico, imensamente maior que o Cristo histórico<sup>53</sup>. Com isso, repito, somente indico a direção, porque, como já disse, a luz, filtrada através de potências intermediárias e noures de redução, não sei quanto teve de ofuscar-se para chegar até mim, não obstante minha tensão ascensional e isso por causa da opacidade de minha mediação; na regização, certamente o pensamento original assinalará traços de meu cansaço e de minha inferioridade humana. Nada disso é prodigioso; tudo é lógico, normal.

O martírio era um meio feroz, necessário em tempos ferozes, para fazer compreender a verdade a uma humanidade feroz. Já não é ele hoje necessário porque se entendeu a psicologia de reação que as perseguições geram e é, por isso, considerado ato de má política. Atualmente, importa trabalhar não com o sangue, mas com o pensamento.

O momento histórico justifica essa descida de pensamento dos planos superiores e já vimos que a história é uma consciência viva que lança forças próprias e produz os acontecimentos necessários à sua evolução. O momento histórico é grave. Há, em seus eventos, um preparar-se de maturações tão solenes como jamais houve em tempo algum. Encontramo-nos numa grande curva da história do mundo e todos o pressentem. A humanidade está lançando as bases do novo milênio, está jogando a carta de sua salvação ou de sua ruína. Há hoje aquela mesma plenitude da civilização romana que se precipitou nas invasões bárbaras, a mesma plenitude da realeza de França que se precipitou na Revolução

Importa dar novamente à Europa a consciência da unidade de civilização e de destino; depois da conciliação política entre o Estado e a Igreja, na Itália, urge atualmente esta maior conciliação espiritual entre a ciência e a fé, no mundo<sup>54</sup>; é necessário encontrar em Deus a unidade fundamental da verdade e do pensamento. Existe, porém, nas almas o desejo da verdade e a cisão entre ciência e fé é um caso de involução. A evolução, entretanto, é a grande lei da vida, é irresistível lei de unificação.

As civilizações se cansam; só o espírito pode dar-lhes a força capaz de rejuvenescê-las. E o espírito está no Alto, na direção de Cristo, Que está presente, sabe e vela.

Compreendido o mecanismo interior da vida e da sua evolução, tudo isso é lógico. É lógica também esta minha sinceridade. Agora se pode entender como este segundo volume é necessário para esclarecer, no mais íntimo, "*A Grande Síntese*", que, de outro modo, poderia permanecer ininteligível, mal interpretada em sua linguagem, por vezes audaz e apocalíptica, a ponto de poder parecer ironia se aceita como produto de minha consciência normal.

Eu mesmo deveria e só eu poderia explicar certas coisas. Através desse dobrar-se sobre mim mesmo, tinha de chegar a compreendê-las.

Com o presente volume, não apenas cumpri um novo dever, mas este trabalho de reflexão foi indispensável sobretudo para mim mesmo, para minha própria compreensão

Fiz, neste escrito, afirmações graves: elas me empenham. Destruí as pontes à minha retaguarda: não mais me é possível retirar-me. Este também era um dever meu.

Que sucederá agora? Aonde me conduzirá a evolução de minha mediunidade? Que novos conceitos registrará minha captação nouírica? Que nova maturidade espiritual e sensibilização perceptiva me trará o futuro? Que sucede nas profundezas de meu destino? De qual meta, na eternidade, me aproximo eu?

Espero a maturação de meus estados interiores e através dela o contacto com novas correntes de pensamento que revelem, primeiramente a mim mesmo, qual seja a direção que deve assumir meu trabalho. Sei que a fonte de pensamento é inesgotável. Entretanto, o que seja que possa acontecer, de uma coisa estou certo: o passado não morre; o passado é a base do futuro no qual sempre ressurgue e, por isso, jamais foi vivido em vão.

**FIM**

